



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ÉDERSON RICARDO SCHMITT

A DEMOCRACIA PRECISA DE VOCÊ!

A campanha “Ouro para o bem do Brasil” e o processo de legitimação do golpe civil-militar de 1964.

Florianópolis
Dezembro,
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

A DEMOCRACIA PRECISA DE VOCÊ!

A campanha “Ouro para o bem do Brasil” e o processo de legitimação do golpe civil-militar de 1964.

Trabalho de Conclusão de Curso de Éderson Ricardo Schmitt realizado sob a orientação da professora Liane Maria Nagel apresentado a Universidade Federal de Santa Catarina, como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em História.

Florianópolis
Dezembro, 2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos seis dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezesseis, às catorze horas, na Sala Calêndula do Centro de Eventos – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela Professora **Liane Maria Nagel**, Orientadora e Presidente, o Professor **Márcio Voigt**, Titular da Banca, e o Professor **Adriano Luiz Duarte**, Suplente, designados pela Portaria nº53/HST/16 da Senhora Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Éderson Ricardo Schmitt**, subordinado ao título: “**A DEMOCRACIA PRECISA DE VOCÊ! A campanha “Ouro para o bem do Brasil” e o processo de legitimação do golpe civil-militar de 1964**”. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido da Professora **Liane Maria Nagel**, a nota final 9,0, do Professor **Márcio Voigt**, a nota final 9,0, e do Professor **Adriano Luiz Duarte**, a nota final; sendo aprovado com a nota final 9,0. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva em versão digital, ao Departamento de História, até o dia nove do mês de dezembro de dois mil e dezesseis. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 6 de dezembro de 2016.

Banca Examinadora:

Prof. A **Liane Maria Nagel**

Prof. **Márcio Voigt**

Prof. **Adriano Luiz Duarte**

Candidato **Éderson Ricardo Schmitt**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o
acadêmico(a) Ederson Ricardo Schmitt, matrícula
n.º 12101827, entregou a versão final de seu TCC cujo título é
A democracia precisa de você! A campanha "ano para o Brasil e o
passo de legitimar o golpe constitucional de 1964.
com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 08 de dezembro de 2016

Orientador(a)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Pedro Schmitt e Neusa Maria Schmitz Schmitt, que tanto me ajudaram nessa caminhada até aqui e pela paciência por ter que ler esse trabalho tantas vezes para me apontar apontamentos necessários.

Aos meus avós, Manfredo Ernesto Schmitz pelas longas conversas políticas e sobre meu tema, afinal, foi graças a ele que me interessei a pesquisar sobre e Nair Schmitz por todo o apoio que tem me dado até aqui – e por aquele bolo de chocolate que só ela sabe fazer e que sempre me animou em meus dias tristes.

A todos que me ajudaram de alguma forma até o momento, em especial a Maria de Lourdes Hess que foi uma bela companhia durante meu último ano na cidade insular

Aos meus colegas de curso pelos anos de convivência e paciência

A minha orientadora Liane Maria Nagel pelos apontamentos sempre precisos. Algo que, com certeza sempre levarei em futuras pesquisas das quais almejo fazer.

A todos os meus amigos que fiz durante minha graduação, sendo do curso de História ou não.

Em memória a um pequeno ser que me mostrou que não precisamos compartilhar a mesma raça para cultivarmos uma relação de amizade. Uma amiga de quatro patas que foi uma das minhas maiores alegrias e que me ajudou muito em meus momentos de solidão e tristeza em uma cidade tão estranha para mim como Florianópolis. Uma cachorrinha que convivi durante pouco tempo, mas que logo passei a gostar – e com minhas idas noturnas ao seu lado oferecendo um pedacinho de carne ou ração, tenho certeza que ela também gostava. Infelizmente não estava perto quando ela se foi, mas senti e sentirei sua falta. Por isso afirmo: Uma verdadeira amizade vale mais do que todo o ouro do mundo. Descanse em paz Vic.

RESUMO

O golpe civil-militar de 1964 no Brasil pode ser visto como um marco em nossa história. O período democrático chegava ao fim com a posse de Castelo Branco, seguindo-se a mais de duas décadas de perseguições políticas, lutas armadas e cerceamento da liberdade. Por ser um período impar e ainda muito recente – com muitas feridas em aberto – a historiografia possui um vasto estudo, se pautando desde sua origem – com o golpe – até o processo de redemocratização na segunda metade da década de 1980. Mas de certa forma há ainda algo pouco estudado no que se refere ao período. Me refiro a percepção das pessoas, do povo em geral, no que concerne a campanha “Ouro para o bem do Brasil” ocorrida no início do governo Castelo Branco. Ela arregimentou a sociedade civil com o objetivo de ajudar a salvar as finanças do país e da mesma forma dar um voto de confiança ao novo presidente. Tendo sido gestada por civis e militares, a campanha foi usada para buscar uma legitimidade democrática ao novo governo, onde os cofres representariam as urnas, e da mesma forma, as esperanças para o glorioso futuro que a nação almejava.

Palavras chaves: Golpe civil-militar; Ouro para o bem do Brasil; Legitimidade; Ditadura; Imprensa escrita;

ABSTRACT

The 1964 civil-military coup d'état in Brazil can be seen as a landmark in our history. The democratic regime came to an end with the inauguration of Castelo Branco's presidency and the two decades of political persecution, armed fights and the restriction of liberties. Since it is such a unique time and still very recent - with still several open wounds in these days - there is a vast collections of historiographical studies from the coup's origins to the process of redemocratization on the second half of the 80's. but there is still something referred to this topic that hasn't been studied. I'm talking about the people's perception about the "gold for the good of Brazil" campaign that occurred in the beginning of Castelo Branco's rule. It recruited the civil society with the goal to help to save the country's finances and at the same time to give a vote of confidence to the new president, recruited the civil society as a means to save Brazil's finances and at the same time to give a vote of confidence the new commander in chief. Having been ruled by both military and nonmilitary personnel, the campaign was used as a search for a democratic legitimacy to the new government, when the economy represented the ballots and the hope for a glorious future that the nation so much desired.

KEYWORDS: Civil-military Coup, Gold for the good of Brazil, Legitimacy, Dictatorship, Written press,

Sumário

Introdução.....	p.7.
Capítulo 1 – A crise de 1964 e o Golpe Civil-Militar.....	p.14.
Capítulo 2 – A Campanha do Ouro para o bem do Brasil e os primeiros discursos sobre legitimidade na gênese da Ditadura.....	p.27.
Capítulo 3 – A busca da Legitimidade: a democracia, a elite orgânica e a racionalidade na Campanha.....	p.66.
Considerações Finais.....	p.78.
Anexos.....	p.83

Introdução

Este trabalho de conclusão de curso trata da campanha “Ouro para o bem do Brasil” e o processo de legitimação do golpe civil-militar de 1964. Por isso, uma das primeiras questões que me indaguei foi sobre como um governo ditatorial, marcado desde seus primeiros dias por perseguições políticas, após golpear as instituições democráticas preexistentes se pauta em uma busca por legitimidade frente à sociedade civil, pretendendo mostrar que seu governo é o representante verdadeiro dos anseios do povo? Essa questão será o eixo chave que esta pesquisa se propõe a responder.

José Murilo de Carvalho em seu clássico livro *A formação das almas: O imaginário da República no Brasil* afirma que *a elaboração de um imaginário é parte integrante da legitimação de qualquer regime político*¹. No governo Castelo Branco – o primeiro dos presidentes gerais – isso não deixa de ser verdade. Era preciso buscar um imaginário que atingisse não só *a cabeça mas, de modo especial o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças [do] povo*².

Essa busca pelo imaginário foi um dos alicerces da pretensão à legitimidade do governo militar. Há estudos historiográficos que se pautam em compreender os discursos de legitimidade vindo dos militares, como a obra de Maria José Rezende³, mas há poucos que buscam articular a pretensão de legitimidade não apenas nos discursos dos generais presidentes, mas sim, da mesma forma dos civis.

Por ter sido a campanha do ouro algo que arregimentou a sociedade civil e que ainda, mesmo mais de cinquenta anos após sua realização ainda evoca certas dúvidas sobre os valores arrecadados e o destino dado a eles – voltaremos a isso no segundo capítulo - não deixa de ser uma surpresa a falta de teses ou monografias a seu respeito. Diferentemente de seus organizadores, que acreditavam que a campanha ficaria na história, sendo ela o símbolo máximo do patriotismo do povo brasileiro, ela, na verdade acabou sendo esquecida, caindo no limbo histórico.

¹ CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 10.

² Idem, p. 10.

³ DE REZENDE, Maria Jose. **A ditadura militar no Brasil: repressão e pretensão de legitimidade, 1964-1984**. Editora UEL, 2001.

Razões para isso não faltam. Tendo sido realizada em um momento onde as perseguições políticas e às esquerdas em geral estavam em alta no país, ela acabou caindo no esquecimento, não apenas dentro da sociedade mas também dentro da academia. A historiografia brasileira, ao estudar o período se pautou em sua maioria em responder acerca das perseguições, mas ainda pouco olha para como a sociedade civil, ou seja, como o povo se relacionou com o novo governo militar, em especial com o de Castelo Branco.

A resposta para essa questão é de suma importância para compreendermos como o processo de legitimidade do governo militar se pautou e como o povo se relacionou com ele.

Por mais que as perseguições políticas não podem ser desconsideradas – até porque o regime se instaura com um viés de limpeza no meio político e social – a aceitação ou não do governo militar por parte da sociedade, do povo comum que presenciou toda a crise política e econômica é importante. Ela se relaciona com seus próprios anseios e esperanças de um futuro. A partir principalmente dessa questão que a campanha foi lançada e conseguiu se espalhar por quase todo o território nacional.

O objetivo deste trabalho é analisar a campanha e perceber como ela se pautou para legitimar o governo militar. Ao mesmo tempo entender como as pessoas que doaram seus recursos se relacionavam com o novo presidente e a nova situação política na qual o país atravessava.

A minha pesquisa utilizou como fontes principais as notícias de jornais. Por ter sido a campanha organizada dentro do meio jornalístico, acredito que a escolha tenha sido acertada. Na historiografia o uso de fontes escritas como os jornais se enquadra em um longo processo de renovação das fontes de pesquisa. Se no século XIX os historiadores se pautavam em fontes que prezavam a neutralidade e objetividade essa relação vai se alterando ao longo do século seguinte. Sendo os jornais então obviamente não neutros, acabavam sendo relegados a uma visão negativa no que os concerne como uma fonte histórica.

Com a Escola dos *Annales*, no início do século XX – que para o leitor não especializado entender, segundo o historiador Peter Burke é a revolução francesa na historiografia⁴ - essa relação passa a mudar. Novas formas de se analisar as fontes são discutidas e outros questionamentos são pensados. Apesar disso a utilização de periódicos e jornais demorará mais de meio século até se tornar algo corriqueiro. No Brasil, como afirma Tania Regina de Luca foi

⁴ BURKE, Peter. **A escola dos ANNALES (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, c1997. 154p

a partir dos anos setenta que a História da Imprensa brasileira começa a ser um objeto de estudo⁵. E é a partir do mesmo período que os jornais do país se tornam uma importante fonte primária para a historiografia, em especial para a História Política, relacionando com o poder e a grande imprensa⁶.

Em relação a campanha do ouro, eixo central desta pesquisa, não há como afirmar quaisquer coisas sobre ela sem se pautar sobre a imprensa. É nela que a campanha foi elaborada e gestada, e é nela que se percebe tensões e aspirações de certos grupos jornalísticos e políticos para com o novo governo. Não é uma fonte neutra – e nem poderia ser – mas nos mostra como certos grupos empresariais se relacionavam com o governo militar em sua gênese, em especial a figura de Edmundo Monteiro, à qual voltaremos.

A campanha é vista e discutida aqui por um viés da Nova História Política. Para José d' Assunção Barros o que pauta esse campo historiográfico é a busca do *poder*⁷. O historiador que se articula com esse campo tem como máxima entender como o “poder” se relaciona com a sociedade. A partir disso, a campanha que nasceu com a comunhão de órgãos de poder – como o exército, imprensa e políticos se torna mais clara.

Por ter sido um evento de alcance nacional não me deixa de surpreender a falta de trabalhos historiográficos sobre o tema. E quando me deparei com ele pela primeira vez me surpreendi. No momento em que estava no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva na cidade de Blumenau, ainda no princípio de minha pesquisa – que seria sobre o golpe civil-militar de 1964 na cidade – me deparei com um pequeno cartão com os dizeres: “Ouro de Blumenau para o Brasil. A pátria agradece a tua contribuição. Salve a Democracia: Blumenau, 1964. A Comissão”. Intrigado com o que estava em minha frente, fui pesquisar mais para entender o que era aquilo. E o que encontro – apenas uns sites esporádicos, infelizmente – me intriga ainda mais. Não era apenas uma campanha municipal como imaginava ser de início, mas sim algo muito maior, visto em todo o território nacional e que arrecadou uma quantia considerável de recursos logo após o golpe de trinta e um de março.

Creio que já expus os motivos porque penso que a campanha tenha sido esquecida na historiografia, mas de certa forma esse esquecimento é intrigante. Não foi algo simples, rápido e que envolveu poucas pessoas, foi sim algo grandioso. Milhares foram entregar seus recursos

⁵ LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 118.

⁶ Idem, p. 128.

⁷ BARROS, José D.'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Editora Vozes Limitada, 2012. p.107

nos cofres e bilhões de cruzeiros arrecadados (isso sem contar os objetos de ouro, que de tão importantes dão nome à campanha)

Com isso, “Ouro para o Bem do Brasil” não pode ficar no esquecimento. É de suma importância compreender seus meandros e como ela foi usada para buscar a legitimidade ao novo governo de Castelo Branco. E é justamente nesse ponto que o meu trabalho se centra, apesar que como o leitor verá, certas vezes fui além do ano de 1964 para entender outros aspectos não resolvidos relacionados com a campanha.

Escolhi dividir este trabalho em três capítulos. Creio que seja uma divisão acertada devido à complexidade do tema. No primeiro capítulo decidi fazer uma breve introdução sobre os acontecimentos políticos e militares que levaram ao golpe civil-militar, articulando com os principais historiadores que se abarcam sobre o tema.

No segundo capítulo a campanha se torna o eixo central de análise. Ao mesmo tempo em que vou narrando a sua evolução, sendo de certa forma um capítulo um pouco mais narrativo, desde seu início até seu encerramento no Rio de Janeiro, os primeiros discursos acerca da legitimidade vão aparecendo em minha análise. Se pautando nos dizeres dos organizadores, vou articulando como eles usam a campanha para dar legitimidade e criar uma imagem de Castelo Branco.

Enfim no terceiro e último capítulo, vou mais além trabalhando com os discursos que buscam a legitimidade, articulando como novos autores. Ao mesmo tempo a figura chave do jornalista Edmundo Monteiro, organizador da campanha se torna peça central para compreender a participação da imprensa no processo. E por fim, a campanha não teria o sucesso que teve se o povo não participasse. Na última parte do último capítulo atentarei ao o que ele pensava sobre o novo governo e por quais motivos ia doar seus recursos.

Sobre a questão metodológica, Sandra Jatahy Pesavento afirma que os historiadores em processo de pesquisa sempre utilizam o método da montagem. Para a autora ao se deparar com as fontes, o pesquisador as reconstrói e lhes dá novos significados, de acordo com suas leituras. Sendo assim, esse processo acontece ao *montar, combinar, compor, cruzar, revelar o detalhe, dar relevância ao secundário, eis o segredo de um método do qual a história se vale para se aproximar dos sentidos partilhados por homens de outros tempos*⁸.

⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de um método: as estratégias do fazer história. In: **História e História cultural**. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2008, p. 63-66.

Desta maneira, o historiador ao *Ler*, remeter uma imagem à outra, associar diferentes significantes para remeter a um terceiro oculto, portador de um novo significado [...] multiplica a capacidade de interpretação e faz parte das estratégias metodológicas que dão condições (...) para aplicar seu referencial teórico ao empírico das fontes. E com esse trabalho vão surgindo os capítulos, o texto, o resultado da pesquisa, pela montagem⁹.

⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. cit. p. 63-66.

Capítulo 1 – A crise de 1964 e o Golpe Civil-Militar

Crise política, econômica, participação dos Estados Unidos, movimento anticomunista [...] Há muitas formas de se analisar a conjuntura que levou o Brasil a vinte e um anos de uma Ditadura Militar e um longo período de repressão política, que marcou profundamente nossa história. Veremos mais adiante mais sobre cada uma dessas interpretações. O que se sabe é que o movimento democrático inaugurado após o Estado Novo (1937-1945) chegava ao fim em fins de março e início de abril de 1964 e um novo momento se iniciava¹⁰.

Há muitas análises que problematizam as gêneses do movimento golpista. Não cabe neste trabalho fazer uma discussão mais profunda sobre todas elas, mas sim, é preciso mostrar o que motivou a ação, tanto dos militares como da sociedade civil. Para isso, é necessário primeiramente compreender o processo que levou o presidente afastado na conjuntura do golpe, João Goulart à presidência da República.

Em agosto de 1961 o então presidente Jânio Quadros resolveu renunciar ao seu cargo. A atitude *foi um lance dramático e ainda pouco esclarecido*¹¹. A situação ficou mais grave pois o então Vice-presidente, João Goulart, estar em viagem diplomática a China. Sua volta ao Brasil para assumir o cargo fora impedida. Grupos militares e políticos se articularam proibindo sua volta ao país e consequentemente sua posse. A legalidade constitucional estava em jogo. Nesse contexto vale destacar a figura de Leonel Brizola, então governador do Rio Grande do Sul, que arregimentou a sociedade civil e grupos militares para respeitar a ordem legal e preservar a constituição, o que ficou conhecido como a Campanha da Legalidade.

Após dias dramáticos e de muitas tensões¹² a ordem legal foi estabelecida. João Goulart retornava ao país, mas não como presidente.

¹⁰ Alguns ramos da historiografia brasileira veem a crise dos anos 1960 e consequentemente o golpe como uma grande crise do regime populista e/ou “bonapartista”. A linha marxista de análise de Demier, por exemplo, conceitua o período 1945-1964 como um “bonapartismo democrático” e o seu fim levado a cabo por frações da burguesia nacional em conjunto com facções das Forças Armadas em 1964. **DEMIER, Felipe Abranches. O longo bonapartismo brasileiro (1930-1964): Autonomização relativa do estado, populismo, historiografia e movimento operário.** 2012

¹¹ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Em guarda contra o “perigo vermelho”: O anticomunismo no Brasil (1917-1964), São Paulo, Perspectiva/FAPESP, 2002. p. 234.

¹² Para maiores detalhes sobre a Campanha da Legalidade: KONRAD, Diorge Alceno; LAMEIRA, Rafael Fantinel. Campanha da Legalidade, luta de classes e Golpe de Estado no Rio Grande do Sul (1961-1964). **Anos 90**, v. 18, n. 33, 2011.

Para evitar conflito maior articulou-se a solução da emenda parlamentarista, arranjo que demoveu os opositores à posse. Aceitaram a ida de Goulart para o Palácio do Planalto porque o poder presidencial ficava limitado em suas prerrogativas, manietado pelo aumento da influência do Congresso¹³.

O parlamentarismo foi o arranjo encontrado para apaziguar os opositores de Jango, mas também foi a única forma encontrada por ele para poder assumir o cargo sem que houvessem maiores tensões. Sendo mal visto por grupos anticomunistas por seus históricos contatos com as esquerdas e sindicalistas, Jango seria severamente atacado por esses grupos, como se verá a seguir.

Se a situação política estava longe de ser das melhores, a econômica necessitava das mais altas preocupações.

Goulart herdou uma pesadíssima crise econômico-financeira. Entre a posse de Jânio Quadros e a dele, foram emitidos 87 bilhões de cruzeiros. Desse total, 58 bilhões foram emitidos nas duas semanas em que os ministros militares tomaram o poder. O reflexo imediato foi o crescimento dos índices de inflação que, em 1961, alcançou a casa dos 45%¹⁴.

Com a pesada crise econômica que apenas se agravava, Jango ainda teria outro grande problema. Logo após a sua posse grupos militares e empresariais passaram a conspirar contra o governo.

Nas semanas iniciais de seu governo, começou a conspiração civil-militar articulada pelos grupos políticos mais conservadores e direitistas. Os três ministros militares de Jânio Quadros, logo que entregaram os cargos, passaram a tramar a destituição de Goulart, sobretudo o marechal Odílio Denys, com o apoio, inclusive, de um grupo de empresários cariocas. A eles juntaram-se os generais Cordeiro de Farias e Olímpio Mourão¹⁵.

Os ecos da malograda tentativa golpista pós renúncia ainda eram evidentes. Odílio Denys, ministro da Guerra em 1961 era um dos líderes militares do movimento que impedia a posse de Jango. Mas é evidente que, apesar de ainda tímida, a conspiração que levaria ao

¹³ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “perigo vermelho”: O anticomunismo no Brasil (1917-1964)**, São Paulo, Perspectiva/FAPESP, 2002. p. 234

¹⁴ FERREIRA, Jorge. **O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964**. In: _____; DELGADO, Lucilia A. N. (orgs.). *O Brasil republicano* (v. 3). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 350.

¹⁵ Idem, p. 349.

afastamento do presidente e a ditadura em 1964 começava a tomar forma em meios militares e empresariais.

Apesar das crises econômicas, políticas e militares, logo após assumir, Jango se voltou a realizar aquilo que era sua principal bandeira, e dos grupos de esquerda: as reformas de base.

Para os grupos nacionalistas e de esquerda, tratava-se de um conjunto de medidas que visava alterar as estruturas econômicas, sociais e políticas do país, permitindo um desenvolvimento econômico autônomo e o estabelecimento da justiça social. Entre as principais reformas, constavam a bancária, fiscal, urbana, tributária, administrativa, agrária e universitária, além da extensão do voto aos analfabetos e oficiais não-graduados das Forças Armadas e a legalização do PCB¹⁶.

Jorge Ferreira destaca que os oficiais não-graduados das Forças Armadas estavam em um intenso período de politização. Grupo atuante na conjuntura da crise de 1961, articulado com valores das esquerdas e nacionais-reformistas almejavam ampliar seu espaço político e ao mesmo tempo, *com o apoio dos movimentos sociais, pressionar a alta cúpula militar no sentido de acabar com as arbitrariedades e discriminações que sofriam nos quartéis, “democratizando” as Forças Armadas*¹⁷.

As reformas da base eram a principal bandeira das esquerdas, e a discussão girava principalmente em torno da Reforma Agrária. O governo, que enfrentava grave crise econômica propôs indenização aos proprietários de terra em valores da dívida pública. Os grupos políticos conservadores, em especial a UDN, argumentavam que a indenização prévia deveria vir apenas em dinheiro, como garantia a Constituição. A esquerda por sua vez não aceitavam negociar, e a ala mais extremada incitava o presidente ao ataque contra o Congresso. Os dois lados do espectro político se radicalizavam.

O processo de radicalização política era intenso, e enquanto isso, o plebiscito popular que demoveria os poderes de presidente a João Goulart estava sendo votado. A eleição aconteceria no dia 6 de janeiro de 1963. O resultado foi uma vitória espetacular de Goulart. O presidencialismo estava de volta.

Vale destacar que a defesa da volta do presidencialismo não foi apenas uma bandeira das esquerdas. Outros grupos políticos, como os conservadores e empresariais também passaram a defender a volta do antigo regime, já visando futuras eleições.

¹⁶ FERREIA, Jorge. Op. Cit, p. 352.

¹⁷ Idem, p. 354.

Empossado como presidente e tendo uma difícil situação econômica nacional para enfrentar, Jango optou por um governo de negociações e acordos entre o centro e a esquerda, com o objetivo de evitar a radicalização do governo, mas a situação econômica era um problema. *Em 1963 O déficit do Tesouro Nacional chegou a Cr\$ 280 bilhões, quase 60% da arrecadação tributária. Em dezembro do ano anterior, a inflação alcançara a casa dos 8%, enquanto as emissões de papel-moeda chegaram a Cr\$ 90 bilhões*¹⁸.

Para contornar a crise o governo lançou um plano que consistia em conter a inflação por meios ortodoxos, sem atacar o FMI e ao mesmo tempo dar condições para as tão sonhadas reformas, no que ficou conhecido como o Plano Trienal. O sucesso do Plano dependia de um acordo entre os trabalhadores e empresários. Mas o que se viu foi um grande processo de radicalização de ambos os lados.

Na tentativa de convencimento, lideranças sindicais e empresariais foram convocadas. A estratégia de Goulart era a de persuadir pelo diálogo. No entanto, logo no final de janeiro. Luís Carlos Prestes atacou duramente o Plano Trienal a Leonel Brizola, que, por sua vez, passou a liderar a oposição ao projeto de Furtado. O CGT, inicialmente sem uma definição clara, logo aderiu aos argumentos de Prestes e Brizola manifestando contrariedades, sobretudo no tocante às restrições aos reajustes salariais [...] A Federação das Indústrias do Estado da Guanabara (FIEGA) demonstraram franca oposição, apegando-se a um liberalismo exacerbado, pregando o “livre câmbio” e o não intervencionismo estatal¹⁹.

Sem o apoio necessário para levar adiante o projeto econômico conciliador, e com a grave crise econômica e inflacionária, Jango novamente voltou a apostar naquilo que seria seu maior legado, as Reformas de Base, em especial a reforma agrária. Por outro lado, grupos políticos conservadores, como já vimos, não aceitavam o projeto de lei. Argumentavam que a reforma, era um atentado à propriedade privada e que deveria ser descartada. Grupos mais à esquerda não aceitavam negociar. E no interior pipocavam lutas pelas terras. No nordeste brasileiro o protagonismo ficava às Ligas Camponesas²⁰.

Em um cenário de crise política e de radicalização de ambos os lados, as dificuldades eram evidentes.

Em 4 de outubro, o Presidente enviou ao Congresso pedido de autorização para decretar Estado de Sítio. A comoção foi enorme e a oposição à medida reuniu quase

¹⁸ FERREIRA, Jorge. Op. Cit. p. 363.

¹⁹ Idem, p. 364.

²⁰ Sobre as Ligas Camponesas: STEDILE, João Pedro. **Questão agrária no Brasil v. 4. História e natureza das Ligas Camponesas, 1954-1964**. Expressão popular, 2006.

a unanimidade das forças políticas. O episódio é revelador das dificuldades encontradas por Goulart para manter sua política “equilibrista”. À esquerda e à direita, ninguém entendeu o objetivo do governo, cada lado achando que o Estado de exceção representaria um golpe perpetrado pelo grupo oposto. Vendo-se isolado, o governo não teve alternativa senão recuar e retirar o pedido²¹.

Enquanto a situação política presidencial se encontrava em situação delicada, grupos articulados e com ligações com os EUA passaram a fazer pesadas críticas ao governo Jango. Imbuídos de ideias ultraliberais e anticomunistas, passaram a atacar o “populismo”²² e a infiltração comunista no governo, sendo o IPES e o IBAD os nomes mais evidentes. Formados por grupos civis e militares, tinham como principal objetivo a desestabilização do governo Goulart, atacando o trabalhismo e o comunismo, sendo esse visto simplesmente como a antítese de democracia. Com sua *elite orgânica* – voltaremos sobre ela no último capítulo – desejava aliar grupos empresariais propagando sua visão de mundo, criando assim, nas palavras de Rene Dreifuss, *uma classe para si*²³.

Com a situação econômica difícil e a inflação desgastando os trabalhadores a situação estava difícil. Sem poder partir para um grande projeto ortodoxo de estabilização financeira – algo que ia contra a própria história do presidente sendo ela ligada a ala nacionalista e trabalhista – o próprio governo dos Estados Unidos, junto com o FMI *em atitude intransigente, bloquearam todos os créditos ao Brasil, exigindo um duro plano de estabilização da moeda*²⁴. Com o governo estadunidense pressionando o governo brasileiro a situação econômica apenas piorava.

Nos quartéis, por sua vez, a alta oficialidade do Exército estava temerosa, principalmente após o episódio em que grupos subalternos da oficialidade, após a Justiça Eleitoral ter considerado suas candidaturas inelegíveis em 1962, tomaram o controle da capital federal em setembro de 1963.

Todos que assumiram cargos eletivos, como Garcia Filho, teriam os seus mandatos suspensos. O sargento do Exército Prestes de Paula, presidente do Clube dos Suboficiais Subtenentes e Sargentos das Forças Armadas e Auxiliares do Brasil, com

²¹ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Op.cit. p. 257

²² O conceito de “populismo” é bastante difícil de ser estabelecido, pois existem várias disputas acerca seu significado. Para este trabalho escolhi a lógica de Felipe Demier, que o entende ligando-o com o conceito de bonapartismo, no qual a elite abre mão de seu poder político para assim garantir a ordem. In. DEMIER, Felipe Abranches. Op. cit. p. 369.

²³ DREIFUSS, Rene Armand. **1964: a conquista do estado: ação política, poder e golpe de classe**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. 814p. p. 252.

²⁴ FERREIRA, Jorge. Op. cit. p. 368.

sede em Brasília, convocou os seus colegas para discutirem formas de protesto, O resultado da assembleia não foi apenas realizar um “protesto armado” mas sim desencadear um insurreição popular armada de âmbito nacional. Tomar o poder pelas armas, eis a decisão. Rapidamente obstruíram as rodovias estratégicas, dominaram o aeroporto civil, o Serviço de Rádio-Patrolha do Departamento Federal de Segurança Pública no Ministério da Justiça e a Central Telefônica. Invadiram e tomaram de assalto a Base Aérea e o Grupamento de Fuzileiros Navais. O mesmo ocorreu com o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal²⁵.

Apesar de ter sido rapidamente controlada por forças legalistas, a situação corroeu a hierarquia militar e foi muito mal visto pela alta oficialidade. Sendo apoiada por uma parcela da esquerda, a tomada de Brasília teria consequências desastrosas para o futuro do governo Goulart.

Disseminou-se, nos quartéis, a desconfiança da oficialidade contra eles. Para uma instituição baseada na hierarquia e na disciplina, o episódio era intolerável, verdadeiramente insuportável. Muitos oficiais que simpatizavam com a causa nacionalista, e daí certa tolerância em relação às organizações dos sargentos, recuaram, exigindo que a disciplina e a hierarquia fossem mantidas de maneira severa e rigorosa²⁶.

Cria-se assim um racha na oficialidade. Oficiais de baixa patente, desejosos com uma maior participação política se politizavam. Em contrapartida, grandes oficiais temerosos com a crescente bandeira de seus subordinados desejam restaurar a *disciplina nas Forças Armadas após o episódio da revolta dos sargentos em Brasília, bem como conter a agitação sindical*²⁷.

Enquanto uma crise no seio militar se instaurava, no governo a situação em nada melhorava. Para Goulart, *a sua estratégia de conciliação entre as diversas forças políticas fracassara*²⁸. Passou então a seguir o caminho da esquerda, ou como afirma Jorge Ferreira, embarcou na *canoa das esquerdas*²⁹.

Com o Comício da Central realizado dia 13 de março de 1964, *a aliança do governo com o movimento sindical urbano, com os trabalhadores rurais e as esquerdas, notadamente o PCB e a ala mais radical do PTB, foi selada*³⁰. Marcada por discursos de certa forma radicais e ofensivos, principalmente vindo de políticos mais radicais o plano das Reformas de Base foi sua tônica e sua síntese. Enquanto o governo pendia para a esquerda radical, o grupo

²⁵ FERREIRA, Jorge. Op. Cit. p. 370.

²⁶ Idem, p. 371.

²⁷ Ibidem, p. 372.

²⁸ Ibidem, p. 375.

²⁹ Ibidem, p. 382.

³⁰ Ibidem, p. 382.

conspirador de direita se articulava. Como resposta ao comício do dia 13, foi organizado as Marchas da Família com Deus pela Liberdade. Elas foram

o “comício da Central” do lado conservador, ou seja, se constituiu em evento altamente impactante no que tange à mobilização antiesquerdista. Sua preparação, por sinal muito cuidadosa, reuniu toda a elite paulistana em verdadeira frente anticomunista e antiGoulart, que conseguiu levar para a região da Praça da Sé enorme massa humana³¹.

Imbuídos de um sentimento anticomunista milhares de pessoas estiverem presentes. Na capital paulista, tendo o dia dezenove de março como data de sua realização uma multidão foi as ruas demonstrar seu repúdio ao comunismo e as esquerdas. O processo de desestabilização do governo estava em alta.

Com isso, como afirma Carlos Fico, há diferenças entre o processo de desestabilização do governo com a ação dos golpistas. Segundo ele: *Em relação ao golpe, propriamente dito, existem evidências de sua preparação “apenas” a partir de 1963. Por isso é necessário distinguir a “campanha de desestabilização (do governo Goulart) da “conspiração” (para a derrubada do governo Goulart)*³². Para o autor, que vê a participação dos Estados Unidos no jogo democrático brasileiro como central no contexto do golpe, a intervenção estadunidense na política brasileira teve início durante as

Eleições parlamentares de 1962, [...] ultrapassando, em muito, os níveis “normais” de propaganda ideológica que os Estados Unidos habitualmente faziam em qualquer país, enaltecendo do os costumes norte-americanos e defendendo o capitalismo contra o comunismo. O próprio embaixador Lincoln Gordon confessou que foram gastos, pelo menos, US\$ 5 milhões de dólares para financiar a campanha eleitoral dos candidatos favoráveis à política norte-americana e opositores de Goulart³³.

A participação norte-americana no processo de desestabilização do governo Goulart começou logo após o presidente tomar posse – ainda sob o regime parlamentarista. Evoluindo de uma desestabilização de governo, aos fins de 1963 já tomava forma de um golpe para derrubada de Jango. A embaixada estadunidense no Brasil se articulava sobre essas questões.

A campanha de desestabilização evoluiria para o planejamento de um possível golpe: como deveria comportar-se o governo norte-americano na hipótese de grupos brasileiros tentarem remover Goulart do poder? A possibilidade de afastar Goulart da

³¹ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Op.cit. p. 265.

³²FICO, Carlos. **O grande irmão: da operação Brother Sam aos anos de chumbo : o governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. 334p. p. 76.

³³Idem, p. 77.

Presidência da República do Brasil parece ter se constituído em alternativa efetiva de trabalho para o governo norte-americano, no final de 1963³⁴.

O embaixador estadunidense no Brasil, Lincoln Gordon – voltaremos a ele em momento oportuno - foi uma dos maiores articuladores do golpe que viria a ocorrer no Brasil. Na véspera se articulava com norte-americanos sobre o perigo que o Brasil, segundo sua visão passaria.

Em um telegrama que enviou ao Departamento de Estado, classificado como “ultra-secreto”, em 28 de março de 1964, Gordon reafirmou suas teses de que Goulart estava empenhado em um golpe para obter poderes ditatoriais, com a colaboração do PCB e de outros membros da “esquerda revolucionária radical”, repetindo sua avaliação de que o presidente optaria por uma ditadura de tipo peronista que acabaria por levar o Brasil ao comunismo³⁵.

Como vemos, a tese de que o presidente Goulart desejava implantar uma ditadura não condiz com seus atos. Sempre se pautando em um discurso conciliatório – até quando isso fora possível – acabou se polarizando apenas nos últimos dias de seu governo, apesar disso, não era seu desejo implantar um golpe³⁶. Sua principal bandeira eram as reformas de base.

O apoio dos Estados Unidos no golpe ficará mais evidente no envio da *Operação Brother-Sam*. Sobre ela voltaremos adiante. No momento, após o Comício da Central no dia 13 de maio e as marchas nos dias seguintes a situação brasileira se polarizava ainda mais. Tendo então embarcado na *canoa das esquerdas*, o presidente João Goulart enfrentaria uma pesada crise no interior da instituição militar e que seria vital para a eclosão do golpe.

Com o processo de politização dos subalternos das Forças Armadas em amplo crescimento, os militares de baixa patente na Marinha realizariam um ato para comemorar os dois anos de fundação da Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil. Proibidos pelo então ministro da Marinha, Silvio Mota de realizar o ato, programaram um novo. Partindo de uma simples comemoração, evoluiu para um ato reivindicatório. *Na pauta, exigiam o reconhecimento oficial da entidade, a melhoria das condições de vida e alimentação digna nos navios*³⁷. Contrariado, o Ministro da Marinha ordenou a prisão de doze dirigentes da Associação. No dia seguinte, 25 de março

Mandou prender outros 40 marinheiros e cabos que organizaram o encontro. A ordem de prisão, no entanto, deveria ser executada ao final da reunião. O ministro da Marinha

³⁴ FICO, Carlos. op. cit, p. 86.

³⁵ Idem, 93-94

³⁶ “Não há nenhuma evidencia empírica de que Goulart planejasse um golpe e todos sabemos que um golpe era planejado contra ele. In. Ibidem, p. 73.

³⁷ FERREIRA, Jorge. Op. cit. p. 387.

enviou uma força de 500 fuzileiros navais apoiados por 13 tanques para invadir o prédio do sindicato e retirar de lá os marinheiros, vivos ou mortos. A tropa de choque, no entanto negou-se a atacar os colegas, aderindo à revolta. Jogando os capacetes, cinturões e armas no chão, cerca de 30 fuzileiros entraram no prédio sob os aplausos e gritos dos marinheiros entrincheirados no Palácio do Aço. Mais indignados ficaram os oficiais da Marinha quando as ordens de Goulart chegaram para que os marinheiros não fossem atacados. O ministro da Marinha, sentindo-se desprestigiado, renunciou ao cargo³⁸.

Com a anistia aos marinheiros a crise militar se agravava. O alto comando sentia que a atitude era uma afronta à integridade das Forças Armadas. *Todo um conjunto de ideias, crenças, valores, códigos comportamentais e a maneira como eles davam significado às suas instituições encontrava-se subvertido. A disciplina e a hierarquia [...] esfacelaram-se*³⁹.

No dia 30 de março o estopim ocorreu. Em uma celebração da posse da nova diretoria da Associação dos Sargentos, ocorrida no Automóvel Clube *constava o discurso de Goulart. Comparecer a uma festa de marinheiros, com a oficialidade da Marinha em rebelião passiva, era no, mínimo, imprudente [...] No entanto, ele estava decidido a ir*⁴⁰. Restava a ele apenas se respaldar no apoio popular. Apesar disso, a decisão do presidente acarretou em sérios problemas. Uma parte da oficialidade das Forças Armadas rompeu com ele. Na manhã no dia 31 a situação era preocupante: No *Correio da Manhã* um enorme *Basta!* aparecia em sua capa. Com os dizeres:

Até que ponto o presidente da República abusará da paciência da Nação? Até que ponto pretende tomar para si, por meio de decretos-leis, a função do Poder Legislativo? Até que ponto contribuirá para preservar o clima de intranquilidade e insegurança que se verifica presentemente, na classe produtora? Até quando deseja levar ao desespero por meio da inflação e do aumento do custo de vida, a classe média e a classe operária? Até que ponto quer desagregar as forças armadas por meio da indisciplina que se torna cada vez mais incontrolável?⁴¹

Além do ataque midiático proveniente dos meios de comunicação os golpistas já se articulavam. Em Minas Gerais as tropas do general Olímpio Mourão se deslocavam para a Guanabara. *O presidente soube da movimentação das tropas do general Olímpio Mourão Filho no meio da tarde e logo passou a avaliar a situação junto a seus ministros*⁴².

³⁸ FERREIRA, Jorge. Op. cit. p. 387.

³⁹ Idem, p. 389.

⁴⁰ Ibidem, p. 390.

⁴¹ Correio da Manhã: 31/03/1964. p. 1.

⁴² FERREIRA, Jorge. Op. Cit. p. 392.

De qualquer forma sua atitude não foi o de confronto. Decidiu, por telefone, *tentar convencer os comandantes dos quatro Exércitos a manterem fidelidade ao governo*⁴³. Em meios as negociações,

O general Peri Beviláqua procurou o presidente com um documento nas mãos. O texto traduzia o pensamento da maioria dos comandos militares. As reformas de base, cristãs e democráticas em benefício do povo, dizia o documento, tinham o apoio das três Armas, mas o presidente deveria declarar o CGT fora da lei. Goulart recusou as imposições dos generais. Na verdade, a sua grande preocupação era com São Paulo, especialmente com o general Krueel. A Marinha estava completamente dominada pelos marinheiros e a Aeronáutica paralisada pela ação dos sargentos. A questão final seria resolvida pelas forças de terra. O comandante do III Exército, general Ladário Teles, já havia confirmado a sua lealdade. O silêncio do comandante do IV Exército significava que aderira à rebelião, mas o do comandante do II Exército, seu amigo pessoal, era preocupante⁴⁴.

Com a divisão dentro das Forças Armadas, o apoio de Krueel era de suma importância. Mas a situação se tornou complicada, quando, mais tarde:

Goulart o procurou por telefone. Ao presidente e amigo, Krueel alegou que não queria derrubar ninguém, mas que lutava pela própria vida institucional das Forças Armadas “que começa a ser minada por organismos espúrios”. Krueel fez um apelo para que o presidente abandonasse os comunistas, senão ele próprio é que seria abandonado. Ambos defendiam princípios inegociáveis. Krueel era fiel à sua instituição, mesmo que com o sacrifício da democracia; Goulart igualmente era fiel às suas bases, as esquerdas e os sindicatos, mesmo que, com isso, também arriscasse as instituições democráticas. Sem entendimento, desligaram os telefones [...] Mesmo que cedesse aos apelos de Krueel e conseguisse se manter na presidência, seria um homem tutelado por generais, impedido de realizar as reformas e, mais grave, cúmplice da repressão sobre os sindicatos e as esquerdas. Para ele, isso seria inadmissível. Preferia cair a assumir um papel tão triste⁴⁵.

O ponto central da análise de Jorge Ferreira, que levou os militares a golpear as instituições democráticas foi seu medo de que a hierarquia dentro das Forças Armadas fosse rompida. Carlos Fico, por sua vez, dá uma ênfase maior ao envolvimento dos Estados Unidos na articulação e preparação do golpe, tendo o embaixador Lincoln Gordon um papel central. De qualquer forma, a não tentativa de resistência de Goulart frente ao golpe pode ser articulada com as duas questões. Uma guerra-civil, com milhares de mortes era um cenário plausível frente a situação, algo que horrorizava o presidente⁴⁶. Da mesma forma, o operação *Brother Sam* – de

⁴³ FERREIRA, Jorge. Op. cit. p. 394.

⁴⁴ Idem, p. 395.

⁴⁵ Ibidem, p. 395 - 396

⁴⁶ Ibidem, p. 396.

conhecimento do presidente Jango no dia trinta e um de março, com apoio logístico e de armamentos norte-americanos para caso a situação se agravasse, teve um grande peso na recusa de Goulart de esboçar alguma reação. Sobre a operação Carlos Fico afirma:

A operação [Brother Sam] envolveu um porta-aviões, um porta-helicópteros, um posto de comando aerotransportado, seis contratorpedeiros (dois equipados com mísseis teleguiados) carregados com cerca de 100 toneladas de armas (inclusive um tipo de gás lacrimogênio para controle de multidões chamado *CS Agent*) e quatro navios-petroleiros que traziam combustível para o caso de um eventual boicote do abastecimento pelas forças legalistas⁴⁷.

Uma invasão estrangeira no Brasil era algo possível e se caso houvesse resistência por parte de tropas legalistas seria certa. Nesse cenário o presidente, que estava na Guanabara, por sugestão de Moraes Ancora e outros generais, resolveu deixar o estado por falta de segurança e ir para Brasília. A notícia da saída de Goulart logo correu a cidade e foi recebida por festa por grupos de civis. Chuva de papéis picados foram vistos pelo Rio de Janeiro para comemorar a vitória. *Nos bairros ricos da cidade, muitos comemoravam com festas. De Copacabana à Tijuca, lençóis brancos eram estendidos nas janelas dos edifícios*⁴⁸. O governador do estado, Carlos Lacerda uma das figuras mais conhecidas da oposição e anticomunista ferrenho,

Liberou as forças golpistas no estado. Dezenas de lacerdistas espancaram estudantes e incendiaram o prédio da UNE. Grupos paramilitares, partidários do governador, também invadiram e depredaram as oficinas de *Última hora*. A Federação Nacional dos Estivadores, dos Marítimos e outras organizações sindicais também foram tomadas pelas forças golpistas. O Ministério do Trabalho, com sede na Guanabara, também foi cercado pelos grupos lacerdistas. Milhares de pessoas foram presas⁴⁹.

Com a situação caótica na Guanabara, Goulart chega à capital, onde lança um manifesto à Nação, *denunciando as forças reacionárias e o poder econômico que reagem à implementação das reformas de base, à elevação do nível de vida da população e a democratização da sociedade*⁵⁰. Após, partiu rumo ao Rio Grande de Sul. *Com Goulart ainda em território brasileiro, o presidente da Câmara, em tom dramático, declarou vago o cargo de presidente da República e convocou Ranieri Mazzili, para assumir a chefia do governo*⁵¹⁵².

⁴⁷ FICO, Carlos. Op. Cit, p. 98.

⁴⁸ FERREIRA, Jorge. Op, cit. p. 398.

⁴⁹ Idem. p. 398.

⁵⁰ Ibidem, p. 398.

⁵¹ Ibidem, p. 399.

⁵² “A primeira tarefa dos rebeldes após a vitória militar foi assumir a presidência e a vasta maquinaria executiva sob sua jurisdição. Mas a Constituição de 1946 (artigos 66, 88 e 89) estipulava apenas três formas legais pelas

No Rio Grande do Sul as alternativas para Jango eram mínimas. Resistir levaria o Brasil a uma guerra-civil, algo que não estava em seus planos. Decidiu então deixar o país.

Com a deposição de Goulart, se buscava agora dar um ar de legitimidade ao governo Mazzili, algo que os norte-americanos logo passaram a fazer: *Era preciso que o novo governo Mazzili fosse reconhecido pelos demais países e os bons serviços diplomáticos norte-americanos não faltaram para essas dias tarefas iniciais*⁵³. Apesar de uma busca pela legitimidade internacional, no país a luta pelo poder se acirrava:

O período de apenas treze dias, que decorreu da consumação do golpe – ou seja, da posse de Mazzili – até a eleição do general Castelo Branco pelo Congresso Nacional, foi marcado por muitas incertezas e por uma efetiva luta pelo poder. Como é sabido. Costa e Silva automeou-se, no dia 1º. De abril, comandante do “Exército Nacional” e, nesta condição, assumiu o controle do “Comando Supremo da Revolução”, também integrado pelo vice-almirante Augusto Hamann Rademaker Grunewald e pelo brigadeiro Francisco de Assis Correia de Melo. O comando foi um órgão transitório que editou o Ato Institucional e patrocinou as primeiras cassações de mandatos e suspensões de direitos políticos. Costa e Silva parecia preferir que Mazzili cumprisse o prazo restante do mandato de João Goulart, situando-se assim como condestável do regime – condição que afinal reteve, mesmo tendo de admitir a indicação de Castelo Branco, pois, como seu fiador, tornou-se um poderoso ministro da Guerra⁵⁴.

O primeiro Ato Institucional promulgado no dia nove de abril de 1964 – pelos três membros do “Comando Supremo da Revolução” – tinha como objetivo aumentar os poderes do Executivo.

Limitando-nos a modificá-la [Constituição], apenas, na parte relativa aos poderes do Presidente da República, a fim de que este possa cumprir a missão de restaurar no Brasil a ordem econômica e financeira e tomar as urgentes medidas destinadas a drenar o bolsão comunista, cuja purulência já se havia infiltrado não só na cúpula do governo como nas suas dependências administrativas. Para reduzir ainda mais os plenos poderes de que se acha investida a revolução vitoriosa, resolvemos, igualmente, manter o Congresso Nacional, com as reservas relativas aos seus poderes, constantes do presente Ato Institucional⁵⁵.

Tendo um discurso anticomunista, o primeiro ato institucional da ditadura levará a perseguições políticas e cassações de mandatos. Com as primeiras perseguições acontecendo,

quais um presidente vivo podia abandonar o cargo antes do fim do seu mandato: por renúncia, por impedimento votado pelo Congresso ou por se afastar do país sem aprovação legislativa.” In. SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Castelo a Tancredo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 25.

⁵³ FICO, Carlos. Op. cit. p. 127.

⁵⁴ Idem, p. 129.

⁵⁵ Ato Institucional/1964. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-01-64.htm <Acessado em 17 de novembro de 2016 >

o ato do Comando tornou inevitável a eleição do candidato de consenso dos militares e dos governadores antiGoulart. O candidato foi o general Castelo Branco, coordenador da conspiração militar, escolhido pela esmagadora maioria dos revolucionários militares e civis. A 11 de abril o Congresso respeitosamente elegeu Castelo Branco por 361 votos, contra 72 abstenções⁵⁶.

Com a posse de Castelo Branco na presidência da República e as cassações de mandatos de deputados e outros políticos, a ditadura assim inicia-se. Com o golpe consumado agora era necessário buscar o apoio e a legitimidade para o novo governo, não apenas no que se refere a política externa, mas sim, junto à sociedade civil.

⁵⁶ SKIDMORE, Thomas. Op. Cit. p. 30.

Capítulo 2 – A Campanha do Ouro Para o Bem do Brasil e os primeiros discursos sobre legitimidade na gênese da Ditadura.

-Oh! Alma do Brasil que se levanta:
Inteira te condensas em alianças
Com que teus filhos, em vigília santa
Vem recompor a URNA DA ESPERANÇA!⁵⁷

Genaro Lobo

Mais de dois meses após o golpe que derrubou João Goulart, no dia vinte e seis de junho de 1964 o jornal *Diário da Noite*, de propriedade do empresário Assis Chateaubriand, sediado na capital paulista anunciava com pompas e louvores uma doação de um cidadão da cidade de Londrina, localizada no oeste do estado do Paraná, na região sul do Brasil, que tinha como objetivo ajudar na reconstrução do país. O objeto doado: uma enxada de ouro, pesando 2 quilos e 145 gramas, num valor aproximado de cinco milhões de cruzeiros. O doador: o agricultor⁵⁸ José Garcia Molina, filho de imigrantes espanhóis e morador da região. Ao usar da palavra no ato da doação o lavrador disse *que o seu gesto, a par de ser um serviço que prestava ao país, era uma homenagem ao seu velho pai, que emigrava da Espanha para o Brasil e aqui lavrou a terra fértil e generosa e organizou sua vida.*⁵⁹

Coincidindo com a passagem do então ministro da Educação, Flavio Lacerda na dita cidade, a enxada doada chamou a atenção do ministro, que louvou o gesto do lavrador no momento de sua doação. Era, sem dúvida um objeto simbólico. O trabalho na terra, a homenagem a seu velho pai, tudo isso passava uma ideia de (re)construção. A enxada pode representar um recomeço de trabalho, uma modificação de uma paisagem natural para algo novo. Pode ser que devido a tudo isso, foi a enxada de ouro um objeto de grande adoração por parte de quem a recolheu.

O destino da peça doada começa a selar sua sina no dia 13 de julho do mesmo ano. Ao término da *Campanha do Ouro*, os recursos arrecadados – assim como a enxada – foram entregues à Casa da Moeda no Rio de Janeiro, onde os metais nobres seriam separados, e o “ouro da redenção” selaria seu destino: o de salvar o futuro do país. Mas esse destino não seria

⁵⁷ Versos finais da poesia escrita pelo professor Genaro Lobo sobre a Campanha, intitulada “É a alma do Brasil que se levanta para recompor a urna da esperança”.

In. *Diário da Noite*. 15/05/1964 p. 2.

⁵⁸ Esse agricultor aparece citado no jornal como um “lavrador”, o que pode causar uma certa confusão, pois o termo “lavrador” remete a uma pessoa humilde que provavelmente não seria proprietário de uma enxada de ouro.

⁵⁹ Idem, 23/06/1964. p. 5.

escolhido para a enxada dourada. Ela, em comunhão com os organizadores da campanha teria um outro fim, até mais hercúleo. De ser doada ao chefe da nação, o *presidente da República*, Castelo Branco. Mesmo sem a presença do presidente, ficou decidido no ato da entrega que a enxada seria ofertada à sua pessoa⁶⁰. Após essa data, desaparece dos jornais e nenhuma outra menção é feita a ela, até a década de 1990.

A simbólica peça poderia ter seu destino esquecido no curso da história, mas ela volta à cena no ano de 1991. O Rotary Club de Londrina - onde o filho do doador de 1964 é um dos filiados - entra na justiça pedindo sua devolução⁶¹. A peça estaria em posse da filha do ex-presidente Castelo Branco já morto. Ela, em sua defesa diz desconhecer os objetivos da campanha da década de 1960. *“Nunca soube que a campanha do ouro estivesse relacionada à dívida externa. A enxada é um bem da família Castello Branco”*⁶² A notícia não informa qual o destino da peça, apenas que ela se encontrava no Forte de Copacabana e que seria doada para uma instituição do Estado. No ano seguinte, em 1992, o jornal paranaense *Diário de Notícias*, em um pequeno excerto questiona onde estará a enxada. *Quando é que vão devolve-la ao doador, já que não foi utilizada para o fim a qual foi doada?*⁶³. Após quase trinta anos de sua doação o destino da peça ainda estava envolvido em grande mistério.

O que podemos destacar nesta pequena tragicomédia, na qual apenas a história nos pode oferecer é, como e por quais motivos um lavrador do interior do Paraná se articula para fazer uma doação desta envergadura logo após o golpe civil-militar? Como este lavrador – que anos

⁶⁰ Diário da Noite: 14/07/1964. p. 28.

⁶¹ “Uma enxada de ouro doada pelo empresário paranaense José Garcia Molina ao governo do marechal Castello Branco, em 1964, como contribuição à campanha “De ouro para o bem do Brasil” tem destino ignorado. A peça, confeccionada com 2.145 gramas de ouro 24 quilates, avaliada pelo empresário em Cr\$ 6 milhões, seria destinada a ajudar no pagamento da dívida externa brasileira, conforme o objetivo da campanha. Segundo o Rotary Club de Londrina, que quer a devolução da enxada à cidade, o objeto se encontra em poder de Antonieta Castelo Branco, filha do ex-presidente já morto. No entanto, Antonieta nega a posse da peça. De acordo com ela, a enxada estaria no Forte de Copacabana, no Rio, e seria doada a uma instituição do Estado. “Nunca soube que a campanha do ouro estivesse relacionada à dívida externa”, disse ela. “A enxada é um bem da família Castello Branco”, afirmou Antonieta. Ela obteve o objeto após a morte de seu irmão Paulo Castello Branco. Conforme o Rotary, a enxada fazia parte do acervo de Castello Branco no Museu Histórico Nacional e foi levada para o Museu do Exército no Rio, onde permaneceu até o ano passado, quando teria sido retirada por Antonieta. Segundo a filha do marechal, o arquivo de cartas e documentos de Castello Branco está no Comando do Estado Maior do Exército e as peças estão no Forte de Copacabana. Ainda nesta semana o Exército dará uma nota oficial para esclarecer o assunto e dar detalhes sobre o acervo do marechal. “Não quero criar polemica em torno do ex-presidente e sua família”, declarou o empresário José Molina. ‘A iniciativa é de meus companheiros do Rotary, que foram ao museu e não encontraram a enxada’, disse. [...] Jornal do Commercio: 05/04/1991. p. 6.

⁶² Idem, p. 6

⁶³ Diário de Notícias: 04/08/1992. p. 7.

depois se tornará empresário na região⁶⁴ – e outros brasileiros viam o novo governo e se articulavam com ele, e como isso respingava na suas próprias visões de (futuro) do Brasil. Este será o tema que abarcará este e o próximo capítulo.

A historiografia que aborda o Golpe e suas variantes trata de forma magistral todo o caminho que levou à ditadura, todo o processo civil e militar, mas poucos trabalhos se focam no que aconteceu logo depois, nos primeiros dias pós golpe na sociedade civil. Parece-me que a atuação das tropas de Olímpio Mourão, o exílio de João Goulart e posteriormente a perseguição política seja o que mais foi abordado sobre o início do governo Castelo Branco, e consequentemente a ditadura. E não é para menos. A ditadura foi, sem dúvida, um marco em nossa história, e compreender todos os meandros de seu início é de vital importância.

Mas há um tema ainda pouco visto, pouco estudado, e que merece uma atenção especial. Me refiro em como a sociedade civil viu o novo governo, e como ela se relacionou com ele em seus primórdios. É claro que há estudos ligando-a com o ambiente anticomunista nos anos 1960, onde as *Marchas com Deus pela Liberdade* se tornaram ícones no estudo desse movimento.

Mas precisamos ir além, analisar o papel da imprensa no pós golpe, e como ela, se articulou para dar, ou tentar dar legitimidade ao novo governo perante a sociedade civil. Felipe Demier⁶⁵ ao ver o fim do período populista como sendo a fração da classe burguesa desejando a ordem, entregando seu poder político aos militares em troca de segurança classista o que seria – um bonapartismo semifascista segundo o autor – faz uma análise interessante sobre o golpe a partir de um viés marxista. Afirma que a ordem no pós golpe estava assegurada. A repressão à oposição começava a agir. Faltava agora buscar sua legitimidade perante ao resto da sociedade.

E ela não poderia vir de outra maneira que não fosse pela imprensa, a mesma imprensa, que por sinal, que atacava o governo Jango, os comunistas, o populismo em geral e que apoiou o golpe. Mesmo com o fim do governo democrático, o surto anticomunista ainda existia, e, foi ele um dos principais argumentos utilizados como legitimador do processo, articulando-se com outros elementos que veremos a seguir.

Como já vimos no capítulo anterior, a situação econômica do país na década de 1960 era difícil. A alta da inflação, a crise econômica, aliada a crise política levaram o país a uma situação caótica, tanto interna quanto externamente. Mesmo após o golpe e com o apoio dos

⁶⁴ Na década de 1970 Molina será sócio proprietário a Viação Molina LTDA, empresa de transporte rodoviário de ônibus. In. Diário do Paraná: 24/10/1976. p. 11.

⁶⁵ “DEMIER, Felipe Abranches. Op. cit, p. 465.

EUA⁶⁶, a situação econômica ainda encontrava dificuldades. E foi neste contexto que se criou, uma campanha que tinha como objetivo ficar na história e que arregimentou uma grande parcela da sociedade civil, desde setores mais paupérrimos até grandes industriais, com a meta, não menos grandiosa e ousada, de “salvar o Brasil e o futuro da nação”. Trata-se da “Campanha Do Ouro Para o Bem Do Brasil”

Antes de começarmos a analisar a campanha precisamos fazer um adendo. Muitos dos relatos e excertos presentes neste capítulo são provenientes do jornal *Diário da Noite*. A escolha como veremos não foi ao acaso. Sobre o jornal (que fazia parte do Grupo Diários Associados), Luis Felipe Miguel, em seu texto Meios de comunicação de massa e política no Brasil. Diálogos Latino-americanos destaca que:

O marco inicial da imprensa moderna no Brasil é a formação dos Diários Associados, rede de jornais e, mais tarde, rádio e televisão construída pelo empresário Assis Chateaubriand. A importância dos Diários Associados na vida nacional, entre as décadas de 1920 e 1960, ainda não foi convenientemente estudada; por enquanto, o que se tem é uma biografia de seu fundador, bem documentada, mas com propensão para o anedótico. Chateaubriand foi o primeiro que se dispôs a fundar uma rede de órgãos de comunicação com alcance nacional — e conseguiu, primeiro com dezenas de jornais diários, espalhados de Norte a Sul do país, mais tarde com a revista ilustrada *O Cruzeiro*, com a rádio Tupi, do Rio de Janeiro (e suas muitas co-irmãs), e, por fim, a partir de 1950, com a Rede Tupi de Televisão⁶⁷.

O grupo Associados era um imenso império jornalístico na década de 1960. Com vários jornais, grupos de rádios e TVs espalhados pelo Brasil. Teve um imenso protagonismo, tanto no apoio ao golpe civil-militar quanto na campanha do Ouro, por isso voltemos então à ela. Nascida em comunhão com a imprensa e o meio militar - uma aliança entre Edmundo Monteiro, editor chefe do jornal *Diário da Noite* em São Paulo, - de propriedade de Assis Chateaubriand - e Amaury Krueel, general do II Exército, que fora amigo pessoal do presidente deposto e ministro da Guerra no governo Jango⁶⁸ – teve início na data simbólica de 13 de maio de 1964.

A escolha da data de abertura não pode ser menos simbólica. Primeiro porque vinha um pouco mais de um mês depois da própria “Revolução de 31 de março”, data por si só já

⁶⁶ FICO, Carlos. **O grande irmão: da operação Brother Sam aos anos de chumbo : o governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. 334p.

⁶⁷ MIGUEL, Luis Felipe. **Meios de comunicação de massa e política no Brasil Diálogos Latinoamericanos,** núm. 3, 2001, pp. 43-70. p. 45-46.

⁶⁸ A participação de Amaury Krueel na elaboração da Campanha, nos jornais foi negligenciada durante os dois meses em que existiu a arrecadação. Apenas, ao final, na celebração de encerramento é que é anunciado a participação da caserna no embrião da Campanha. In. *Diário da Noite*. 11/07/1964. p. 8.

comemorada e ainda muito festejada nos meios jornalísticos, e segundo, como o próprio Edmundo Monteiro ao *Diário da Noite* afirma:

Escolhemos a data de 13 de maio para o lançamento da Vigília Cívica de 32 horas. 13 de maio porque se comemora a data da libertação da escravatura pela princesa Izabel, o mais alto símbolo do espírito democrático no reconhecimento da igualdade dos direitos humanos.

32 horas porque comemoramos, neste ano, 32 anos da revolução de 32⁶⁹.

Nada melhor para representar um período de mudança, caminhando para uma nova era, do que partir para valores imaginários e simbólicos da sociedade. A libertação dos escravos no século XIX e o que ela representou, foi articulada com o presente. Um marco da igualdade democrática entre os homens, da mesma forma que o período que então se iniciava, ou seja, o governo Castelo, e principalmente o fim do governo Jango e do comunismo. É interessante notar, como a notícia separa os períodos. Primeiramente o período da escravidão, articulando-se e simbolizando o “populismo”, mais precisamente com o governo João Goulart. Apesar de ser algo que o excerto pouco menciona - o “antes” - mas não é preciso. Ele está lá, sendo a própria palavra *libertação* como síntese. A escravidão é algo negativa, assim como o “comunismo”, e com isso a *Revolução de 1964* acaba se tornando um novo 13 de maio. Algo simbólico por si só. Ao buscar no passado armas para defender o presente, ao mesmo tempo, buscando uma certa legitimidade ao novo governo, o jornal se articula com todo um espectro de um imaginário social, objetivando a legitimação do poder. Para Baczkó:

É no próprio centro do imaginário social que se encontra o problema do poder legítimo, ou melhor, para ser mais exacto (sic), o problema da legitimação do poder. Qualquer sociedade precisa de imaginar e inventar a legitimidade que atribui ao poder. Por outras palavras, o poder tem necessariamente de enfrentar o seu arbitrário e controlá-lo reivindicando uma legitimidade⁷⁰.

O poder que se tenta construir em torno do novo governo acaba se articulando, de certa forma, com aquilo que ele mesmo destruiu - a democracia (sobre isso voltaremos adiante). Ao mesmo tempo, se articula novamente com o passado, agora trazendo à tona um episódio da própria história paulista, a que ficou conhecida como a Revolução Federalista de 1932 (e para marcar essa data, ocorreu a transmissão ao vivo da Campanha do Ouro por 32 horas seguidas pela TV Tupi no dia de seu lançamento, treze de maio). Tendo início dois anos após Getúlio

⁶⁹ Diário da Noite: 08/05/1964, p. 1.

⁷⁰ Baczkó, Bronislaw. “**A imaginação social**” In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. p. 310.

Vargas assumir o poder, foi uma reposta da burguesia paulista contra o centralismo varguista. Uma luta, segundo Demier⁷¹, entre o federalismo e o varguismo, que levou o estado *bandeirante* à guerra. Ironicamente, em 1964 a luta se dava contra justamente o herdeiro político de Vargas, João Goulart. Sobre a memória que se busca partindo de 1932, como afirma Janaina Martins Cordeiro:

A Revolução Constitucionalista de 1932, aliás, é uma referência importante para os grupos comprometidos com a legitimação do regime civil-militar. Remetia a valores como a defesa da legalidade e da Constituição muito recorrentes tanto no discurso de civis como no de militares que estiveram à frente do movimento⁷².

Ao buscar na Revolução de 1932 o discurso para legitimar a campanha e consequentemente o governo Castelo Branco, a memória coletiva do povo paulista é evocada. Sobre isso Jacques Le Goff afirma que:

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder⁷³.

Mesmo derrotado na luta armada, São Paulo vencia na disputa pela memória e pelo poder. Trinta e dois anos após o episódio, com várias mudanças na estrutura brasileira, o período agora era outro. Mas a ideia de que a guerra – desta vez não contra o poder varguista, e sim contra o “comunismo” - ainda existia mesmo após o golpe contra João Goulart. Sobre essa lua o jornal *Diário da Noite* afirma que:

O povo brasileiro que sempre se fez presente aos chamamentos civis que sempre se mostrou solidário com os movimentos que visam engrandecer e elevar mais alto o nome do Brasil, deverá participar ativamente, demonstrando que os próprios brasileiros, com inabalável fé nas suas próprias forças, serão capazes de resolver os seus próprios problemas econômicos, sem que haja necessidade de ideologias exóticas e importadas de outras áreas.

Não poderão ficar alheias a campanha que ora lançamos as forças vivas da nacionalidade com as industriais, comerciais e agrícolas. Que este esforço conjugado atinja a todas as classes, a todas as profissões, a todos os patriotas desejosos de ver o Brasil a caminho da sua redenção econômica, mais conceituado e altamente respeitado no concerto das Nações⁷⁴.

⁷¹ DEMIER, Felipe Abranches. Op. cit. p. 369.

⁷² CORDEIRO, Janaina Martins. **Direitas em movimento: a campanha da mulher pela democracia e a ditadura no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p. 76.

⁷³ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5 ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003, p. 469.

⁷⁴ *Diário da Noite*: 08/05/1964, p.2.

Antes de continuarmos é necessário fazermos uma breve análise. Segundo Fiorin, a retórica do governo militar acena com “dias melhores no horizonte do futuro”, com o “amanhecer”, com “o glorioso Brasil de amanhã”⁷⁵. Apesar de o autor analisar os discursos dos militares, vemos os mesmos argumentos na campanha. O lugar do Brasil, sua redenção econômica e seu futuro lugar no concerto das Nações nos passa justamente essa ideia. Além disso, o perigo que as “ideologias exóticas” representavam ao Brasil era um catalisador que mostra o ambiente anticomunista no pós golpe. E assim, a matéria continuava:

A Campanha “Ouro para o Bem do Brasil” será uma contribuição patriótica do povo brasileiro em todos os quadrantes da nossa amada Pátria para o Tesouro Nacional, objetivando o fortalecimento do lastro-ouro e maior valorização da nossa moeda. Com este gesto de amor ao Brasil, estará o povo brasileiro contribuindo, com o pouco que seja, para atenuar o impacto inflacionário alistando-se, igualmente na Legião da Democracia para fazer com que a revolução atinja os seus altos objetivos. Conclamamos a todos os patriotas de democratas a comparecerem no dia 13, as 18 horas na rua Sete de Abril, 230[...]ocasião em que serão recebidas as contribuições dos homens e mulheres democratas de nossa terra, contribuições que serão feitas com a entrega das suas alianças ou quaisquer outros objetos em ouro, recebendo os doadores a aliança ou anel-símbolo⁷⁶.

Além do perigo das “ideologias exóticas”, que ainda persistia, a Campanha buscava o fortalecimento do lastro-ouro e uma maior valorização do cruzeiro. A alta da inflação era sentida por todos, e, os democratas, assim designados pela campanha, deveriam doar o que pudessem para ajudar no futuro da nação. Interessante também perceber como se fundamentou o discurso. Todos deveriam doar, desde empresários, burgueses em geral, até gente humilde, em suma, os trabalhadores. Uma conciliação entre classes para o bem do Brasil (parafrazeando o próprio nome da campanha). Com isso, discordo um pouco de Daniel Aarão Reis; ao afirmar que ditadura *instaurou-se, contra um determinado programa – nacionalista e popular*⁷⁷. É claro que o objetivo dos golpistas era justamente ir contra isto, mas em seus primeiros meses a ação foi diferente. Se buscava novamente um programa popular e de conciliação de classes. Mesmo com o fim da República Democrática, ainda não se poderia tirar os laços antigos que a haviam estabelecido.

⁷⁵ FIORIN, José Luiz. **O regime de 1964: Discurso e ideologia**. São Paulo: Atual, 1988. 158 p. p. 69.

⁷⁶ Diário da Noite: 08/05/1964. p. 2.

⁷⁷ REIS, Daniel Aarão. **A ditadura faz cinquenta anos: história e cultura política nacional-estatista**. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá; REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; (org.). *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014. p. 6.

Para Ridenti, se baseando em argumentos weberianos, *a dominação alcança alguma estabilidade apenas se não se restringir ao uso da força*⁷⁸. E pode-se perceber que isto não poderia ser mais verdadeiro do que analisando a própria campanha. A dominação sem o uso da força, mas se baseando em outros elementos fica muito visível ao analisar as palavras de Edmundo Monteiro no lançamento da campanha. Segundo ele: *Os dias que antecederam a revolução de 31 de março tinham sido negros [...] e que agora vitoriosa a democracia havia a necessidade de consolida-la com a criação da “Legião da Democracia”*⁷⁹. O Legionário, assim chamado, deveria lutar pelo bem do Brasil (doando seus recursos) e a seguir os seguintes deveres:

- 1) Lutar pela consolidação da Revolução Democrática
- 2) Combater intransigentemente o comunismo ou qualquer regime totalitário
- 3) Respeitar as leis e as autoridades constituídas.
- 4) Pugnar pela democratização do capital e defesa da livre iniciativa.
- 5) Preservar a moral e a honra da família, da Pátria e as tradições religiosas do Brasil.
- 6) Combater o roubo, a corrupção, a ganancia e os políticos desonestos.
- 7) Combater a sonegação dos impostos;
- 8) Combater os lucros excessivos;
- 9) Cooperar no rendimento do trabalho e aumento da produção, na cidade e no campo;
- 10) Não permitir a retenção de mercadorias que vise à especulação;
- 11) Evitar gastos supérfluos ou além de suas possibilidades;
- 12) Zelar pelo aprimoramento da cultura em geral e dos conhecimentos técnicos;
- 13) Ajudar os menos favorecidos
- 14) Orientar e amparar a infância;
- 15) Confiar no futuro e na grandeza do Brasil, combatendo os derrotistas e inertes.

Estes serão os deveres dos “Legionários da Democracia”.⁸⁰

Os doze deveres que o legionário deveria cumprir são uma boa amostra de como foi essa busca pela legitimidade. Segundo Fiorin:

O discurso oficial faz também um apelo para que os ricos se abstenham do consumo ostentatório, que representa um acinte para os pobres. Apela ainda aos empresários para que não especulem nem soneguem impostos. Se isso não fosse uma hábil estratégia discursiva para mostrar que o Estado está acima das classes, diríamos que que o discurso “revolucionário inaugura a inocência”[...]”⁸¹.

⁷⁸RIDENTI, Marcelo. **As oposições à ditadura: resistência e integração**. In: Idem, p. 17.

⁷⁹Diário da Noite: 08/05/1964. p. 2.

⁸⁰Diário da Noite: Idem.

⁸¹FIORIN, José Luiz. Op. cit. p. 84.

Aliado a isso, ao se buscar a dominação o grupo formador da Campanha se municiava de um imaginário anticomunista, mas não só. O Legionário da Democracia seria o soldado da “revolução”, alguém disposto a lutar pelo bem do Brasil.

Pautado sobre um pensamento maniqueísta, o “certificado de adesão” do legionário lançava a contraposição: aos soldados da pátria caberia ainda combater os males da sociedade incorporados na figura do comunismo, responsável por valores degradados como roubo, corrupção, ganância, desonestidade, sonegação e especulação⁸².

O sentimento de luta entre o bem e o mal ainda era presente, e a luta de todos para o bem maior exaltada. O próprio discurso “revolucionário”, ou seja, dos militares logo após o golpe evocava essa luta entre o bem e o mal, vista por Fiorin⁸³ como uma visão teológica da história, por isso termos como “legionários” e “redenção” são utilizados. Com esse sentimento a Campanha do Ouro se iniciara tendo como sede a cidade de São Paulo, no saguão do edifício-sede dos “Diários Associados” – onde Edmundo Monteiro era diretor chefe -, à rua Sete de Abril na capital paulista. Imensos cofres foram designados para receber os recursos: objetos em ouro com ou sem pedras preciosas, dinheiro vivo ou cheques. Os cofres que receberiam o metal que dava nome à campanha estavam todos ligados a imensas balanças Filizola⁸⁴, para que todos vissem a quantidade doada/arrecada. Na véspera do dia treze, como o início da Campanha o jornal *Diário da Noite* assim conclama a população:

Os “Diários e Emissoras Associados” lançaram a campanha “Ouro para o bem do Brasil”, sem dúvida o movimento mais importante do cenário nacional, podendo proporcionar aos cofres da Nação o necessário equilíbrio financeiro há tanto almejado. Pela primeira vez na história de nossa Pátria, uma iniciativa popular tem tal alcance. E na verdade, a verdadeira base da Democracia: o Povo – através da realização particular – luta pelos interesses coletivos, pela emancipação de todo País⁸⁵.

E a participação do novo governante também é noticiada: *A iniciativa embora particular tem apoio oficial, devendo o presidente da República, Sr. Castelo Branco, ficar de posse do segredo e chaves dos cofres, que serão garantidos por permanente vigília de forças federais*⁸⁶.

⁸² PERAZZO, Priscila Ferreira; LEMOS, Vilma. “LEGIONÁRIOS DA DEMOCRACIA” A Construção Retórica do Governo Militar Brasileiro recém-implantado em 1964. *Comunicação & Inovação*, v. 4, n. 8, 2010, p. 41.

⁸³ FIORIN, José Luiz. Op. cit. p. 113.

⁸⁴ A própria empresa fabricante de balanças se mostra muito satisfeita de ter contribuído para marcar a quantidade das doações: As balanças Filizola: *Associando-se à Campanha dos Diários e Emissoras Associados, sente-se orgulhosos de haver contribuído com suas balanças para pesagem do ouro doado em prol do Movimento Cívico “Dê Ouro para o Bem do Brasil”* Diário da Noite: 09/07/1964. P. 4. 4º. Caderno.

⁸⁵ Diário da Noite: 12/05/1964. p. 9.

⁸⁶ Diário da Noite: Idem,

Temos aqui mais um exemplo de como o imaginário pode dar legitimidade ao governo. Trazendo novamente a discussão de Baczko, podemos perceber que se cria um certo imaginário em torno da figura de Castelo Branco. Sua pessoa passa a ser a guardiã dos recursos doados, um guarda do tesouro, que representa o próprio bem da nação. Ouro e pessoa passam a representar apenas uma única coisa: futuro do país.

Embora seja difícil saber se o presidente realmente recebeu o segredo dos cofres, o jornal (e outros também noticiam) não deixam dúvidas. É a imagem de Castelo Branco que precisa ser vista pela população, como um governante puro, incorruptível e um verdadeiro líder para o Brasil. Junto com isso, a própria imagem do presidente deposto é evocada como o antagonista: o corrupto por excelência. Segundo José Luiz Fiorin *o vilão é caracterizado como corrupto, enquanto o herói é marcado como honesto*⁸⁷.

Junto com a própria imagem do presidente, as forças armadas são exaltadas. Ao vincular o exército como o protetor dos recursos doados (que nesse contexto representa o próprio futuro do país), o jornal além de dar legitimidade ao próprio golpe, ainda se reveste de um imaginário sobre o próprio exército.

Castoriadis⁸⁸ afirma que ao deslocar sentidos de uma instituição, onde símbolos já investidos passam por novos, e dar nela um sentido diferente daquela com o qual representa, se cria aí um imaginário. No caso, o exército passa de uma lógica de defesa externa para uma defesa interna - embora o perigo do comunismo visto como uma ameaça internacional ainda era muito presente - e de próprio guardião do futuro da nação. Como afirma Fiorin ao estudar os discursos logo após o golpe, *as Forças Armadas tomaram o poder para salvar a nação e estender os benefícios operados pelo governo para todos*⁸⁹. E nos discursos envolvendo a campanha isso fica evidente.

Marcada por todos esses simbolismos eis que o dia treze chega, e com ele, dar-se-á o começo oficial da campanha na capital paulista, com início as dezoito horas no Saguão dos Diários Associados. O que se via no local, segundo o jornal, era algo único:

⁸⁷ FIORIN, José Luiz. Op. cit. p. 66.

⁸⁸Embora este não seja o argumento final do autor, por hora nos basta: “[...] falamos de imaginário quando queremos falar de alguma coisa “inventada” – quer se trate de uma invenção “absoluta” (“uma história imaginada em todas as suas partes”), ou de um deslizamento, de um deslocamento de sentidos, onde símbolos já disponíveis são investidos de outras significações que não suas significações “normais” ou “canônicas” [...]. In. CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. p. 154.

⁸⁹ FIORIN, José Luiz. Op. cit, p.66

As 16:30 o saguão dos Diários e Emissoras Associados já não podia receber mais ninguém. O povo, comprimido entre os cordões de isolamento, aguardava a oportunidade de depositar nos cofres as suas alianças, o objetos de ouro, o seu dia de salário, o cheque que virá representar ouro⁹⁰.

INDESCRITIVEL ESPETACULO DE AMOR AO BRASIL

Povo deposita milhões nos cofres da redenção

REGIÃO DA DEMOCRACIA



Iniciada, solenemente, ontem, às 18,00 horas, a grande campanha "Ouro para o bem do Brasil" — Senador Auro de Moura Andrade depositario das chaves da caixa-forte que serão entregues ao presidente Castelo Branco — Multidão des de cedo se comprimia em longa faixa da rua 7 de Abril, esperando a ocasião para colocar nos cofres de aço as alianças, objetos de ouro e quantias em dinheiro e cheques — Vigília Cívica — 32 horas de duração — Estender-se-á até às 2,00 horas de amanhã — Continua o desfile de populares pelo saguão do prédio dos "DIÁRIOS E EMISSORAS ASSOCIADOS" — (LEIA NA 2.a PAGINA)

Diário da Noite
O JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO EM S. PAULO
Diretor: EDUARDO MONTEIRO
Av. XXVIII S. Paulo, 5.ª Andar, 14 de maio de 1964 N. 12.066

OURO PARA O BEM DO BRASIL
APELO DO CONGRESSO

CRANÇAS — As crianças deram o grande exemplo. Mobilizaram-se para a batalha de redenção nacional.

O povo de S. Paulo depositou milhões nos cofres que representarão a redenção do Brasil. Desde as primeiras horas da tarde de ontem a rua 7 de Abril estava tomada por grupos de todas as classes sociais que vinham trazer sua contribuição à grande campanha "Associada".

Primeiro dia de campanha em São Paulo. In. Diário da Noite: 14/05/1964.

Além do povo trazendo suas alianças e outros objetos de valor, celebridades, empresários e políticos se juntavam a multidão, conforme pode-se perceber na imagem acima. Desta forma, com as presenças do presidente do Senado Federal,

Auro Soares de Moura Andrade; do deputado Juvenal Rodrigues de Moraes, secretário dos Negócios do Governo, representando o governador do Estado; do presidente da Câmara Municipal de São Paulo, vereador Luiz Domingues de Castro, e dos srs. Edmundo Monteiro, diretor-presidente dos Diários e Emissoras Associados; Armando de Oliveira, diretor-superintendente; Eneas Machado de Assis, assistente da campanha OURO PARA O BEM DO BRASIL; Aderbal Figueiredo, secretário-geral dos Diários Associados; Antonio Giurno, diretor-gerente; José Duarte Junior, diretor da Televisão Cultura; Armando Figueiredo, chefe do Departamento de Filmagem no Canal-4; Cassiano Gabus Mendes, Mario Fanuchi, diretor-geral da TV-Cultura; sr. Mario Frugiuele, sr. Candido Fontoura e de grande número de trabalhadores das indústrias; Comerciantes; representantes das grandes indústrias paulistas e das classes produtoras,

⁹⁰ Diário da Noite. 14/05/1964. p. 2.

E foi justamente o presidente do Senado que teve a honra de ser o primeiro doador, momentos depois que a banda da Força Pública executou o hino nacional. Antes mesmo de doar sua aliança – gesto que seria seguido pelos diretores dos Diários Associados e funcionários da organização – coube ao senador receber as chaves e os segredos dos cofres em envelopes lacrados para serem entregues ao presidente Castelo Branco. *A seguir, ao som de marchas militares, o povo foi em direção aos cofres, depositando ouro, dinheiro e cheques.*⁹¹

Aliado com a população e os políticos, as classes empresárias também contribuíram. Logo no primeiro dia de campanha a Indústria de Refrescos S.A., fabricante do refrigerante Coca-Cola na capital paulista fez a doação de 750 gramas de ouro 24 quilates, onde 670 gramas representavam o peso real de uma garrafa do dito refrigerante, e o restante, corresponderiam aos 80 caminhões que compõem a frota da empresa⁹². Outras grandes ou pequenas empresas, lojas, entre outros doaram outros objetos e recursos⁹³.

Voltando à população mais pobre o que se via, segundo o próprio jornal *Diário da Noite* era um *Exemplo de civismo da gente brasileira*⁹⁴, e não vinha apenas de pessoas adultas. As crianças também deveriam ajudar, afim de poderem ter um futuro digno. Com uma manchete intitulada de *Nas crianças o grande exemplo* o jornal assim anunciava:

A criança de São Paulo também sofre os horrores da inflação. Também sente o problema da desvalorização da moeda. É uma vítima dos políticos corruptos, insensíveis, que demagogicamente diziam ampará-la. Ela também esteve presente e responde afirmativamente a campanha cívica e patriótica da “Legião da Democracia” e “Ouro para o Bem do Brasil[...]O menininho negro que ofertou 20 cruzeiros disse com palavras próprias:

-Eu peço esmolas porque meus pais são doentes. Da minha esmola recolhida sobra um pouco para que o Brasil me dê um futuro menos perigoso, que eu possa ganhar, viver e estudar. Que eu possa ser alguma coisa mais do que sou: um órfão de pais vivos pelos quais luto e pelos quais lutarei até que as minhas forças permitam”⁹⁵.

⁹¹ Diário da Noite: 14/05/1964. p. 1.

⁹² Jornal do Brasil: 15/05/1964. p. 13.

⁹³ Alguns exemplos de doações de empresas em São Paulo (Todas retiradas do jornal Diário da Noite): **Votorantim** (dez milhões de cruzeiros/15 de maio p. 12); **Moinho São Jorge** (15 milhões de cruzeiros/15 de maio p. 12.); **S.E. Palmeiras** (200 mil cruzeiros/15 de maio. p.12) **Johnson e Jonhson** (15 milhões de cruzeiros/16 de maio. p. 2.); **VEMAG** (Um Carro Vemag Fissore, que será leiloado e os lucros irão para a campanha/16 de maio. p. 18); **Casas Pernambucanas** (10 milhões/16 de maio. p. 2.); **Companhia União dos Refinadores** (10 milhões/16 de maio p. 2); **Grupo Fialdini** (5 milhões/ 16 de maio p. 2); **Bebidas Cinzano** (1 milhão/16 de maio p. 18.); **Martini & Rossi S.A.** (15 mil alianças símbolo para ser distribuídas aos doadores/18 de maio p. 6); **Tapetes Bandeirantes** (1,5 milhões de cruzeiros/18 de maio p. 6.); **Bozzano S.A.** (1 milhão de cruzeiros/18 de maio p. 6.); **Funcionários da Revista Visão** (5 mil anéis símbolo/18 de maio p. 6.); **Gonçalves, SE S.A.** (3 milhões de cruzeiros/18 de maio. p. 6.).

⁹⁴ Diário da Noite: 14/05/1964. p. 24.

⁹⁵ Idem, 14/05/1964. p. 24.

Ao buscar os relatos das crianças o jornal projeta uma imagem do futuro, tanto delas quanto do país, ao mesmo tempo que o passado é evocado e lembrado (para mostrar a situação terrível vivida anteriormente): *É uma vítima dos políticos corruptos, insensíveis, que demagogicamente diziam amará-la.* O futuro – em contrapartida com o passado caótico⁹⁶ – seria mais glorioso. O governo demagógico chegava ao fim. Agora as crianças teriam seu futuro, como podemos ver na imagem a seguir:

CRIANÇAS — As crianças deram o grande exemplo. Mobilizaram-se para a batalha de redenção nacional.



JUNDIAI E MOCOCA NAS FILEIRAS DO "EXERCÍCIO DO OURO"

Outros municípios paulistas aderem à patriótica campanha

Funcionários da Sorocabana oferecem um dia de salário — Presidente da Câmara Municipal de São Paulo: "Congratule-me com o direção dos 'Diários e Emissores Associados' por ter feito a oportuna iniciativa" — (leia na 2.ª página)

OURO PARA O BEM DO BRASIL

APELO DO CONGRESSO

BRASÍLIA, 11 (Meridional) — O sr. Cunha Bueno (PSD-São Paulo), ressaltando o papel desempenhado pelas civis no regime revolucionário que culminou com a vitória da democracia, considerou a extraordinária repercussão que está alcançando em São Paulo, tanto na capital como nos interiores, a campanha denominada "Ouro para o Bem do Brasil". "Nesta jornada — afirmou o orador — se lutaram todos os cidadãos, representantes dos 14 milhões de paulistas, desde o pequeno industrial até o humilde trabalhador da cidade e do campo. Através desta verdadeira cruzada social, liderada pelos jornalistas Assis Chateaubriand e Edmundo Mourão, se possibilitou a detonação heróica de uma paulista no ideal que inspirou a última revolução, através da participação invictável do trabalho em construção e de uma demonstração inimitável de respeito ao cidadão e de uma demonstração democrática".

Constatando a dificuldade financeira por que atravessa o Brasil e encorajado os votos feitos pelo sr. Cunha Bueno a "campanha municipal e provincial" de obter "ouro para o Bem do Brasil", iniciada pelo Jornal "Associados" de São Paulo, o deputado Filipeo Brizola (PTB-São Paulo) sugeriu, na Tribuna da Câmara, "a todos aqueles que também aderiram ao seu apelo pelo trabalho, que fizessem um esforço, em benefício, em homenagem, aos operários, nos respectivos, a todos os níveis trabalhistas, a todos aqueles que vivem de comércio". E sugeriu: "O produto de sua taxa de serviço diário que cada brasileiro que trabalha terá, escabendo de maneira eficiente para que se levantem as finanças nacionais. O Brasil precisa de um pouco de sacrifício da sua parte, por isso, o meu apelo".

O ESTADO DE ISRAEL

Acompanha esta edição um Suplemento dedicado ao 16.º aniversário da Independência do Estado de Israel.

161.600

EXEMPLARES

ESTA FOI A CIRCULAÇÃO LÍQUIDA DO

Diário da Noite

O JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO EM SÃO PAULO

DE ONTEM (13-5-64)

Doação de uma criança à campanha. In. Diário da Noite: 14/05/1964. p.1.

⁹⁶ “Goulart opera uma disjunção entre Brasil e a ordem uma conjunção entre o Brasil o caos. Os parasinônimos do “caos”, que aparecem no discurso do golpe, são, entre outros, “desordem”, “desrespeito”, “indisciplina”, “solapamento da autoridade”, “quebra da hierarquia”, “subversão”, “estagnação econômica”, “orgia inflacionária”, “anarquia”, “corrupção”, “demagogia”, “insolvência financeira do país”. Goulart levou o Brasil ao caos, porque seu fim último era “bolchevizar o país”, ou seja, operar uma disjunção entre o Brasil e o capitalismo e uma conjunção entre o país e o comunismo” In FIORIN, José Luiz. Op. cit, p. 27. Como podemos ver o discurso pré e pós golpe para desqualificar Goulart foi utilizado para, ao mesmo tempo, glorificar as Forças Armadas.

No dia 15 de maio as balanças onde se depositava o metal marcavam 120 quilos de ouro, algo já memorável em apenas dois dias. A *cruzada da redenção nacional*⁹⁷ assim seguia seu rumo na capital paulista. Ao mesmo tempo a campanha cruzava as dependências dos Associados na capital e adentrava o interior do estado e do Brasil. A cidade de Santos, logo no dia onze de maio (antes mesmo do início na capital) já preparava sua arrecadação, gesto esse seguido por diversas outras cidades.

Mas nos foquemos no momento na capital paulista⁹⁸. No mesmo dia em que as balanças registraram 120 quilos do metal, o jornal *Diário da Noite* noticiava como a união das pessoas é a única forma para restaurar as finanças.

Alunos dos grupos escolares, clérigos, pastores e ministros de todas as religiões, ginásianos, universitários ferroviários, bancários, comerciários, operários de todas as profissões, banqueiros, industriais, fazendeiros, todos se unem neste momento para restaurar as finanças do Brasil, vítima da política demagógica de aventureiros que emitiam desbragadamente, tornando a situação do povo crítica e insustentável. Churchill, após a guerra, pediu aos ingleses “sangue, suor e lágrimas” para restaurar a Inglaterra. Nós não pedimos sangue, nem lágrimas, pedimos a “gota de suor” de cada brasileiro, a ternura das mulheres brasileiras, das mães brasileiras, das esposas, dos filhos, dos irmãos, irmanados por um ideal sublime: legar a pátria o destino que ela tem, de ser prodígia para os que nela nasceram⁹⁹.

Que a campanha buscou uma união classista, isso já fora discutido anteriormente, mas é interessante perceber como o jornal quer passar essa ideia. Ao mesmo tempo que a busca, traz uma ideia de guerra vencida – *Churchill após a guerra* – e que precisava agora de restauração. Um típico cenário de pós guerra. Desta vez, a derrota nazista e a vitória dos aliados era usada

⁹⁷Diário da Noite: 15/05/1964. p. 1.

⁹⁸ “O esporte também contribuiu com a campanha em São Paulo. Um jogo amistoso entre as equipes da Portuguesa Santista e Santos foi realizado, com os lucros destinados aos cofres.

Esta tarde em “Ulrico Mursa” Santos x Portuguesa Santista

A renda do prélio reverterá em favor da campanha “OURO PARA O BEM DO BRASIL”

Os portões do estádio de “Ulrico Mursa” serão abertos na tarde de hoje para a realização do prélio que reúne os quadros da Portuguesa santista e do Santos. Trata-se de um amistoso, mas tudo indica que será de boas proporções, capaz de agradar plenamente, porque há interesse dos litigantes pela vitória e eles estão capacitados e boa apresentação.

Em prol da Campanha

A renda total do encontro reverterá em benefício da campanha “Ouro para o Bem do Brasil”, promovida pelos “Diários Associados”. Como se sabe, esse grande movimento de civismo, em tão boa hora incrementado pelos órgãos Associados, está tendo a maior repercussão e a melhor acolhida em todo o país. Os grêmios da cidade de Braz Cubas, sempre prontos a dar sua grande cooperação a todas as obras em benefício da pátria, não deixaram, neste momento, de estar presentes. Eis porque Portuguesa santista e Santos pelearão esta tarde e é certo que todo o povo santista se movimentará, em mais uma demonstração de seu incondicional apoio para um futuro melhor para o Brasil.”

In. Diário da Noite: 06/06/1964. p. 11.

⁹⁹ Idem, 15/05/1964. p. 22.

para mostrar a vitória da “democracia” no 31 de março. A guerra havia acabado (mas os resultados espúrios da mesma ainda permaneciam). A inflação, a crise econômica, todos os males do país que o estavam levando para o abismo. Bastava que todos se unissem, dando sua *gota de suor* pela pátria.

E esse suor não era apenas imaginado, mas sim real. Junto com as doações do ouro e outros recursos, teve também uma campanha intitulada *Uma gota de suor pela pátria*. Diferentemente da do ouro, essa campanha não ficava em um local estabelecido – como a sede do *Diários Associados* – mas sim adentrava o espaço do trabalhador: as fábricas ou outros locais de trabalho. O objetivo era doar um dia de trabalho para o bem do Brasil - dinheiro esse que seria enviado para os cofres da Campanha, portanto teria o mesmo destino grandioso. Em Blumenau/SC os trabalhadores têxteis da Empresa Industrial Garcia, uma das maiores da cidade do ramo fundada em 1885, se articulavam para ajudar:

Corre lista dos trabalhadores no sentido de que cada [dará] [...] o valor de um dia de trabalho em benefício da campanha, lista esta que está contando com 100% de adesões [...] não há dúvidas de que todos os trabalhadores Blumenauenses colaborarão da mesma forma e as firmas empregadoras farão doações e equivalente ao total arrecadado entre seus empregados¹⁰⁰.

Na mesma cidade, trabalhadores da Artex, outra empresa têxtil também colaboraram com a Campanha: *Foi o seguinte, em cifras, o resultado da conhecida campanha na “Artex”: Empregados, Cr\$ 1.200.000,00; Direção, Cr\$ 1.500.000,00. Total, Cr\$ 2.700.000,00 (dois milhões e setecentos mil cruzeiros)*¹⁰¹.

Já em São Paulo, na cidade de Santo Amaro, os empregados e diretores da Auto Viação Jurema LTDA

Unidos num só espírito de solidariedade e patriotismo, crenes nos destinos do nosso querido Brasil e desejosos de darem uma gota de suor, contribuíram com a importância de 400.000 cruzeiros, enviando dois cheques de 200.000 cruzeiros, relativos aos empregados e proprietários¹⁰².

Mas não eram apenas fábricas e operários que ingressavam. Funcionários da Caixa Econômica Federal de São Paulo também deram seu suor: *Todos queremos um Brasil grande e respeitado, para tanto contribuimos com o que podemos. Funcionários da Caixa Econômica Federal de S. Paulo decidiram doar um dia de trabalho para esta maravilhosa campanha*¹⁰³.

¹⁰⁰ A Nação: 19/05/1964. p. 8.

¹⁰¹ Mensageiro Artex: 05/1964. p. 4.

¹⁰² Diário da Noite: 18/05/1964. p. 6

¹⁰³ Idem, 09/07/1964, p.12.

Há vários outros exemplos de *gotas de suor pela Pátria* em outros jornais e locais, e não é necessário enumerar todos. O que seria interessante é um estudo mais aprofundado sobre a relação dos operários fabris com o golpe e o novo governo Castelo Branco. No momento deixemos de lado essa relação para continuar sobre os ditos da Campanha. No capítulo seguinte voltaremos sobre isso.

Enquanto o chão de fábrica se articulava para dar um dia de seu trabalho, algumas figuras ilustres compareceram ao saguão dos Associados em São Paulo portando joias e outros recursos. O embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Lincoln Gordon, acompanhado de sua esposa doou o sua aliança de casamento, em troca da aliança símbolo da campanha. *Na mesa de troca de alianças, quando o Sr. Lincoln Gordon experimentou várias até encontrar o seu número, sorriu e trocou cumprimentos com os colaboradores*¹⁰⁴. Junto com Gordon, o então governador de São Paulo, Adhemar de Barros, doou todo o seu salário de 400 mil cruzeiros à campanha.

Figures ilustres doavam e os ponteiros das balanças movimentavam. No dia 18 de maio – 5 dias após o início oficial – marcavam incríveis 238 quilos do metal¹⁰⁵. Enquanto na capital paulista as doações apenas aumentavam, outras cidades brasileiras começavam suas campanhas. Em Blumenau, cidade localizada no Vale do Itajaí, interior do estado de Santa Catarina, a campanha – que se intitulava “*Ouro de Blumenau para o Bem do Brasil*” teve início no dia 20 de maio. O jornal *A Nação* (órgão dos Diários Associados na cidade catarinense) assim noticiava.

A oportuna e patriótica iniciativa dos Diários Associados de S. Paulo lançando, dias atrás, a campanha “Ouro para o bem do Brasil”, vem encontrando a mais ampla receptividade em todo o território nacional. Chegou, com efeito, a hora de todos os brasileiros darem sua colaboração no sentido da pronta restauração das finanças nacionais em estado de quase completa indigência por culpa do governo que a revolução democrática de 31 de março findo destruiu em setenta e poucas horas apenas sem a necessidade de derramamento de sangue.

Aqui em Blumenau, como já temos dito, essa campanha repercutiu do modo mais favorável e a população se prepara, à semelhança do que já está ocorrendo ou vai ocorrer em outras cidades brasileiras, dar-lhe todo o apoio possível, de modo a que o movimento obtenha mais animadores resultados, traduza, por outro lado os mais puros sentimentos cívicos dos que vivem neste pedaço do Vale do Itajaí. [...]

E assim continua:

O Comando da Revolução logo se inteirou da situação geral do país, não escondendo a verdade ao povo: por intermédio de seus porta-vozes autorizados, fez a Nação ciente

¹⁰⁴ Diário da Noite: 16/05/1964, p. 1.

¹⁰⁵ Idem, 18/05/1964, p. 6.

de que as finanças estavam em pandarecos, o Tesouro estava praticamente esgotado e as dívidas a serem pagas eram enormes. Impunha-se, por tanto, para salvar o país da bancarrota, o estabelecimento da contenção das despesas e um pouco mais de sacrifício da parte de todos¹⁰⁶.

Esse pequeno sacrifício por parte de todos explica o título da campanha de arrecadação do dia de trabalho – *Uma gota de suor pela pátria* – mas não só. O esforço deveria vir de todos, inclusive em ações do dia-dia do sujeito. Ele deveria fazer parte da vida do cidadão, quando um pequeno gesto de abstinência iria contribuir para o bom futuro do país e de seus filhos.

Os habituados ao whisky, aos bons charutos, que sacrifiquem uma dose, uma dose a menos para o bem do Brasil. Os fumadores de charutos que sacrifiquem o vício, em prol da grandeza da Pátria comum. Aos frequentadores de cinemas, que sacrifiquem uma noite, para contribuir para a grandeza da Pátria. Aos tomadores de Cerveja, que se abstenham de mais uma, para contribuir para a campanha de salvação do Brasil. Aos fumadores inveterados de cigarros, que se abstenham de um maço, para o bem do Brasil. Todos, todos enfim, poderão contribuir para salvar a Pátria do tremendo caos em que a lançaram falsos e demagogos patriotas que queriam a nossa desgraça. Contribuamos para a campanha meritória e patriótica, em prol do erguimento de nossas finanças, salvando assim o futuro de nossos filhos¹⁰⁷.

A mensagem é clara: o futuro está em jogo; o da pátria e de seus filhos. Assim como o discurso de Churchill no jornal paulista era usado para passar a ideia de guerra vencida, aqui a luta, com a tão sonhada libertação do *perigo comunista* e o que veio com ela nos dá a mesma impressão, mas vai além. Ao propor a união de todos, o que se busca não é apenas reerguer as finanças, mas sim, que o Brasil cumpra o seu destino, sua vocação histórica: A de transformar em uma grande potência¹⁰⁸. Esse discurso de um certo imobilismo histórico, com o país seguindo seu rumo prometido foi um dos argumentos utilizados pelos militares, analisados por Fiorin. E então, coube a eles (militares), com suas *virtudes*¹⁰⁹ colocar o país novamente no seu objetivo histórico, que havia sido abandonado pelos governos passados.

Sete dias após o início em São Paulo e com outras cidades do interior brasileiro se articulando, Blumenau lança a sua campanha. Em cerimônia pomposa no centro da cidade, na Galeria Busch, localizada na Rua XV de Novembro – centro comercial e político do município – se dava início às 15 horas a celebração. O prefeito da cidade, Hercílio Deeke junto com Aristeu

¹⁰⁶ A Nação: 19/05/1964, p. 8.

¹⁰⁷ Idem, 20/05/1964, p. 1.

¹⁰⁸ FIORIN, José Luiz. Op. cit, p. 55.

¹⁰⁹ As virtudes que Fiorin analisa no discurso de 1964 são: “o desinteresse, a coragem, a incorruptibilidade, a energia, a perseverança e o patriotismo. As Forças Armadas são a “suprema reserva moral da nação”, estão fora e acima dos partidos e classes e a serviço da pátria. In. Idem, p. 51.

Raul de Gouvea Schiefler, Juiz de Direito da 1ª. Vara da Comarca; Ane-Mari Soares, professora do município, em nome das mulheres; Nilton Vieira Machado, em nome dos operários; Frederico Carlos Allende, representando a Associação Comercial e Industrial de Blumenau; o estudante Carlos Wendt. Quebrando os protocolos iniciais, o Sr. Coronel Itibere Gouveia do Amaral, comandante do I.D. de Ponta Grossa, tomou a palavra na celebração de abertura na cidade catarinense¹¹⁰. Logo após as primeiras falas o prefeito Hercilio Deeke doou 100 mil cruzeiros, ganhando assim o cartão de doador – entregue a todos que doassem na Galeria Busch -, selando assim sua participação financeira na Campanha.

Logo no primeiro dia fora em Blumenau arrecadados Cr\$ 15.183.467,00, sendo Cr\$ 2.300.000,00 apenas provenientes de duas barras de ouro¹¹¹. No seguinte a soma já aumentara para Cr\$ 17.889.275,40 (somando todos os objetos, dinheiro e cheques)¹¹². No dia 25 de maio, a soma total já chegava a cifra de: *Em dinheiro; Cr\$ 20.056.514,00; Em ouro: 2 quilos, 945 gramas e 96 miligramas*¹¹³. E não era apenas dinheiro em espécie, cheques ou ouro que a campanha na cidade de Blumenau viu receber. Objetos (sendo alguns inusitados) e também terras foram doados (e posteriormente leiloados no final da Campanha). Um terreno valendo Cr\$ 100.000,00; uma taça (Cr\$ 20.000,00); um tapete (Cr\$ 75.000,00); um extintor de incêndio (Cr\$ 5.000,00); uma novilha (sem valor inicial); ações da Petrobrás e um relógio de bolso (Cr\$ 15.000,00)¹¹⁴.

Outros objetos, com apenas valor artístico, não tendo o ouro redentor também foram leiloadas na cidade. Os que não fossem arrematados teriam seus destinos vinculados ao bingo:

¹¹⁰ “Iniciando a cerimônia cívica, usou da palavra o Sr. Hercilio Deeke, prefeito da cidade que em belas e comoventes palavras disse da razão de ser da instalação da campanha de tão alto sentido cívico e patriótico. Falou a seguir o Exmo. Sr. Dr. Aristeu de Gouveia Schifler, Juiz de Direito da Comarca que em vibrantes palavras rememorou trechos da vida cívica de Blumenau, apelando para o povo, no sentido de que essa campanha alcance pleno êxito. Usou a seguir da palavra, a Professora Ane-Mari Soares que em nome da mulher Blumenauense, manifestou o desejo de que todas as mulheres contribuíssem para o bem de nossa pátria.

Falou em nome da Associação Comercial e Industrial de Blumenau, o jornalista F.C. Allende que em rápidas palavras enalteceu o sentido cívico dessa campanha em prol do soerguimento de nossas finanças tão combalidas pelos desmandos de passados governos.

Em seguida falou, em nome dos operários de nossas indústrias, o Sr. Nilton Vieira, que em palavras repassadas de puro patriotismo, hipotecou toda a solidariedade das classes operárias, dentro das possibilidades de cada um pois que a Liberdade não tem preço.

Finalizando falou o jovem Carlos Wendt que em nome da Classe Estudantil de Blumenau, veio trazer todo o calor da mocidade estudiosa em prol dessa campanha que marcará época nos destinos de nossa pátria.

Empolgado pelo que lhe foi dado observar, pediu a palavra o Sr. Coronel Itibere Gouveia do Amaral, comandante do I.D. de Ponta Grossa, que em breves e comovidas palavras enaltecendo o civismo do povo blumenauense, agradeceu a magnífica cooperação desta boa gente.” In. A Nação. 21/05/1964. p. 1.

¹¹¹ **A Nação**: 21/05/1964. p. 1.

¹¹² *Idem*, 22/05/1964, p. 1.

¹¹³ *Ibidem*, 27/05/1964, p. 1.

¹¹⁴ *Ibidem*, 19/06/1964, p. 8.

Em virtude de terem sido encontrados artigos e joias de grande valor artístico que uma vez fundidos, não darão em ouro o valor que na realidade representam, resolveu a comissão para melhor e maior apuração dos resultados, promover em data que será previamente anunciada, um leilão, seguindo de bingo. As joias e moedas de alto valor que não forem arrematadas no leilão serão postas em bingo, possibilitando, assim a comissão, obter seu justo valor e dar no mesmo tempo ensejo aos felizardos de obterem por baixo custo joias de real valor. A Relojoaria Catarinense, situada ao lado da Galeria Busch, na Rua 15 de Novembro, prontificou-se a expor em uma de suas vitrines as joias, moedas e valores em moeda estrangeira que poderão ser arrematadas em leilão ou, disputadas em bingo¹¹⁵.

Mais antes de prosseguirmos com a campanha em terras catarinenses, vamos voltar para a capital paulista. Enquanto a soma já chegava a incrível marca de 361 quilos de ouro e 309 milhões de cruzeiros na dita cidade, um doador célebre e central no contexto nacional se lança na cruzada da reconstrução do país: Castelo Branco. No dia 26 de maio, tendo vindo à cidade de São Paulo especialmente para doar seu objeto de ouro – um chaveiro que ganhou de sua esposa aos quarenta anos de casado, gesto esse parecido com os de Lincoln Gordon e Costa e Silva¹¹⁶, com a diferença que esses últimos doaram suas alianças. O gesto do então presidente general não passou em branco nos jornais, muito pelo contrário. Sua doação é muito festejada e celebrada. Algo patriótico e vindo de alguém que celebra o bem do Brasil, como podemos ver na imagem abaixo:



Momento da chegada de Castelo Branco ao Saguão dos Diários Associados em São Paulo, onde doou um pequeno objeto de ouro. In. Diário da Noite: 27/06/1964. p.8.

¹¹⁵ A Nação: 19/06/1964, p. 8.

¹¹⁶ A doação de Lincoln Gordon já fora tratada neste trabalho, Costa e Silva doou sua aliança no dia 26 de maio (no mesmo dia do general presidente).

Embora sua presença no evento tenha sido rápida – apenas 15 minutos – foi suficiente para um discurso emocionado de Edmundo Monteiro ao novo chefe da nação.

Quando vossa excelência determinar a abertura destes cofres, certamente irá encontrar o ouro umedecido pelas lágrimas de emoção vertidas por aqueles que aqui presenciaram as mais tocantes demonstrações de amor ao Brasil. É o povo que aqui comparece – homens e mulheres de todas as religiões; crianças, jovens, adultos e velhos; enfermos, cegos e paralíticos; pobres e ricos – é o povo que aqui comparece – brasileiros e estrangeiros irmanados pelos mesmos ideias. Duzentas mil alianças já foram colocadas em mãos de autênticos Legionários da Democracia, em apenas 12 dias – isto significa que foram depositados nestes cofres duzentos mil votos de confiança no presidente Castelo Branco¹¹⁷.

Continuando, a mesma notícia destaca:

Estamos certos de que milhões de alianças e anéis caminharão neste vasto e querido Brasil como símbolos de uma fé inquebrantável no futuro de nossa Pátria. É o Exército das consciências numa afirmação de fé e esperanças. Não sei quantas toneladas de ouro passaremos às mãos honradas de vossa excelência. Estou certo, porém de que entregaremos ao presidente da República toneladas e toneladas de civismo. Vossa excelência e seu digno governo já estão consagrados no mais eloquente plebiscito, onde todo um povo deseja dar um pouco de si para ter a sublime ventura de votar conscientemente¹¹⁸.

A própria campanha se torna o plebiscito para a escolha do presidente, como se fossem os votos democráticos ao novo chefe da nação. Veremos mais adiante como as pessoas que doaram se relacionaram e se viam no meio de tudo, mas no momento isso nos basta. A legitimidade “democrática” é evocada, mesmo quando ela nem mesmo existe. Os votos de confiança – e democráticos - para Castelo Branco são dados pelos patriotas doadores.

Sem dúvidas a presença de Castelo Branco, por mais rápida que tenha sido, foi algo memorável. Ao doar sua pequena peça de ouro o presidente assume sua preocupação com o futuro da nação e dos brasileiros, assim como os doadores que lá depositam seus recursos. Em Blumenau seu gesto foi visto como algo louvável. O jornal *A Nação* na cidade assim anunciou: *Vindo especialmente de Brasília para depositar nas urnas a sua “lembrança”, essa joia de estima, significa demonstração superior do espírito público do primeiro mandatário e sobretudo da sintonia dos seus atos com o sentimento do povo brasileiro*¹¹⁹.

Ao se aproximar das pessoas – em seu gesto – o presidente general cria uma imagem de si. Com ajuda dos jornais pró governo sua figura passa a ser como a de um verdadeiro patriota

¹¹⁷ **Diário da Noite**: 27/05/1964, p. 7.

¹¹⁸ *Idem*, 27/05/1964, p. 7.

¹¹⁹ *A Nação*: 04/06/1964, p. 1.

que se sacrifica para o bem de todos. Ao buscar a expressão *primeiro mandatário* o jornal blumenauense se relaciona novamente o início de uma nova era, algo já visto nos jornais paulistas.

Mas não eram todos os jornais que apoiavam euforicamente a campanha. Em São Paulo, os *Diários Associados*, representado pelo seu editor chefe, Edmundo Monteiro entraram em litígio com o *Correio da Manhã*. Esse último, jornal sediado no Rio de Janeiro afirmava que a Campanha não teria sentido, já que o montante arrecadado não seria suficiente para pagar a dívida externa. Mas as críticas do jornal carioca não ficavam apenas em detalhes técnicos. O jornalista Márcio Moreira Alves, em artigo publicado no jornal ainda no dia 24 de maio atacava a moral e a honra dos organizadores da campanha.

O CORREIO DA MANHÃ demonstrou, com cópias fotostáticas, que os porta-vozes da campanha eram ladrões e falsificadores. [...] os promotores da campanha agem como se fossem um grupo de anjos a bailar na ponta de um alfinete bizantino. E até anunciam em S. Paulo a presença na próxima terça-feira do marechal Castelo Branco, que iria doar suas alianças. Caso isto se confirme, veremos o presidente da República entregar seu ouro a indivíduos que, em um País medianamente policiado, estariam no máximo, editando o boletim informativo da penitenciária¹²⁰.

A posição do *Correio da Manhã* no que se refere a campanha é intrigante. Seu editorial apoio o golpe de 31 de março, no qual levou Castelo Branco ao poder. Sua manchete do dia 01 de abril é simbólica, um grande *FORA!!* aparecia em suas páginas, um fora Goulart. *A Nação não mais suporta a permanência do Sr. João Goulart à frente do Governo. Chegou ao limite final a capacidade de tolerá-lo por mais tempo. Não resta outra saída ao Sr. João Goulart senão a de entregar o governo ao seu legítimo sucessor*¹²¹.

Com isso, como podemos explicar o pesado ataque dirigido ao Diários Associados e a campanha? A resposta possa talvez não ser analisada, pois nos faltam maiores detalhes sobre as relações entre ambos os jornais. Porém, nos mostra que nem todos apoiavam a campanha e o que ela buscava. Relações extra editoriais à parte, a resposta de Edmundo Monteiro, dos Diários Associados a seu difamador foi direta, tendo sido dita não só no jornal, mas proferida por um deputado em um discurso na Câmara (ver no rodapé)¹²². O editor chefe do jornal paulista assim respondeu:

¹²⁰ Correio da Manhã: 24/05/1964. p. 6.

¹²¹ Correio da Manhã: 01/04/1964. In. CODATO, Adriano Nervo; OLIVEIRA, Marcus Roberto de. A marcha, o terço e o livro: catolicismo conservador e ação política na conjuntura do golpe de 1964. Rev. Bras. Hist. vol.24 no.47 São Paulo, 2004.

¹²² O deputado federal Dias Menezes preferiu estas palavras em discurso na Câmara em Brasília:

A fim de que nenhuma dúvida pairasse sobre o destino das doações e permanecesse imaculado o movimento, fizemo-lo cercar de todas as cautelas e garantias, colocando-o sob a guarda das Forças Armadas. [...] E as chaves dos cofres foram colocadas nas mãos honradas do Senhor marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, presidente da República, que veio especialmente, hoje a São Paulo, prestigiando a campanha “Ouro para o Bem do Brasil”¹²³.

Como podemos ver a mensagem vai além da simples resposta ao matutino carioca. Novamente a figura de Castelo Branco é exaltada. Em suas *mãos honradas* se encontrava os segredos dos cofres, sendo esses guardados pelas Forças Armadas. Exército como o segurança do tesouro e Castelo Branco como o honrado guardião. A própria imagem da instituição e do marechal estavam em jogo.

Apesar dos atritos, as doações na capital paulista continuaram, e no interior novas cidades aderiram ao *chamamento patriótico*. Foram as cidades paulistas as primeiras que organizaram suas campanhas, mas como já vimos, outras cidades em diferentes estados contribuíram. Ainda no dia onze de maio, o jornal *Diário da Noite*, com os organizadores da campanha na capital lançam um comunicado para o interior do estado, para as cidades que desejariam aderir com a arrecadação.

- 1) - As adesões, para facilitar o esquema de segurança e as comunicações, deverão vir por escrito, partindo dos Srs. Prefeitos ou Presidentes de Associações ou agrupamentos que queiram colaborar
- 2) Está sendo organizado todo o esquema de recolhimento no interior do Estado de São Paulo, de forma a segurar, através das autoridades constituídas, o recebimento da contribuição dos patriotas do interior de São Paulo;
- 3) Os ofícios, cartas ou telegramas, deverão ser dirigidos à Comissão Executiva da Campanha “Ouro para o bem do Brasil”. À rua Sete de Abril, 230 – 4º. Andar¹²⁴.

Como podemos ver, toda as arrecadações necessitavam do aval da capital. Se cria assim um dispositivo burocrático e até mesmo hierarquizado. Seu objetivo era evitar que pessoas

“Sr. Presidente, não é absolutamente pela planificação que se lhe foi dada, pelo objetivo que encerra, um fito de propaganda e uma exclusividade dos “Diários Associados”. Deverá a campanha alcançar todo o território nacional, e para esse fim, contará com o apoio quase total dos órgãos de divulgação. No entanto, sr. Presidente, um conceituado jornal que sempre se distinguiu na defesa de nossas tradições democráticas, um jornal que defende ideias e princípios e que sempre propugnou pelo verdadeiro professo do país, lamentavelmente inicia um movimento contraditório àquela meritória campanha, atingindo com isso, não um concorrente, mas a população de S. Paulo e do Brasil, que com grande patriotismo atende ao chamamento cívico feito por São Paulo pelo bem do Brasil. A argumentação de que se utiliza é de todo insustentável, pois assevera que “a campanha dos “Diários Associados” foi montada com a finalidade de ilaquear os sentimentos patrióticos e a boa-fé dos paulistas”, dando a impressão que os fundos arrecadados não seriam destinados a reverter em favor do país[...]” *Diário da Noite*: 01/06/1964. p. 3.

¹²³ *Diário da Noite*: 29/05/1964. p. 3.

¹²⁴ *Idem*, 11/05/1964. p. 3.

desonestas pudessem agir e que assim se conseguissem uma maior logística e controle em relação aos recursos doados.

A campanha foi algo muito bem organizado. O seu centro era a cidade de São Paulo, mas haviam várias outras células. No estado paulista, todo o recurso arrecadado era enviado à sede dos Diários Associados na capital após o encerramento em cada cidade. Mas precisamos analisar também como foi a participação do interior. Como vimos,

Santos foi a primeira cidade do Interior de São Paulo a dar a sua adesão à campanha “Ouro para o Bem do Brasil”. Estamos certos de que outras cidades do Interior darão, nestas próximas horas, idênticas adesões a esta campanha patriótica de angariar ouro para o Tesouro Nacional fortalecer a nossa moeda¹²⁵.

E o resultado não poderia ser diferente. Apenas nos primeiros dias, várias cidades se unem a campanha. Entre elas podemos citar: Catanduva (12/05); Cubatão (12/05)¹²⁶; Jundiá (13/05); Mococa (13/05)¹²⁷; São Sebastião¹²⁸ (17/05); Guarulhos¹²⁹ (17/05), entre outras. Apesar das cidades terem aderido em dias diferentes, o início da arrecadação seria o mesmo: 23 de maio. *Todo Interior iniciará dia 23, data que marca o início da Revolução Constitucionalista de 1932, a campanha “Legionários da Democracia” ou “Ouro para o Bem do Brasil”, encetada em todo o território nacional pelos Diários e Emissoras Associados*¹³⁰.

Novamente a busca pela memória de 1932 é evocada. O esforço paulista da década de 1930 em sua luta contra o Vargas se confunde com o novo esforço, agora para reerguer o Brasil financeiramente. O povo paulista, assim como no passado, deveria se unir para lutar para o seu próprio futuro.

Em quase todas as cidades do interior paulista a arrecadação durou sete dias, sendo chamado de a *Semana Cívica do Ouro*. Por sua vez, tiveram inícios em dias diferentes. No dia 30 de maio, as comitativas das cidades de Boituva, Cravinhos, Jundiá e Arujá trouxeram à sede nos Diários Associados os recursos obtidos. Jundiá mereceu destaque nas páginas do *Diário da Noite*, já que na cidade foram arrecadados 17.700 gramas em ouro e em dinheiro Cr\$ 54.684.058,70, a maior do interior paulista até aquele momento. E não foram apenas os valores arrecadados que mereceu o destaque nas páginas do jornal. Na entrega dos recursos na capital

¹²⁵ **Diário da Noite**: 11/05/1964. p. 11.

¹²⁶ *Idem*, 13/05/1964, p. 2.

¹²⁷ *Ibidem*, 14/05/1964, p. 1.

¹²⁸ *Ibidem*, 18/05/1964, p. 6.

¹²⁹ *Ibidem*, 18/05/1964, p. 16.

¹³⁰ *Ibidem*, 19/05/1964, p. 10.

paulista a comitiva trazendo o ouro da redenção *estava constituída de 80 pessoas, que viajaram em dezenas de carros, precedendo a grande caravana de batedores vindo logo atrás o caminhão do Exército do II Grupo de Obuzes que transportou os valores de Jundiá*¹³¹.

O caminhão que transportou os cofres e que puxava a comitiva trazia uma faixa com os dizeres: *Como em 32, Jundiá está de pé*. Ao chegar, soldados do exército carregaram os cofres com os recursos para o interior da sede dos Associados. O jornal enfatiza que no ato, uma grande salva de palmas foi ouvida no saguão pelas pessoas que lá estavam. Após esse gesto, coube aos Srs; José Danilo Nogueira de Sá, Juiz de Direito de Jundiá; Alcino Pontes de Oliveira, presidente do Lions e José Messina, presidente do Rotary, um discurso de finalização da campanha municipal. José Messina leu a ata de encerramento e afirmou *ser melhor pagar para viver democraticamente do que viver na corrupção*¹³².

A cidade de Boituva, com seus seis mil habitantes, trouxe a quantia de quatro milhões, quarenta e um mil e quinhentos e sessenta e seis cruzeiros e 1300 gramas de ouro. Cravinhos entregou três milhões, três mil e quinhentos cruzeiros e um quilo de ouro. E finalmente Arujá arrecadou *quinhentas gramas de ouro e sete mil, cento e oito cruzeiros e 179 moedas e uma placa de prata*¹³³. No dia seguinte outras cidades interioranas trouxeram seus recursos. A comitiva de Santo André, chefiada pelos senhores Oliver Tojinato, presidente do Rotary; Zollo de Souza Assis, presidente do Lions; Jordão Nechlatti, presidente do Centro Democrático; Líbero Cerrote, presidente da Associação das Industrias e Abraão Ludner, presidente do Clube de Lojistas entregou na capital quinze quilos de ouro e Cr\$ 34.789.634,00.

Na cidade de Itapetininga, além dos presidentes do Rotary e do Lions – e outras figuras ilustres do município – um grupo de soldados constitucionalistas de 1932 trouxeram a arrecadação, com um total de cinco quilos e quinhentas gramas de ouro e Cr\$ 7.250.000,00. Em Lorena o montante arrecadado foi de: dois quilos e novecentas gramas do metal e sete milhões e quatrocentos mil cruzeiros. Já nas cidades de Itanhaém e São Caetano, as comitivas depositaram nos cofres dos Associados cinco quilos e quinhentas gramas de ouro e um pouco mais de três milhões de cruzeiros.

Representando a cidade de Lorena, o vice prefeito, Manoel Gomes Gonçalves e os presidentes do Rotary e Lions do município entregaram a quantia de 750 gramas de ouro e três milhões, oitocentos e dezenove mil, novecentos e noventa e dois cruzeiros. No mesmo dia,

¹³¹ **Diário da Noite**: 01/06/1964, p. 1.

¹³² *Idem*, 01/06/1964, p. 8.

¹³³ *Ibidem*, 01/06/1964, p. 8

algumas doações particulares também foram feitas. O vigário da Paroquia de Nossa Senhora de Fátima, frei Severino Rouquette *entregou várias joias, que são da paroquia, pagamento de promessas dos fiéis*¹³⁴. Como todas essas doações, as balanças já marcavam 511 quilos do metal no dia dois de junho. E a campanha estava só na metade.

Nos dias seguintes vários outros municípios fizeram suas entregas: Indaiatuba (02/06), 2.630 gramas de ouro e 4.626,30,00; Santa Rita do Passa Quatro (03/06), 1.085 gramas e 1.220.509,30 cruzeiros; Mogi das Cruzes (03/06), 12 quilos de ouro e dezenove milhões de cruzeiros; entre outras.

Enquanto as doações no interior paulista iam caminhando para o final, na capital fluminense iria apenas começar. No dia 01 de junho, estava previsto na campanha no Rio de Janeiro que,

em solenidade presidida pelo governador Raphael de Almeida Magalhaes, será instalada às 18 horas de amanhã, na Guanabara - nas dependências do cinema Odeon - a Campanha do Ouro para o bem do Brasil” que, em São Paulo, onde foi lançada, arrecadou mais de 500 quilos de ouro e meio bilhão de cruzeiros. Os donativos para a campanha serão arrecadados na Guanabara, durante 30 dias e, em troca, o carioca receberá, além da “satisfação de ter contribuído para o fortalecimento de seu país e da democracia” uma aliança de metal com uma inscrição alusiva ao seu gesto¹³⁵.

Ao doarem seus recursos, os doadores receberiam alianças da campanha. Tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo as alianças eram a prova da devoção e do patriotismo do povo brasileiro¹³⁶. Todo esse simbolismo é visto da seguinte maneira pelo jornal Diário da Noite:

É óbvio que a arrecadação dessa campanha não ajudará o país a sair de sua crise financeira. Mas esta campanha é simbólica: traduz o patriotismo do brasileiro, que ao dar sua aliança, demonstra sua fé e esperança no Governo do Presidente Humberto. É um simbólico e patriótico plebiscito¹³⁷.

Como já vimos, a ideia de que a campanha era na verdade um plebiscito para a escolha de Castelo Branco como presidente era algo presente. Mesmo que a arrecadação não ajudasse a recuperar a saúde financeira do país, o importante era que todos contribuíssem para assim demonstrar seu voto de fé no novo presidente. E se doar simbolizava apoio, o governador do estado de Ceará e sua família, no ato de lançamento da campanha em seu estado deram um grande gesto de louvor ao novo presidente. *O Governador Virgílio Tavora, foi o primeiro a fazer*

¹³⁴ **Diário da Noite**: 02/06/1964, p. 10.

¹³⁵ *Idem*, 01/06/1964. p. 3.

¹³⁶ No Rio Grande de Sul foi o sindicato dos banqueiros estadual quem patrocinou a compra dos anéis símbolos na Campanha em terras gaúchas. In. **Diários de Notícias**: 24/06/1964, p. 16.

¹³⁷ **Diário da Noite**: 02/06/1964. p. 4.

*uma doação: Ofertou sua caneta de ouro, presente do povo cearense – quando ele assinou o termo de posse. Sua esposa também ofertou uma caneta de ouro, e seus filhos idem, uma chupeta de ouro*¹³⁸.

Como podemos ver, a campanha adentrou Brasil a dentro. Se iniciava agora no estado do Ceará – com uma doação no mínimo inusitada do governador e de sua família. Tendo sido pensada primeiramente em nível estadual, agora já passava para uma esfera nacional. Nos estados de Paraná e Minas Gerais teve início nos dias 5 e 12 de junho¹³⁹, respectivamente. Em Curitiba, capital paranaense, foi o então governador Ney Braga e sua esposa os primeiros a fazerem a doação.

Enquanto várias cidades pelo Brasil iniciavam suas campanhas, Blumenau estava encerrando-a no dia 14 de junho, tendo como horário as 20 horas, no mesmo local onde no dia 20 de maio iniciara, na Galeria Busch e com os mesmos oradores. Tendo como objetivo levar uma delegação municipal até a capital federal para entregar os recursos diretamente em mãos do presidente, a organização da campanha na cidade catarinense se articulou para tal ato. Por isso, *neste sentido serão mantidos contatos através o General Dario Coelho, a fim de ser possibilitada a presença de uma comissão de blumenauenses na Capital Federal para fazer a entrega pessoal ao Presidente Castelo Branco*¹⁴⁰.

Apesar do objetivo de levar os recursos até Brasília, isso não fora possível. Em carta, o Tenente Coronel Hélio Ferraz de Andrade Comandante do 23.o R.I – regimento sediado na cidade – informa ao jornal *A Nação* que

O Regimento recebeu um radiograma do Exmo. Sr. Gen. Coelho informando que: O Exmo. sr Presidente Castelo Branco, impossibilitado de receber as delegações das inúmeras cidades que encerraram a patriótica campanha de auxílio ao Brasil, resolveu contornar a situação centralizando nas Regiões Militares os numerários arrecadados, a fim de serem posteriormente encaminhados à Presidência da República¹⁴¹.

Com os Cr\$ 55.028.018,00 em dinheiro e cheques e em ouro: 3 quilos, 588 gramas e 267 miligramas a cidade catarinense encerrava sua arrecadação. Mesmo sem ser possível a entrega diretamente em mãos para o presidente, a campanha na cidade se encerra com a entrega dos recursos na Região Militar. Alguns objetos ainda seriam leiloados, como já vimos. Ao encerrar, o jornal *A Nação* enaltecia a cidade, a campanha e os trabalhadores.

Deve-se ainda ressaltar que as contribuições foram espontâneas, sem qualquer exigência ou pressão de quem quer se seja, este fato vem ainda mais ressaltas o sentido

¹³⁸ Diário da Noite, 02/06/1964. p. 4.

¹³⁹ Idem, 04/06/1964. p. 11.

¹⁴⁰ *A Nação*: 05/06/1964. p. 8.

¹⁴¹ Idem, 13/06/1964. p. 1.

patriótico desta memorável campanha que veio colocar Blumenau, no seu devido lugar como município de grande pujança financeira e sobretudo patriótica. Cerca de doze mil pessoas concorreram nessa campanha, salientando-se o inestimável valor das classes operárias. [...] deram o valor de um dia de trabalho, prova concludente do espírito de fé e esperança que anima tão laborioso classe que mais sofre com a desmensurada inflação que vem aniquilando os esforços de cada operário, sacrificando a vida de cada um de suas, respectivas famílias. Demonstraram assim os operários de Blumenau, a inabalável fé nos destinos do Brasil, ora sob orientação e governo cioso de suas responsabilidades e que tudo fará para com honestidade, bravura e sadio patriotismo, consertar esta emperrada máquina que maus cidadãos quiseram denegrir, levando ao caos¹⁴².

A realidade dos trabalhadores, a crise econômica do país, levado ao caos por maus cidadãos é peça chave. E o novo governo é exaltado. Sua *honestidade, bravura e sadio patriotismo* se contrapõe com o passado. Com a ajuda de todos, e com a orientação no novo governo os males da crise chegaria ao fim. A Campanha é o passaporte para um futuro grandioso da nação.

Com o fim da campanha na cidade catarinense, voltemos então para a sede dos *Diários Associados* em São Paulo. Com todas as doações/arrecadações do interior paulista que chegavam à capital paulista - o ouro e outros recursos arrecadados em outros estados não estão somados – com as muitas outras de empresas e de funcionários e população em geral, no dia vinte e cinco de junho a soma já chegava a incrível marca *de 1 bilhão 445 milhões, 518 mil e cinquenta e quatro cruzeiros e 931 quilos de ouro*¹⁴³. Joias e outros objetos de alto valor doados seriam ainda leiloados, e a soma iria para os cofres. Faltando ainda mais quinze dias de campanha em solo paulista a soma impressionava.

O leilão das joias e outros objetos doados foi realizado no dia 30 de junho nos salões do E.C. Pinheiros. Entre os objetos estão vários veículos: 1) *Um automóvel Karmanghia, doado pela Crusch*; 2) *Um automóvel Karmanghia, doado pela Volkswagen*; 3) *Um automóvel Fissore, doado pela VEMAG*; 4) *Um automóvel “Interlagos”, doado pela Willys Overland do Brasil*; 5) *Um automóvel Simca-Tufão, doado pela SIMCA*; 6) *1 caminhão FORD, doado pela FORD*; 7) *Um caminhão Mercedes, doado pela Mercedes-Benz do Brasil*; 8) *Um automóvel FORD-31, doado pela Caninha “3 Fazendas.”*

E muitas joias e outros objetos valiosos foram postos à leilão:

¹⁴² *A Nação*, 16/06/1964, p. 1.

¹⁴³ *Diário da Noite*: 25/06/1964, p. 11.

1) Minudiere, doação de D. Yolanda Penteado Matarazzo, avaliada em 2.000.000,00; 2) Espadim, de 500 gramas de ouro, doado pelos Cadetes da Força Pública, avaliado em 800.000,00; Caneta de ouro, com 62 brilhantes e 3 esmeraldas, com a qual foi assinado o ato de guerra com a Alemanha em 1917 pelo presidente Wenceslau Brás, doação do ex-presidente da República; e 1 cartão de ouro alusivo ao lançamento do navio “Presidente Wenceslau”, oferecido à esposa do então presidente, no dia 30 de outubro de 1917. As duas peças foram avaliadas em 3.000.000,00. 4) Medalha de ouro ofertada pelo povo paulista ao poeta Guilherme de Almeida, poeta da Revolução de 1932. A medalha tem um dos poemas gravados. Doação do poeta Guilherme de Almeida, avaliada em 1.000.000,00; 5) Par de Clips, com brilhantes puros e platina, avaliado em 1.400.000,00, 6) Anel de água marinha, com platina e brilhantes, doação de Monte Cristo Joalheiros, avaliado em 600.000,00; [...] ¹⁴⁴.

Além das joias e automóveis, outros vinte e três relógios de ouro também iriam ser postos em leilão, com valor médio de 300 mil cruzeiros cada. Outros objetos diversos, alguns em ouro ou prata. Ao todo, setenta e oito objetos, entre carros, caminhões, joias, relógios ¹⁴⁵ e

¹⁴⁴ [...] 7) Um colar de ouro trançado, doação pela Joalheria “La Ropale”, avaliado em 650.000,00; 8) Um colar de pérolas legítimas, cultivadas, com fecho de perola barroca, com brilhantes, doado por TACLA JOIAS, no valor de 1.100.000,00; 9) Uma pulseira de ouro com pedras brasileiras, doação do sr. Mario Augusto Tobleke, avaliada em 550.000,00; 10) Um Mapa do Brasil, em ouro brilhante, recortado, doação dos Joalheiros da Penha, avaliado em 200.000,00; 11) Uma coroa Imperial, de Nossa Senhora Aparecida, arte antiga, doado pelo Conego Geraldo de Azevedo, avaliado em 300.000,00; 12) Um diamante bruto, doado pelo sr. Antonio Pavao, avaliado em 300.000,00; [...] 13) Uma caneta tinteiro de ouro, com iniciais do coronel Cordeiro de Faria e símbolo da “Cobra Fumando” ofertada ao ilustre militar na volta da FEB ao Brasil. Doação do general Cordeiro de Faria. Avaliada em 300.000,00; 14) Uma carteira de fósforos em ouro, com pequenos rubis, doada por d. Renata Crespi da Silva Prado, avaliada em 180.000,00; 15) Um anel de platina, com brilhantes e uma ametista, doação do sr. Antonio Siciliano, avaliado em 120.000,00.

In. Diário da Noite: 30/06/1964. p. 10.

¹⁴⁵ Os relógios: 16) Um relógio de ouro antigo sem vidro, marca “Patek Philipe”, um dos 200 existentes no mundo, doação do sr. Leslle Hopkins, avaliado em 500 mil cruzeiros; 17) Um relógio antigo de ouro, sem vidro, suíço, doação de d. Hilda Ortiz, avaliada em 150 mil cruzeiros; 18) Um relógio de prata antigo e despertador de bolso, doação de Erna Cheroiz, avaliado em 100 mil cruzeiros; 19) Um relógio Patek Philippe, de ouro e de bolso, doação de d. Marilda Camargo Silva, avaliado em 500 mil; 20) Um relógio de ouro antigo, marca Movado, doação do sr. Orestes Di Sessa, avaliado em 350 mil; 21) Um relógio de ouro de bolso de marca American Watch, doação do sr. Francisco Canto de Oliveira, avaliado em 350 mil; 22) Um relógio de ouro, marca James Pode, bem antigo, doado por D. Adelia Soares, no valor de 400 mil; 23) Um relógio de ouro, alemão, com pulseira também de ouro, doação de d. Antonia Seng das Neves, avaliado em 200 mil; 24) Um relógio marca Vacheron Constantin, de ouro bem antigo, de bolso, doado pelo sr. Isaac Virgilio Franco, avaliado em 600 mil; 25) Um relógio Patek Philippe, de ouro, com pequeno amassado, doação do sr. Luiz G. Barreiro, avaliado em 400 mil; 26) Um relógio de ouro National Watch Fonds, bem antigo e raro, com cronógrafo e com vidro, doação do sr. Filepo Filepo, avaliado em 500 mil; 27) Um relógio Perond Frd Loncle, antigo de ouro, peça raríssima, doado por John Speers, avaliado em 1 milhão de cruzeiros; 28) Um relógio, de ouro, bem antigo, e de bolso, doado por Anny Silveira da Motta, avaliado em 30 mil; 29) Um relógio marca Sanson Fils, em ouro antigo n.o 5751, bastante raro doado pelo sr. Edmundo Giordano, avaliado em 400 mil; 30) Um relógio marca Bornad, em ouro de bolso, raríssimo, doado pelo sr. Nicolino Moreno, avaliado em 800 mil; 31) Um relógio “Medalha de Ouro” premiado em Paris em 1900 marca Hors Concours Liege, doado pelo sr. André Paulo Lengid, avaliado em 600 mil; 32) Um relógio de ouro marca International Watch Co, com iniciais e corrente de ouro, doado pelo sr. Kate Luiz, avaliado em 800 mil; 33) Um relógio de ouro antigo, com corrente de ouro, doado por Vera Vaz Shumann, avaliado em 30 mil; 34) Um relógio de mesa, antigo, do ano de 1900, marca 8 Days, doado por d. Maria das Dores, avaliado em 150 mil; 35) Um relógio de ouro Patek Philipe, doado pelo sr. Herman Clever Junior, avaliado em 500 mil; 36) Um relógio pulseira de ouro Chronogrape doado pelo sr. José Costa, avaliado em 200 mil; 37) Um relógio de ouro, de bolso, bem

outros iriam a leilão na capital paulista. No primeiro, realizado dia 30 de junho foram arrematados os seguintes objetos:

Um automóvel Vomag-Fissore, um caminhão Mercedes Bens, um Willys Interlagos, uma Karman Ghia, um Simca, um carrinho Ford 21, um espadim de ouro, uma estola de Vilson e um par de clips. Restaram portanto quase todas as joias, bem como um caminhão Ford 64, doado pela Ford do Brasil e um Karman Ghia¹⁴⁶.

Algumas joias e outros objetos valiosos – entre eles a caneta de ouro com brilhantes do ex-presidente Wenceslau Brás - não arrematadas no leilão seriam postas à venda a partir do dia seis de julho na sede dos *Associados* na capital.

As joias poderão ser apreciadas pelo público paulistano pois ficarão em exposição e venda até o encerramento da campanha. Os que se interessarem pela compra deverão dirigir-se, no próprio saguão da rua Sete de Abril, ao chefe de Plantão da Comissão Executiva da Campanha “Ouro Para o Bem do Brasil”¹⁴⁷.

Sendo assim a campanha se caminhava para seu final, e uma grande festa de encerramento foi programada para ter início no dia 9 de julho, data de início da *Rev. Constitucionalista em 1932*. Em destaque no jornal *Diário da Noite* a chamada da programação começava desta forma:

Brasileiros!

Vamos fechar com chave de ouro a campanha cívica que ficará na história- “ouro para o bem do Brasil”. **Patriota!** v. que deu “ouro para o bem do Brasil” assista agora às maravilhosas cerimônias de encerramento da campanha que v. tornou possível realizar graças ao seu patriotismo, leve a família – convide os amigos!¹⁴⁸.

A festa de encerramento começou no dia nove com um grande show que durou a noite inteira¹⁴⁹. No dia seguinte ocorreu a lacração dos cofres ao meio dia. Com a presença do general

antigo, marca Remantori, doado pelo sr. Abrão Rittner, avaliado em 300 mil; 38) Um relógio de ouro, alemão, de 1895 doado pelo sr. Ludwig Papovser, avaliado em 400 mil cruzeiros. In. *Diário da Noite*: 30/06/1964. P. 10

Alguns objetos postos em leilão: Uma medalha de ouro, campeão de futebol de 1919 do Clube Atlético Paulistano; doação do sr. João Eduardo Alves Lima e Mota, avaliada em 150 mil cruzeiros; Uma máscara peruana em ouro, peça artística, doação de d. Maria Helena Ramos, avaliada em 300.000,00; Um livro minúsculo em miniatura, com a gravação do “Padre Nosso”, doação de Nelson Diniz, avaliado em 500.000,00; O primeiro número do jornal “Correio Paulistano”, (26 de junho de 1854) portanto com mais de 100 anos, valor para colecionadores, doação do sr. Methody Kalkaslied, avaliado em 500.000,00, entre outros.

¹⁴⁶ *Diário da Noite*: 02/07/1964. p. 9.

¹⁴⁷ Idem, 06/07/1964, p. 1.

¹⁴⁸ Ibidem, 07/07/1964, p. 9.

¹⁴⁹ No jornal *Correio da Manhã*, o mesmo que colocou dúvidas a respeito dos organizadores em São Paulo narra um episódio que ocorreu no momento de encerramento da campanha e que o jornal paulista não noticia:

Amaury Krueel, um dos organizadores da campanha, o senhor Eneas Machado de Assis, revelou que o militar foi quem a idealizou: *O general Krueel foi o idealizador do movimento cívico, disse. É justo, portanto, que divulguemos este fato ao povo. São Paulo precisa conhecer um dos homens que mais se entusiasmaram com a campanha*¹⁵⁰. Edmundo Monteiro, em discurso, afirmou que fora a campanha que mostrou que o povo paulista é dotado de *um coração de ouro*.¹⁵¹ Duas horas depois, foram então os cofres retirados da sede dos Associados, sendo então levados às carretas do exército. Uma grandiosa chuva de papéis picados fora vista, provenientes dos prédios da região. As 16:00 horas a comitiva então, circulou pela cidade, passando pela *praça Dom José Gaspar* seguindo a *rua São Luis, Praça da Republica, Barão de Itapetininga, atravessou o Viaduto do Chá e entrando pela ladeira Dr. Falcão Filho alcançou o Vale do Anhangabaú*¹⁵². Ficaram os veículos sob o Viaduto do Chá, com as carretas e os cofres guardadas por forte dispositivo militar. As 9 horas do dia seguinte as carretas e os demais veículos seguiram em comboio rumo ao litoral, à cidade de Santos. Puxando a comitiva, descendo a Serra de Santos, caminhões Scania puxavam as carretas com os cofres. No caminho se juntaram com as entidades femininas santistas que haviam colaborado com a campanha.

Ao chegar a Santos, os cofres – 41 no total – foram levados a bordo do cruzador da marinha brasileira “Tamandaré”, que junto com o contra torpedeiro “Araguaia”, o submarino “Rio Grande do Sul” e a corveta “Imperial Marinheiro”, e três helicópteros de grande porte, seriam a segurança dos recursos. Foi programado um grandioso show, com bandas do Exército e das Polícias Públicas, concertos e bailados para todos que lá estavam acompanhando. No dia seguinte, dia doze (um domingo) os recursos da *redenção* seguiram para seu destino final: A Casa da Moeda no Rio de Janeiro. Antes ainda, foi preferida uma missa no mar, a bordo do cruzador “Tamandaré”. Outras embarcações menores, de pesca ou rebocadores se juntaram ao Cruzador. Enquanto a esquadra improvisada se reunia, helicópteros jogaram pétalas de rosas sobre o navio de guerra. As 13:00 a esquadra militar partiu em direção à cidade do Rio de

Confusão e ameaça de agressão caracterizaram ontem o encerramento da campanha do ouro, realizada no saguão dos Diários Associados. Estavam os organizadores lacrando com solda um dos recipientes cheios de dinheiro e valores em cheques, quando a solda rompeu o metal e ateou fogo no dinheiro. Iniciou-se então a confusão. Foi necessário abrir o recipiente e jogar água para apagar o fogo. Dinheiro e cheques se espalham, alguns chamuscados, Então corre daqui, corre dali, os elementos da direção da campanha, nervosíssimos, não se entendem e nem sabem que atitude devem tomar. Um fotografo da própria empresa promotora da campanha, surpreso e amedrontado, tem de sair correndo ante as ameaças de agressão feitas por um diretor de publicidade, que o impede de fotografar o ocorrido. In. Correio da Manhã: 11/07/1964. p. 7.

¹⁵⁰ **Diário da Noite**: 11/07/1964, p. 8.

¹⁵¹ Idem, 11/07/1964. p. 8.

¹⁵² Ibidem, 11/07/1964, p. 8.

Janeiro. Ao chegar em terras fluminenses os cofres foram desembarcados e levados à Casa da Moeda.

Como podemos ver, novamente as forças armadas são exaltadas. Ao colocar os recursos arrecadados em navios militares, em especial o “Tamandaré” o exército passa a ser o guardião dos recursos, e conseqüentemente da própria esperança do futuro da nação. A campanha fora toda simbólica, não seria em seus momentos finais que deixaria de ser.

Ainda no dia 9 de julho, muitas empresas usaram o jornal *Diário da Noite* para glorificar a campanha e todos que nela ajudaram. As Confecções Baouchi LTDA assim anunciava:

Mais que o valor material da arrecadação, o significado cívico da Campanha “OURO PARA O BEM DO BRASIL”, faz com que nos sintamos orgulhosos e felizes por participar deste patriótico movimento. É a epopeia de 32, revivida por paulistas e brasileiros após 32 anos de trabalho dedicados ao progresso e à grandeza de nossa Pátria¹⁵³.

Da mesma forma a Porcelana Mauá S/A também se mostra presente.

PORCELANA MAUÁ S/A. associa-se à meritória campanha dos “Diários e Emissoras Associados” e se congratula por haver contribuído, juntamente com seus operários, com “Ouro para o Bem do Brasil”. Transcorrendo hoje o 32º Aniversário da Revolução Constitucionalista, reverenciamos a memória dos intrépidos paulistas que tombaram no campo da luta, em defesa da legalidade e nesta oportunidade prestamos nossa homenagem às Forças Armadas por promoverem o bem-estar do Brasil, a Ordem e o Progresso de nossa estremecida Pátria¹⁵⁴.

Como podemos ver, a memória de 1932 é demasiadamente evocada. Os paulistas, ao tombarem no campo da luta nos anos 1930 se confundem com os paulistas de 1964. Ambos se sacrificaram para o bem-estar do Brasil, sendo assim verdadeiros patriotas. Os primeiros ao pegarem em armas, os segundos a doarem seus recursos.

E a soma dos recursos eram um valor muito considerável. Os quarenta e um cofres que foram levados para a Casa da Moeda tinham exatamente a quantia de Cr\$ 2.652.204.620,00 (dois bilhões, seiscentos e cinquenta e dois milhões, duzentos e quatro mil, seiscentos e vinte cruzeiros) e 1250 kg de ouro (uma tonelada, duzentos quilos e cento e quarenta e cinco gramas). Ao chegar ao Rio de Janeiro, no dia 13 de julho,

¹⁵³ *Diário da Noite*: 09/07/1964, p. 32.

¹⁵⁴ *Idem*, 09/07/1964, p. 35.

mil pares de pessoas compareceram ao Cais da Praça Mauá, no armazém 1, defronte ao Touring Club, para presenciar o desembarque de São Paulo à campanha “Ouro Para o Bem do Brasil”, transportados de Santos pelo cruzador “Tamandaré”, que atracou às 7 horas¹⁵⁵.

Os cofres foram então colocados em doze caminhões da Marinha de Guerra, que os transportou à Casa da Moeda. Representantes de entidades femininas de São Paulo, autoridades militares e populares estiveram no cais e no desembarque dos recursos. As 10:35 horas chegou o então ministro da Marinha, almirante Ernesto Melo Batista, representando o presidente Castelo Branco, para receber os recursos. Em discurso, o ministro afirmou:

Desincumbo-me da missão honrosa que nos foi confiada, de transportar as contribuições do povo brasileiro à Casa da Moeda. Nesta oportunidade quero saudar a este grande povo patriota e de modo especial a mulher brasileira, hoje representada aqui pelas mulheres paulistas, que nos deram provas de civismo e de abnegação invejável. Foram elas as responsáveis pela manutenção do regime democrático e da liberdade em nosso país. Tenho certeza que o presidente Castelo Branco, se lhe fosse dada a oportunidade de estar aqui presente, vibraria com esta demonstração de confiança dos brasileiros em seu governo¹⁵⁶.

A participação da mulher no golpe e na legitimação do mesmo foi muito evidente. Ao estudar a CAMDE (Campanha da Mulher pela Democracia), Janaina Cordeiro afirma que:

No início da década de 1960, por todo o país surgiam entidades cívicas femininas que, se apresentando publicamente como mães, esposas e donas de casa, investiam-se de forte retórica conservadora e anticomunista com o objetivo de “alertar a opinião pública para a pressão que as famílias brasileiras estavam sofrendo¹⁵⁷.

Como vimos o anticomunismo foi um dos principais argumentos que levaram ao golpe de estado, e ao mesmo tempo, foi demasiadamente usado no discurso da campanha. A mulher assim, nas entidades cívicas femininas deram suporte ao novo governo e sua presença na campanha foi decisiva.

A campanha teve adesão de mais de 20 entidades femininas da cidade do Rio de Janeiro, as quais compunham a “comissão de fiscalização”. À frente dessas entidades estava a Camde, que concordou em “fiscalizar durante todo o tempo de realização da campanha [...] os cofres instalados no saguão do Cine Odeon¹⁵⁸.

¹⁵⁵ Diário da Noite: 14/07/1964, p. 28.

¹⁵⁶ Idem, 14/07/1964, p. 28.

¹⁵⁷ CORDEIRO, Janaina Martins. **Direitas em movimento: a campanha da mulher pela democracia e a ditadura no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p. 43.

¹⁵⁸ CORDEIRO, Janaina Martins. Op. cit. p. 78.

As entidades femininas tiveram um papel de muita evidência no interior da campanha. Durante na entrega dos recursos provenientes de São Paulo eram comitivas de mulheres que estavam representando as entidades no Rio de Janeiro.

Após a chegada dos recursos e o discurso do ministro da Marinha, os caminhões do Exército, percorreram *as avenidas Rio Branco e Presidente Vargas até a praça da Republica sob os aplausos da multidão que se aglomerava nas calçadas*¹⁵⁹. Ao chegar ao destino, a Casa da Moeda, foram recebidos por seu diretor, capitão-de-mar-e-guerra Nelson de Almeida Cruz. Segundo ele, nos próximos sessenta dias os funcionários da Casa da Moeda trabalhariam para separar os metais das pedras preciosas, e posteriormente elas seriam leiloadas pela Caixa Econômica Federal. “*Com a maior honestidade haveremos de fazer o levantamento dos valores contidos nos cofres que agora nos entregam*”¹⁶⁰ disse ele. Ao entregar os recursos, Eneas Machado de Assis, um dos organizadores, pede ao diretor que *cuide com carinho destes cofres pois eles contem ouro que tem muito de humano, pois traz na sua essência o sentimento de todo um povo, o amor de todos os brasileiros pela Pátria*¹⁶¹ e continua – *Não pedimos a V. Excia. Um documento que comprove esta entrega porque não se pede recibos a homens de bem*¹⁶². Após o discurso a enxada de ouro que abre esse capítulo conhece seu destino:

Pediu para que fosse o diretor o depositário da enxada de ouro doada pelo plantador de café em Londrina, Sr. José Garcia Molina, que pesa 2.145 gramas até a realização da entrevista da Comissão Executiva com o presidente da República, quando a peça será ofertada ao chefe da Nação¹⁶³.

Após esse evento, todos os integrantes da comitiva se dirigiram à Churrascaria Gaúcha, onde os Diários Associados ofereceram um almoço. E assim acabava a *Campanha Ouro Para o Bem do Brasil* nos estados paulista e carioca. Em alguns outros lugares do Brasil a campanha ainda estenderia por mais algumas semanas.

Após a campanha, em São Paulo os Diários Associados homenagearam os *Legionários da Democracia* por seus serviços prestados durante o período de arrecadação. Entre os homenageados, que receberam uma medalha por seus trabalhos estão civis e militares:

¹⁵⁹ **Diário da Noite**: 14/07/1964, p. 28.

¹⁶⁰ *Idem*, 14/07/1964, p. 28.

¹⁶¹ *Ibidem*, 14/07/1964, p. 28.

¹⁶² *Ibidem*: 14/07/1964, p. 28

¹⁶³ *Ibidem*, 14/07/1964, p. 28.

O general Amaury Kruehl, comandante do II Exército; comandante Bierrembach, capitão dos Portos do Estado de São Paulo; general Francisco Pontes, comandante da Força Pública; Gabriel dos Santos Filho, diretor da DST; comandante Reynaldo Ramos, da Guarda Civil; major Cyrano Porto Carrero, representante do comandante da IV Zoa Aérea e ainda inúmeros funcionários e jornalistas que participaram ativamente do movimento¹⁶⁴.

Após as entregas das medalhas, Edmundo Monteiro encerra o evento com um longo discurso: *Encerrou-se, auspiciosamente, a campanha “Ouro para o bem do Brasil”, etapa maravilhosa de um movimento cívico permanente que á a “Legião da Democracia. E continuou. O saguão dos “Diários Associados” de São Paulo que Assis Chateaubriand imaginou e construiu no palpitante coração da Paulicéia, transformou-se no altar da Pátria, que todos desejamos edificar. E assim conclui: Missão cumprida. A cada um e a todos a minha saudação emocionada e fraterna de profundo agradecimento.*

Em vinte e três de julho de 1964, nas páginas do jornal Diário da Noite consta que *uma música sertaneja sob o título “Ouro para o bem do Brasil” [...] foi gravada pela dupla Moreno Moreninho¹⁶⁵ como forma de homenagem à campanha e ao povo¹⁶⁶.*

¹⁶⁴ **Diário da Noite**: 18/07/1964, p. 5.

¹⁶⁵ Idem, 23/07/1964, p. 23.

¹⁶⁶ OURO PARA O BEM DO BRASIL (Moreno e Moreninho/1964)

As estrelas brilham no céu
Clareando belezas mil
O ouro brilha na terra
Em defesa do nosso Brasil

Vitória, vitória
Vitória, varonil (refrão)
Vitória, vitória do Brasil

Aliança no nosso dedo
Representa a sagrada união
Mas nesta hora preciosa
É defesa da Nossa Nação

Vitória, vitória
Vitória varonil (refrão)
Vitória, vitória do Brasil
Você com um pingo de ouro
Representa quase que nada
O Brasil pingado de ouro
A vitória é consagrada

As estrelas brilham no céu
Clareando belezas mil
O ouro brilha na terra
Em defesa do nosso Brasil
Vitória, vitória
Vitória varonil (refrão) Vitória, vitória do Brasil

Em Recife a campanha se iniciou no dia 1º. de julho, tendo o governador do estado, Paulo Guerra inaugurado as doações. Ele doou um bracelete em ouro. Além de sua doação, os organizadores da campanha entregaram a ele as chaves e os segredos dos cofres que serão enviados ao presidente Castelo Branco¹⁶⁷. Tendo se estendido por uma semana, até o dia oito de julho, na capital recifense foram arrecadados a quantia de: catorze milhões de cruzeiros e dezessete quilos de ouro. A entrega dos recursos foi feita ao gerente do Banco do Brasil na cidade¹⁶⁸.

Por sua vez, em Porto Alegre a campanha teve início no dia trinta de maio, sendo que *milhares de pessoas acorreram ao edifício antigo da Prefeitura, movidas pelo sincero desejo de demonstrar seu empenho em contribuir para a restauração das finanças nacionais*¹⁶⁹. Alguns dias depois a campanha se estende até as cidades do interior gaúcho. Caxias e Nova Petrópolis¹⁷⁰. Na capital a arrecadação encerrou-se no dia onze de julho. *Os cofres, cujas chaves se encontram em poder do general Mário Poppe de Figueiredo, comandante do III Exército, permanecerão em Porto Alegre, sob a guarda de forças militares, até serem levados, pela FAB, para o Rio de Janeiro, e entregues ao governo da Republica*¹⁷¹. Na cidade foram arrecadados *40 milhões de cruzeiros, e cerca de 30 quilos de ouro*¹⁷².

Na cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas, a campanha teve início no dia dez de agosto de 1964. *Assim sendo, [...] será lançada pelos órgãos dos Diários Associados em Manaus, no dia dez deste mês, com a colaboração decidida do Rotary Clube de Manaus, do*

Aliança no nosso dedo
Representa a sagrada união
Mas nesta hora preciosa
É defesa da Nossa Nação

Vitória, vitória
Vitória varonil (refrão)
Vitória, vitória do Brasil
Você com um pingo de ouro

Representa quase que nada
O Brasil pingado de ouro
A vitória é consagrada

In. MONTEIRO, Ivone Cioffi. **Moreno & Moreninho – Tributo**. 2008. 217p. p. 92.

¹⁶⁷ **Diário de Pernambuco**: 02/07/1964. p. 1.

¹⁶⁸ Idem, 09/07/1964, p. 1.

¹⁶⁹ **Diário de Notícias**: 01/07/1964, p. 1.

¹⁷⁰ Idem, 03/07/1964, p. 1.

¹⁷¹ **Diário de Notícias**: 12/07/1964, p. 1.

¹⁷² Idem, p. 15.

*Lions Clube de Manaus, das Bandeirantes, e certamente da imprensa e do rádio em geral*¹⁷³. No dia do lançamento, o governador amazonense, Arthur Reis doou um broche de ouro para a campanha¹⁷⁴. O encerramento da mesma na capital do Amazonas deu-se no dia vinte e cinco de agosto com o resultado de: seis milhões, seiscentos e dezessete mil e trinta e cinco cruzeiros¹⁷⁵. Os recursos foram transportados até o Rio de Janeiro por um avião da FAB, sob o comando do coronel Dellamora *que aceitou a incumbência de transportar esse pequeno tesouro doado pelo povo do Amazonas*¹⁷⁶.

Embora o objetivo desse trabalho não seja apurar o futuro da campanha e dos recursos, a questão de onde foram parar todas as doações é algo inquietante. Como vimos, uma soma imensa foi arrecadada. Apenas no estado paulista mais de 2 bilhões de cruzeiros e 1200 quilos de ouro, fora o que foi arrecadado no restante do país. Será tido o *ouro da redenção* o destino que lhe foi outorgado? Será que foi usado para o bem do Brasil?

Seja qual tenha sido realmente o destino dos recursos, o imaginário que se cria sobre eles nos anos e décadas posteriores a campanha é muito significativo. Ao relembrar sua própria história, junto com uma análise da situação brasileira em 2016, o ex-funcionário público e ativista anti-ditadura Guido Fabiano relembra a campanha e a questiona.

Agora eu pergunto, aonde foi parar o ouro doado pela população na campanha “Ouro para o bem do Brasil? “Todos os casais ingenuamente deram suas alianças, medalhas, cordões, relógios para salvarem as finanças do país. Todo o ouro doado pela população foi transformado numa enorme enxada que durante anos decorou a sala de visitar da casa do presidente Castelo Branco. Anos depois com a sua morte, o ouro dos brasileiros foi deixado de herança para os familiares do primeiro ditador do país¹⁷⁷.

A dúvida sobre os destinos dos recursos ainda é presente mesmo após cinquenta e dois anos das doações. E como podemos perceber, novamente a enxada de ouro aparece. Apesar da afirmação de que todo o ouro arrecadado tenha sido transformado em uma grande enxada possa soar até absurdo, o que se nota não é necessariamente a absurdidade da afirmação, mas sim a memória evocada por ela, que podemos resumir com a seguinte afirmação: “Todos foram enganados, os recursos sumiram, aparecendo apenas em posse do ex-presidente.” Castelo Branco não é mais visto como um ser incorruptível, como em 1964, mas justamente o oposto.

¹⁷³ **Jornal do Comercio**: 02/08/1964. p. 1.

¹⁷⁴ *Idem*, 11/08/1964, p. 1.

¹⁷⁵ *Ibidem*, 26/08/1964, p. 1.

¹⁷⁶ *Ibidem*, 30/08/1964. p. 8.

¹⁷⁷ FABIANO, Guido. *O ouvinte*. 2016, p. 86.

Ainda em 1964, Castelo Branco, reunido então como o Ministro da Saúde, Raimundo de Brito e o Diretor da Casa da Moeda, Néelson Carmela Dutra, decidiu que os recursos arrecadados com a campanha seriam aplicados *na compra de equipamentos para a Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro e outras organizações similares do País*¹⁷⁸. No ano seguinte, em 1965, um cidadão do bairro Laranjeiras de nome Justus Levy, do Rio de Janeiro, em um espaço no Jornal do Brasil onde o leitor poderia enviar perguntas, questiona qual foi o montante adquirido na Campanha. O jornal então entrevista o chefe do gabinete da Casa da Moeda, que envia um relatório sobre a arrecadação. Ao todo, somados o ouro, cheques e dinheiro, o valor corresponde a: 3.882.887.370,95 de cruzeiros¹⁷⁹. No mesmo ano, Raimundo de Brito anuncia que o dinheiro seria usado para a cura do câncer e da lepra, sendo o montante, 5 bilhões de cruzeiros. *Esclareceu que os Cr\$ 5 bilhões foram arrecadados durante a campanha De Ouro Para o bem do Brasil*¹⁸⁰.

Em 1966, ainda sob o governo de Castelo, o deputado Albino Zeni (ARENA-SC) requereu junto a Câmara qual teria sido o destino dos recursos. O Ministro da Fazenda, Gouveia Bulhões respondeu que *2 bilhões e 106 milhões foram destacados para a aquisição de obrigações da Estrada de Ferro S. Paulo-Rio Grande e E..P. Vitória-Minas*¹⁸¹. Já em 1967, o *Ministro Tarso Dutra revelou que o Presidente Costa e Silva já determinou fosse uma parte do dinheiro arrecadado durante a campanha do Ouro para o Bem do Brasil seja utilizado [...] na campanha de erradicação do analfabetismo*¹⁸².

Ainda no mesmo ano, as líderes do Movimento de Arregimentação Feminina são recebidas pelo presidente Costa e Silva. Elas solicitaram junto a ele *uma decisão – prometida e não tomada pelo ex-Presidente Castelo Branco – sobre o destino a ser dado aos [...] (dois bilhões de cruzeiros antigos) arrecadados pela campanha Ouro para o Bem do Brasil*¹⁸³. Sugeriram elas que os recursos fossem usados para a construção de escolas em São Paulo. Ele, em resposta afirmou que *o Brasil inteiro colaborou na campanha*, sendo assim não apenas um estado deveria ser agraciado. Apesar da negativa, as líderes persistiram, tendo assim, Costa e Silva prometido *que determinaria estudos para decidir sobre o emprego do ouro*.

¹⁷⁸ **Jornal do Brasil**: 17/10/1964, p. 12.

¹⁷⁹ *Idem*, 25/04/1965, p. 52.

¹⁸⁰ *Ibidem*, 02/09/1965, p. 15.

¹⁸¹ *Ibidem*, 23/09/1966, p. 11.

¹⁸² *Ibidem*, 04/04/1967, p. 15.

¹⁸³ *Ibidem*, 17/05/1967, p. 3.

Na década de setenta começam a surgir as primeiras e mais sérias dúvidas sobre o real destino dos recursos. Em 1977, em uma carta enviada à redação ao Jornal de Pernambuco, Adelido Ramos Lobo, da cidade Recife, com o título *Campanhas várias* afirma: *na campanha do ouro foram muitos a doarem e poucos a entenderem seu significado, pois a nossa dívida externa aumenta e nossa moeda desvaloriza-se a cada dia*¹⁸⁴.

Se nos anos setenta as dúvidas começam a surgir, na década seguinte são as acusações que se iniciam. Em um discurso na cidade de João Pessoa, capital paraibana, o deputado Ruy Gouveia (PB) *foi denunciado pelo Procurador Militar José Nunes Costa, como incurso na Lei de Segurança Nacional, por ter pronunciado discurso ofensivo a honra do Presidente João Figueiredo, do Ministro do Planejamento Delfim Neto e do Governador [...] Paulo Maluf.* Sobre o presidente ele afirmou que o mesmo era um *trapaceador e tapeador, porque vai para o meio da rua beijar crianças e dar socos na cara de estudantes.* E continuou: *se o Presidente da República for a Paraíba vai levar ovo podre na cara, porque é isso que ele merece.* Sobre o governador, ele o *qualificou de ladrão.* No que então concerne ao Ministro Delfim Neto, acusou ele *de ser o provável usurpador do ouro arrecadado em 1964, durante a campanha Ouro para o bem do Brasil*¹⁸⁵. Apesar das acusações, o deputado foi absolvido pelo Conselho de Justiça¹⁸⁶.

Ainda nos anos oitenta, o jornal *Diário de Notícias*, de Curitiba questiona o destino dos recursos:

Os Diários Associados, que já estavam com a corda no pescoço, num misere danado, talvez tenham embolsado o ouro. Ou o ouro talvez tenha financiado o aparelho de repressão, que entraria em cena [...] anos depois. A verdade é que a coleta foi um tremendo conto do vigário¹⁸⁷.

Em 1995, o Jornal do Commercio, do Rio de Janeiro, em uma matéria onde se anunciava o livro *Histórias alegres do povo brasileiro*, de Muritônio Meira, um pequeno caso presente na obra é abordado. Sendo intitulada [a matéria do jornal] de *A mais gritante das mutretas de um pulha*¹⁸⁸ refere-se a Edmundo Monteiro como um vigarista: *A mais gritante mutreta que ele armou foi a campanha deflagrada “com o objetivo de ajudar a Revolução a tirar o Brasil do atoleiro” e assim continuava: ele lançou a campanha Ouro pelo bem do Brasil, provocando filas intermináveis de incautos que se dispuseram a contribuir com tudo que podiam para tão meritório objetivo.* E desta forma concluía: *Até hoje não se tem notícia do destino exato do*

¹⁸⁴ Diário de Pernambuco: 13/11/1977, p. 8.

¹⁸⁵ Jornal do Brasil: 14/03/1980, p. 5.

¹⁸⁶ O Fluminense: 17/02/1981, p. 5.

¹⁸⁷ Diário de Notícias: 11/11/1987, p. 7.

¹⁸⁸ Jornal do Commercio: 07/05/1995, p. 77.

volume de dinheiro e de joias que foi arrecadado. De cada 100 paulistas, 110 estão convencidos de que tudo foi canalizado, criminosamente, para os bolsos do canalha e de sua gangue.

Como pudermos ver, a campanha durante as décadas seguintes de sua realização ainda evocava certas dúvidas. O principal objetivo aqui não é necessariamente responder qual foi o destino dos recursos¹⁸⁹, mas sim, perceber que a confiança sobre os valores, e seus objetivos finais vão caindo na mesma medida em que a própria ditadura e seus governos vão perdendo suas forças. A busca por respostas sobre os recursos é um termômetro da própria aceitação ou não do governo ditatorial.

¹⁸⁹ Na década de 1980, noticiava-se que o ouro arrecadado na campanha, ao ser derretido, acabou sobrando a quantia de 620 quilos, que, segundo noticiava-se, estava ainda presente no Banco do Brasil. In. O Fluminense: 02/11/1981, p. 8.

Capítulo 3 – A busca da Legitimidade: A democracia, a elite orgânica e a racionalidade na Campanha

Se a Revolução carece de relações públicas e parece não haver dúvida a respeito, nenhum movimento teria força maior para despertar o sentimento cívico do povo do que uma campanha desse vulto, que ora empolga a família Associada¹⁹⁰.

A Campanha “Ouro para o bem do Brasil” como vimos, não buscou apenas a lotação dos cofres com o ouro ou outros recursos mas sim, a aceitação do novo governante pelas pessoas ou seja, a figura do general Castelo Branco e as Forças Armadas em geral. O imaginário em torno do exército era presente e evocado em todos os momentos: na segurança dos cofres, no transporte dos mesmos e na salvação do perigo comunista. Isto nos leva a crer que este era sem dúvida um dos elementos mais importantes e centrais da campanha.

O discurso que se pretendeu com a campanha era dar legitimidade ao novo governo militar. Essa busca em um regime ditatorial pode soar estranha, mas não o é. Como afirma Hannah Arendt, *“jamais existiu um governo baseado exclusivamente nos meios de violência. Mesmo o mandante totalitário, cujo maior instrumento de domínio é a tortura, precisa de uma base de poder”*¹⁹¹. A campanha então acabava sendo um objeto de apoio financeiro ao governo, mas muito mais vivo nos aspectos simbólicos.

Como vimos no primeiro capítulo o ambiente anticomunista era muito evidente nos anos sessenta. Percebemos então no capítulo seguinte como esse argumento fora utilizado pelos organizadores da campanha como meio de dar condições para o início e fortalecimento da mesma. Aliado a tudo isso, temos então o uso de um viés democrático presente nos discursos da campanha. Por mais que possa soar estranho que a palavra democracia seja utilizada logo após um golpe que derrubou um presidente eleito, isso não é necessariamente uma novidade. Como afirma Maria José de Rezende:

Historicamente não é novidade alguma que uma ditadura lute por se mostrar democrática; aliás, quase todas o fizeram nos últimos séculos. Tocqueville, no século XIX, já chamava a atenção para o fato de os déspotas serem beneficiados pela confusão inextricável de idéias em torno da democracia e poderem, assim, se utilizar delas abusivamente¹⁹².

¹⁹⁰ Fala do deputado Dias Menezes (PTN-SP) sobre a campanha do ouro em maio de 1964. In. Diário da Noite: 11/05/1964. p. 13.

¹⁹¹ ARENDT, Hannah. **Crises da República**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004, p.128.

¹⁹² REZENDE, Maria José de. Op. cit. p. 3.

A busca por uma legitimidade do novo governo militar instaurado em 1964, partindo de um ideal democrático já foi analisado por Maria José de Rezende. Ao analisar os discursos dos militares logo após o golpe que os colocou no poder, a autora constata que o termo *democracia*, ou *uma nova e diferente democracia* era um dos temas chaves do discurso. A esse respeito, Maria José de Rezende afirma que:

A ditadura orientou, no entanto, sua busca de legitimidade através de uma hipotética pretensão democrática que se constituiu numa espécie de fio condutor presente em todos os governos militares. A construção de um suposto ideário de democracia enquanto um sistema que sedimentasse determinados interesses e valores sociais foi, sem nenhuma dúvida, uma das grandes prioridades daquele período¹⁹³.

Como vimos durante a campanha essa pretensão democrática foi utilizada, como no próprio nome, *Legionários da Democracia*, que foi usado para designar aqueles que depositavam seus recursos para o bem da nação. Esses então, seriam os *soldados da revolução*.

Em termos gerais, pode-se dizer que a busca de legitimidade por parte do regime militar significava, basicamente, que ele se debatia para encontrar meios de obediência, adesão e aceitabilidade para as suas formas de atuação e ação, bem como para as suas crenças e valores. [...] Durante a ditadura, um dos elementos centrais de sua busca pelo reconhecimento era o empenho em atestar, a partir dos valores sociais, principalmente, que havia uma suposta identificação perfeita entre os militares no poder e o povo. O seu pretense ideário de democracia situava-se constantemente diante do desafio de garantir para os diversos segmentos sociais que sua realização era possível tendo em vista que aqueles primeiros tinham os seus desejos, objetivos e interesses estritamente vinculados aos segundos¹⁹⁴.

Essa busca pela identificação entre os setores militares e civis foi muito presente durante a campanha. Ao doar seu chaveiro de ouro, Castelo Branco – e outros militares – se unem ao civis, identificando-se como verdadeiros patriotas que queriam apenas o bem do Brasil. Para os militares, como analisa Maria José de Resende o conceito de *democracia* surgida após a “revolução” é no mínimo estranha. Para a autora, a democracia evocada na ditadura possui os seguintes valores:

Associação de liberdade e autoridade, ordem e disciplina, combate ao comunismo, defesa da família, da propriedade e da empresa privada, dentre outros. Desta forma, a ditadura pelejava para criar uma consciência coletiva favorável a ela alegando que somente um setor do grupo de poder, no caso, os militares, teriam condições de

¹⁹³ REZENDE, Maria José d. Op. cit. p. 2.

¹⁹⁴ Idem. p. 4.

resguardar e desenvolver esses valores que seriam o próprio fundamento, segundo eles, do movimento de março de 1964¹⁹⁵.

Esse conceito de democracia buscada pelo governo logo após o golpe refletia o sentimento anticomunista brasileiro dos anos sessenta. Pautando-se em uma ideia de que era necessário uma mudança, ou seja a democracia do pós 1945 já não era vista como o caminho certo e almejável. Era preciso buscar uma outra forma, um outro conceito: *Uma verdadeira democracia brasileira*.

A constituição de um ideário de democracia que legitimasse o novo estado de coisas passava pela insistência de que o movimento militar representava os interesses populares, bem como os seus valores que encerravam um anseio por liberdade com ordem, o que somente o regime que se instaurava era capaz de garantir¹⁹⁶.

Se usarmos a máxima de qualquer democracia representativa: *o poder emana do povo*, o jogo democrático se torna uma relação contratual. Como afirma Fiorin, o povo espera que o *destinatário do poder realize suas esperanças*¹⁹⁷. Em um jogo democrático essa é uma das máximas do sistema. No governo Castelo Branco, mesmo com o golpe, o discurso segue esse viés. O novo governo se instaura como o objetivo final do povo. Era esse ultimo que o havia clamado para derrubar as instituições da velha democracia, se é assim que podemos chamá-la. E na campanha, como vimos, essa relação contratual entre governante e governado foi um dos argumentos. Ao doar os recursos, os governados estariam, além de contribuir para o *futuro da nação*, dando seu voto de confiança ao novo governante. Como afirma Edmundo Monteiro durante a passagem de Castelo Branco na sede dos Associados: [...] - *Vossa excelência e seu digno governo já estão consagrados no mais eloquente plebiscito, onde todo um povo deseja dar um pouco de si para ter a sublime ventura de votar conscientemente*. Como podemos ver, a relação entre povo doador e presidente militar se torna a nova democracia: sem as urnas mas com os cofres.

O próprio movimento militar era, segundo os seus condutores, a encarnação da soberania popular, a qual pretendia estabelecer, através de atos pautados na legalidade, as eleições e o bipartidarismo como forma de garantir as liberdades políticas e civis que estariam ameaçadas pelo esquerdismo¹⁹⁸.

¹⁹⁵ REZENDE, Maria José d. Op. cit. p. 70.

¹⁹⁶ Idem, p. 79.

¹⁹⁷ FIORIN, José Luiz. Op. cit. p.34

¹⁹⁸ REZENDE, Maria José de. Op. cit. p. 80.

A legitimidade buscada pelos militares é de certa forma muito parecida com as de democracias representativas. *O poder emana do povo*. Voltaremos a ele adiante, mas por hora nos basta. O governo militar, no discurso, parafraseando Fiorin, *é sempre bom, pois ele encarna o querer único da nação*¹⁹⁹. Ao mesmo tempo, desmerece o governo passado, pois nele, reinava o caos e perigos para o país. Daí surge, no discurso um “herói”, *as (Forças Armadas) que restabelece a ordem rompida. O equilíbrio se dá, novamente, quando o “herói” vence o “vilão” (Goulart) e repara o dano*²⁰⁰. Mesmo nesse caso o autor esteja analisando o contexto do golpe, vemos argumentos de enaltecimento das Forças Armadas em geral durante a campanha.

O que vimos até o momento nesse capítulo são as formas de discurso oriundos da elite militar, principalmente ligado ao governo sobre sua própria forma de *democracia*. Há semelhanças entre esse conceito e o utilizado durante a campanha, mas fica uma questão. Sendo a campanha organizada principalmente por civis – com a exceção célebre de Amaury Krueel, então, quem eram esses civis nesse contexto? Por quais motivos lançariam uma campanha a nível nacional para arrecadar fundos a um governo recém instaurado? Pois bem, para responder a essas questões devemos conhecer quem estava por trás da mesma, quem a organizou, quem a incentivou, e principalmente, qual foi seu maior expoente civil. Todas essas questões nos levam a apenas um nome: Edmundo Monteiro.

Nascido em 1917, começou sua carreira profissional como assistente de escritório no Diário da Noite em 1930, aos treze anos. Dentro do império jornalístico de Assis Chateaubriand, Edmundo tem um imenso crescimento em sua vida profissional. Já no ano de 1943, ainda durante o primeiro governo Vargas, ele é promovido ao conselho fiscal da Rádio Difusora de São Paulo, que acabava de ser adquirida pelo grupo de Chateaubriand²⁰¹. Quatro anos depois, em 1947 ele já aparece como diretor do *Diário da Noite*²⁰². No ano seguinte, é homenageado, junto com Chateaubriand, emprestando seus nomes a duas ruas da cidade de São Caetano, no estado paulista²⁰³, agora já aparecendo como o diretor dos *Diários Associados* em São Paulo²⁰⁴.

Em 1954 foi ele um dos organizadores da celebração do 9 de julho – como vimos, comemorado como o marco da *Rev. de 32* na capital paulista²⁰⁵. Sendo então diretor da ala

¹⁹⁹ FIORIN, José Luiz. Op. cit. p. 48.

²⁰⁰ Idem, p. 66.

²⁰¹ **Diário da Noite**: 06/08/1943, p. 15.

²⁰² Idem, 05/11/1947, p. 16.

²⁰³ Ibidem, 13/12/1948, p. 36.

²⁰⁴ Ibidem, 23/12/1948. p. 18.

²⁰⁵ Ibidem, 09/07/1954, p. 2.

paulista, Edmundo deve ter entrado em contato com o diretor fluminense, João Calmon. O que se sabe, é que no início da década de 1960, os dois importantes jornalistas estão vinculados ao IPES, como analisa Dreifuss em sua principal obra. Edmundo Monteiro, por sua vez não tinha apenas uma ligação esporádica e tímida, era sim, um dos líderes ipesianos em São Paulo.

O IPES conseguiu estabelecer um sincronizado assalto à opinião pública, através de seu relacionamento especial com os mais importantes jornais, rádios e televisões nacionais, como: os Diários Associados (poderosa rede de jornais, rádio e televisão de Assis Chateaubriand, por intermédio de Edmundo Monteiro, seu diretor-geral e líder do IPES), a Folha de São Paulo (do grupo de Octávio Frias, associado do IPES), o *Estado de S. Paulo* e o *Jornal da Tarde* (do Grupo Mesquita, ligado ao IPES, que também possuía a prestigiosa Rádio Eldorado de São Paulo)²⁰⁶.

Vimos no primeiro capítulo que o complexo IPES/IBAD teve um papel central no processo de desmoralização e queda do governo Goulart. Denunciando o viés esquerdista, *saturava o rádio e a televisão com suas mensagens políticas e ideológicas*²⁰⁷, tentando, *modelar as várias frações das classes dominantes e diferentes grupos sociais das classes médias em um movimento de opinião com objetivos a curto prazo*²⁰⁸. Esse objetivo era um só: desestabilizar o governo com o fim de instalar um organismo estatal que fosse ligado ao grande capital internacional, chamado por Dreifuss de bloco *multinacional associado*.

Com esse objetivo, o complexo IPES/IBAD, principalmente o IPES que nos é mais singular devido a participação de Edmundo Monteiro, lançou uma grande ofensiva a partir do início da década de 1960 contra o comunismo, trabalhismo e esquerda em geral, fato esse descrito por Dreifuss. E no que constituía essa ofensiva: de artigos, onde denunciavam os supostos comunistas; apresentações de seminários e palestras para entidades civis; e, parafrazeando Dreifuss: *A face política e ideológica encoberta do IPES inundava o país com a propaganda anticomunista da elite orgânica, em forma de livros, folhetos ou panfletos*²⁰⁹.

Sobre o conceito de elite orgânica, Rejane Carolina Hoeveller²¹⁰ em sua obra sobre o trabalho de Dreifuss afirma que:

A principal matriz do conceito de “elite orgânica”, cunhado por Dreifuss em sua tese de doutoramento que deu origem a 1964, a conquista do Estado, está principalmente

²⁰⁶ DREIFUSS, René Armand. Op. cit. p. 233.

²⁰⁷ Idem, p. 232.

²⁰⁸ Ibidem, p. 232.

²⁰⁹ Ibidem, p. 235.

²¹⁰ HOEVELLER, Rejane Carolina. René Dreifuss e o golpe de 1964: sobre teorias e “conspiracionismos”. **Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e práticas científicas**. p. 2.

no conceito gramsciano de “intelectual orgânico”. Para Gramsci, o intelectual orgânico é todo aquele que, diferentemente do “intelectual tradicional”, está vinculado a um projeto de classe ou fração de classe. Dreifuss vai considerar como intelectuais orgânicos toda uma camada de gerentes e “tecnopresários”, vinculados, neste caso, a um projeto político da fração mais internacionalizada do capital.

Como vimos, o projeto que a elite orgânica possui, segundo Dreifuss está intimamente ligado ao capital internacional, com um projeto classista, no caso, da classe dominante. Esse projeto, acabará, como afirma Gramsci a uma busca por uma hegemonia:

[...]acima de tudo, capacidade de direção intelectual e moral, em virtude da qual a classe dominante, ou aspirante ao domínio, consegue ser aceita como guia legítimo, constitui-se em classe dirigente e obtém o consenso ou a passividade da maioria da população diante das metas impostas à vida social e política de um país²¹¹.

A classe dominante, ao buscar sua hegemonia classista perante as outras classes sociais busca a hegemonia. Para que ela exista, *é preciso que uma fração ou bloco apresente seus interesses como interesses gerais da sociedade, convencendo os grupos subalternos[...]*²¹². Podemos perceber isso nas páginas do jornal comandado por Edmundo Monteiro. A posição ofensiva ao governo Goulart, e posteriormente sua aceitação ao novo governante pode ser visto como uma busca por uma hegemonia.

No Diário da Noite em 1964, sendo Edmundo Monteiro seu editor-chefe, a ameaça comunista que pairava a nação já era sentida. Em uma reunião entre Adhemar de Barros, então governador do estado de São Paulo; João Calmon, jornalista e deputado federal e outros membros civis, como Assis Chateaubriand, que discorria sobre a candidatura da dupla (Adhemar e João Calmon) para o pleito de 1965, Edmundo Monteiro estava presente. Na discussão que aparece nas páginas do jornal paulista, o tema que envolve o combate ao comunismo era um dos eixos centrais. “*Vou salvar o Brasil do comunismo*”, sendo esse o título da matéria. Nela, o governador paulista e o deputado se colocaram como inimigos do comunismo, dizendo que *a eleição não será de candidato contra candidato [...] sim uma luta puramente ideológica da qual resultará a manutenção ou liquidação do regime democrático em nosso país*²¹³. Assis Chateaubriand por sua vez, foi parabenizado por Adhemar por *seus artigos em prol da democracia*. O jornalista Edmundo Monteiro, por último apenas comentou

²¹¹ BOBBIO, Norberto. Política. **BOBBIO, N. et alii. Dicionário de política. Brasília, Editora da UnB, 1986, p. 580.**

²¹² HOEVELLER, Rejane Carolina. Op. cit, p. 3.

²¹³ **Diário da Noite**: 27/02/1964, p. 4.

com um certo ar místico que *iremos plantar um mundo novo dentro de um Brasil cada vez maior*.

No dia 14 de março, logo após o Comício da Central realizado por Jango na noite anterior, o jornal em que Edmundo Monteiro era o diretor, ou seja o *Diário da Noite* assim anunciava: *Consumou-se o atentado à livre iniciativa. Jango desapropria terras e refinarias*²¹⁴. Chamado de comício *comuno-nacionalista* pelo jornal, a mensagem era clara: O governo Goulart estava se esquerdizando, e o anticomunismo prevalecia em suas páginas.

Logo após o golpe, no início do mês de Abril, Edmundo Monteiro foi homenageado pelas prefeituras das cidades paulistas de Junqueirópolis e Neves Paulista por seu esforço democrático²¹⁵, sendo algo visível em seu papel na *Rede da Liberdade*. Surgida no contexto do golpe, foi ela um dos canais que propagavam o bem da “revolução”. No dia 1 de abril,

a voz de Adhemar [de Barros] faz-se ouvir na “Rede da Liberdade”. Anunciava resoluta, que há 50 minutos, sob o comando do bravo General Krueel, o II Exército está em marcha. Vai ao encontro das Forças Mineiras, comandadas pelo valoroso general Mourão Filho²¹⁶.

Coube então a Edmundo Monteiro, no dia 11 de abril, com a “revolução” já consolidada, anunciar o encerramento da *Rede da Liberdade*.

A Associação das Emissoras de São Paulo, que espontaneamente ofereceu ao povo e às autoridades a Rede da Liberdade, comunica que é este o seu último programa. Deseja, no entanto, neste instante, agradecer civis e militares, nas pessoas do governador Adhemar de Barros e do general Amaury Krueel, o muito que fizeram pelo Brasil. Agradecemos, igualmente, a esse povo bom e ordeiro pelo prestígio oferecido a mais esta iniciativa das emissoras de rádio e televisão que constituem a Associação das Emissoras de São Paulo. Esperamos ter cumprido com o nosso dever²¹⁷.

A fala do jornalista nos mostra que o apoio ao golpe por sua parte não teve início apenas com a Campanha, mas sim antes. Com uma postura mais ofensiva a Goulart, principalmente após o Comício da Central em 13 de Março, culminando com a *Rede da Liberdade*, nos dá indícios de sua opinião política, que casa de forma muito parecida com a atuação dos ipesianos na imprensa, como analisou Dreifuss.

²¹⁴ *Diário da Noite*, 15/03/1964, p. 1.

²¹⁵ *Idem*, 09/04/1964, p. 5.

²¹⁶ *Ibidem*, 18/04/1964, p. 5.

²¹⁷ *Ibidem*, 11/04/1964, p. 2.

No dia 20 de abril, Monteiro e outros membros da imprensa paulista – entre eles Eneas Machado de Assis - como vimos, um dos organizadores da Campanha do Ouro – celebraram uma homenagem ao deputado Ranieri Mazzilli no Nacional Club em São Paulo. *Nos tumultuosos dias pelos quais passou o nosso país uma ameaça pairava sobre os ombros de todos os brasileiros*” afirmou Edmundo. E continuou: *O Rádio oferece esta homenagem ao deputado Ranieri Mazzili pelo que fez em prol da liberdade de expressão*”²¹⁸. Dois dias depois, o homenageado seria ele. Em um banquete, novamente realizado no Nacional Club, empresários, banqueiros e membros da imprensa – entre eles o próprio Assis Chateaubriand- homenagearam o *batalhador da Democracia*, como a matéria intitulava Edmundo Monteiro. Ele, por sua vez, ao discursar na celebração afirmou:

Bem sabemos nós, homens de jornal, rádio e televisão que a luta apenas iniciou – que apenas ganhamos a guerra mas que teremos de obter a paz. Para isso, necessário se torna arregimentar todas as forças do bem, os homens de boa vontade, os espíritos compreensivos, os crentes num mundo mais feliz, mais humano e mais cristão. Necessitamos, enfim, formar o grande exército da reconstrução, para extirpar de vez para sempre não apenas o comunismo com seus terríveis males, mas também a corrupção moral e material, portadora de mensagens negativas que geram a descrença e amortecem os ideais²¹⁹.

Algumas poucas semanas após esse discurso, mais precisamente no dia treze de maio será oficialmente lançada a Campanha “Ouro para o bem do Brasil”. Como afirma Dreifuss, a *elite orgânica* desejava moldar o setor empresarial em uma *classe para si*²²⁰, ou seja, fazer com que ela apoie as diretrizes que a elite orgânica afirma serem as necessárias. Podemos perceber isso nas páginas do Diário Noite, antes e mesmo após o golpe. Com a Campanha, isso persiste. A busca pela hegemonia após o golpe, fazendo com que o novo governo represente os interesses de todas as classes sociais – não apenas a fração de uma – norteia toda a Campanha do Ouro. Vimos como isso se deu nos discursos que seus organizadores prestaram e no próprio conceito de democracia que os mesmos utilizaram. A Campanha do Ouro para o bem do Brasil buscou dar legitimidade ao novo governo e uma hegemonia, não só a ele, mas à classe dominante.

Vimos nesse capítulo os métodos e discursos utilizados, principalmente no que se refere ao conceito de democracia no pós golpe. Após, ao compreender o papel de Edmundo Monteiro na campanha, analisamos os intelectuais orgânicos, e como eles deram legitimidade ao novo

²¹⁸ **Diário da Noite:** 21/04/1964. p. 5.

²¹⁹ *Idem*, 23/04/1964. p. 5.

²²⁰ DREIFUSS, René Armand. *Op. cit.* p. 252

governo. Agora, para terminar, precisamos ir mais além. Compreender o papel do povo durante a campanha, para assim entender, como ele via esse novo governo e como relacionava com ele.

Certamente os dois elementos são importantes para entender o papel do povo durante a campanha. Vimos que ela arrecadou uma boa quantidade de recursos, tendo como prova do sucesso, toda a celebração de encerramento. Os discursos dos militares e da elite orgânica são peças chaves para entendermos o sucesso, e mesmo a própria campanha em si. Mas precisamos ir além, e assim, analisar o que os doadores achavam da campanha e do governo. Será que, como afirmava Edmundo Monteiro, as doações representaram um plebiscito ao novo governante, sendo assim os verdadeiros votos democráticos à figura de Castelo Branco?

Primeiramente, como já vimos, não podemos pensar que a campanha foi realmente o voto popular ao novo chefe da nação, e por isso, seria então um governo democrático. A democracia – embora seja esse um conceito meio difuso no período – não existia no governo de Castelo Branco, como já analisamos anteriormente. Trazendo novamente a discussão de Fiorin, sobre a democracia representativa, sendo esse algo que os militares evocavam, com a máxima de que *todo o poder emana do povo* nos coloca diante de uma questão. Qual foi o povo que compareceu nos locais de doação, e lá, doou seus recursos?

Para responder esse questionamento, o *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro mostra-nos uma interessante constatação dos doadores: *Geralmente são os ricos que doam ouro e objetos preciosos, porém, a classe média é a que mais comparece ao saguão dos Diários Associados, onde se encontram os cofres-fortes, destinados a guardar o produto da campanha*²²¹. A classe média – embora seja esse um conceito meio vago de análise - era segundo o jornal quem mais comparecia ao saguão dos Associados.

Embora seja difícil saber a classe social de todos que lá iriam, o excerto nos dá certas pistas. Apesar disso seria um erro afirmar que apenas a classe média comparecia e depositava seus recursos, apesar de ser proveniente dela a maior parte. Há vários exemplos de casos de pessoas humildes²²² que depositavam seus recursos, como o exemplo de uma senhora humilde de São Paulo, *que nada tinha para doar senão a aliança símbolo de um amor que começou há muito. Jamais o anel lhe saíra do dedo, pois representava a união sagrada. Mas, o reclamo da Nação falou mais alto e o civismo comandou seus gestos*²²³.

²²¹ *Jornal do Brasil*: 20/05/1964, p. 3

²²² “O que causa mais enternecimento é o ver-se pessoas simples entregarem suas alianças ou um dia de trabalho – “gota de suor”. Os humildes tem dado o que lhes é de mais caro e maior estima, tem-se desprendido com espírito abnegado e cívico de uma parcela dos seus vencimentos.” In. *Diário da Noite*: 30/05/1954. p. 7.

²²³ *Diário da Noite*: 16/05/1964, p. 18.

Apesar desses exemplos – e há outros de doações de pessoas humildes – suas falas são raras. Há poucas vezes em que aparecem nos jornais suas opiniões, sendo assim, difícil traçar maiores conclusões. Mas podemos analisa-las, as que existem, e assim, entender o que tais pessoas achavam sobre a campanha em si e o novo governo.

O servidor público Pedro O. Jangada, ao ser entrevistado pelo jornal curitibano *Diário da Tarde* ainda no mês de junho afirmou: *Somente resta ao povo paranaense honrar a oportunidade lhe concedida para tirar o Brasil dessa situação infamante de subdesenvolvido, subnutrido e demais depreciações de que usualmente é taxado*²²⁴. Por sua vez, o corretor Leonardo Guarino tem uma opinião semelhante:

O Brasil está atravessando uma fase econômica que muitos outros países já ultrapassaram. Contudo, devido ao rápido desenvolvimento em todos os setores temos que ultrapassar em rapidez todos os empreendimentos desses, sob pena de vermos banhado em sangue todo o território nacional. Este fato quase que foi consumado, daí surgirem as reações de todo o povo ordeiro, como é o caso da campanha do “Ouro para o Bem do Brasil”²²⁵.

Nos dois excertos podemos ver algo semelhante: a crise econômica e financeira que assolava o país no período. A inflação era algo sentida por todos e sendo assim, um eixo central na discussão do período, sendo, inclusive visto como uma forma do governo anterior fazer com que as pessoas apoiem o comunismo. O jornal *Zero Hora* da cidade de Porto Alegre assim anunciava:

Sabe porque seu dinheiro vale menos? Sabe porque o seu salário cada dia ficava menor para atender suas compras e necessidades? É porque o governo deposto criou diabolicamente uma inflação galopante para fazer de você um desesperado e torna-lo um partidário das soluções violentas, como o comunismo. Você, com seu desespero, seria a carne de canhão para os demagogos comunistas obterem o poder, e dominarem o Brasil com a sua ditadura, que só oferece humilhação, fuzilamento ou miséria. Colabore, você também na consolidação e salvaguarda da Democracia, anulando a ação nefasta dos Comunistas²²⁶.

A crise econômica, como vimos foi um dos principais discursos para a eclosão da campanha. Sendo ela sentida por todos, é um elemento que não podemos desmerecer. Sendo assim, será que as pessoas que doaram, fizeram esse gesto apenas por estarem sendo levadas

²²⁴ **Diário da Tarde**: 05/06/1964, p. 2

²²⁵ Idem: 05/06/1964, p. 2.

²²⁶ **Zero Hora**: 27/06/1964, p. 13. In. BORGES, Julio de Azambuja. **O perigo vermelho nas páginas de Zero Hora: anticomunismo e a construção da legitimidade da ditadura civil-militar (1964-1968)**. In: IX Encontro Estadual de História ANPUH – RS.

pelos discursos dos “revolucionários”, ou havia algo a mais, algo que possa explicar o sucesso financeiro e simbólico da campanha? Sobre isso, sem mais delongas podemos afirmar que as pessoas que doaram estavam imbuídas de uma racionalidade.

Empregamos uma definição mínima de ação racional: convencionalmente, um ato racional é um ato que foi escolhido porque está entre os melhores atos disponíveis para o agente, dadas as suas crenças e os seus desejos. Atos racionais maximizam preferências ou desejos, dadas determinadas crenças. Colocado de outra forma, a racionalidade requer que crenças, desejos e ações se relacionem de uma forma particular. Nesse sentido, a racionalidade é uma condição de consistência que sustenta que essa relação seja válida para todas as crenças, desejos e ações²²⁷.

Sendo assim, as doações partem de uma escolha racional. Como afirma Anthony Downs *por ação racional, entendemos a ação que é eficientemente planejada para alcançar os fins econômicos ou políticos conscientemente selecionados do autor*²²⁸. Para o autor estadunidense os cidadãos agem de forma racional na política²²⁹. Nesse sentido, mesmo, como já vimos que a campanha não possa ser vista da mesma forma que os votos de uma democracia, a lógica por traz dela se enquadra nos doadores. Ambos estão imbuídos de um ideal de racionalidade. A crise econômica, sendo essa sentida pelas pessoas, faz com que elas doem para que possam ver o Brasil livre da inflação, e assim, todo o mal que ela pode trazer.

Sendo então, um período de mudança, onde um novo conceito de democracia é evocado, isso de certa forma as da novas esperanças. Um novo começo e uma nova história para o Brasil, não sendo, necessariamente um voto cego ao novo governante, mas sim, visto como uma oportunidade de mudança. Podemos perceber isso na fala do fazendeiro Antonio Francisco de Oliveira, proprietário da Fazenda Alegre, na região próxima de Brasília, que doou trinta e cinco cabeças de gado à campanha. Segundo ele:

O que a gente não pode é continuar a ver um País tão bom como este, entregue aos desmandos de politiqueiros. Confio neste governo, porque ele não está fazendo política com a miséria do homem que trabalha no campo. Queremos e vamos ajudar os homens que estão de cima. Esperamos que eles também nos ajudem, dando médicos para nossos homens, que não podem ser criados como bichos do mato. Na minha região – disse ainda – nunca veio um médico, um veterinário, ou um agrônomo. É um problema ensinar os meninos a ler: e quando alguém adoecer tenho que levar no meu jipe a um médico em Anápolis ou em Brasília, onde a gente tem que entrar na fila e esperar muito tempo para ser atendido²³⁰.

²²⁷ FERREJOHN, John; PASQUINO, Pasquale. A Teoria da escolha racional na ciência política: Conceitos de racionalidade em teoria política. **REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**, v. 16, n. 45. p. 3.

²²⁸ DOWNS, Anthony. **Uma teoria econômica da democracia**. São Paulo: Edusp. 1999, p. 41.

²²⁹ Idem, p.57.

²³⁰ Jornal do Commercio: 06/06/1964, p. 5.

Uma lógica racional, onde os doadores doam seus recursos esperando algo em troca do novo governante, ou mais precisamente, a esperança de ver o país forte foi o que pautou as doações da campanha. O fazendeiro, ao reclamar do tratamento antigo que recebia no que se refere a saúde, colocava sua confiança no novo governo, ajudando-os e em troca, esperando a ajuda dele. Isso se aproxima da própria visão de democracia defendida por Fiorin, mesmo, como vimos, não sendo ele um governo democrático. Embora ela sendo constantemente evocada pelos militares – e por civis – não vemos a relação de dependência entre governante e governado, base de qualquer regime democrático. O último doa, pensando ser esse a maneira de ver o país grande e livre das crises, munido de um viés racional, aliado, sem dúvida as propagandas enaltecidas da elite orgânica – como a figura de Edmundo Monteiro. As pessoas, então, querendo o bem do país, e conseqüentemente seu próprio bem, doam seus recursos ao Brasil e ao governo. Embora a campanha possa ser entendida como um voto de confiança ao marechal, como os organizadores evocavam, ela vai além. Seria ela a esperança de ver um país forte, rico e próspero. Livre da corrupção e da inflação, levando assim o Brasil ao seu destino real no *concerto das Nações*.

Mas como vimos, as dúvidas presentes no que se refere ao destino dos recursos nas décadas seguintes acabam com esse sonho. A Campanha do Ouro para o bem do Brasil nasceu no simbólico e foi assim que ela permaneceu viva nas décadas seguintes. Não mais como a salvação da pátria, como se propunha em 1964, mas sim na sujeira e na enganação do povo que entregou seus recursos desejosos de verem um país grandioso. Vimos que esse foi um elemento presente nas discussões sobre o destino dos recursos nas décadas posteriores a 64. A busca pela legitimidade do novo governo teve a campanha como peça chave, e mesmo depois que ele estava por morrer, ela novamente foi evocada, agora não mais como o caminho que levaria o país ao sucesso, mas sim como um retrato da enganação que foram os vinte e um anos da ditadura militar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A década de 1960 é um marco na história brasileira. Tendo sido iniciada com um processo de polarização política, crise econômica e estrutural, culminaria com o golpe de 64 e o endurecimento da ditadura nos anos posteriores. Nesse sentido, a Campanha do Ouro tem um eixo primordial. É a partir dela que são denunciados os perigos pelos quais a nação passava, isto é, a crise econômica, com sua inflação, sentida pelas classes baixas e os anseios para que ela (a nação) possa voltar ao seu caminho natural de potência grandiosa, processo esse, interrompido por governos ditos *demagógicos* e *comunistas* que a estavam levando ao caos.

Nesse sentido surge a figura de um herói, um ser incorruptível que deseja o bem do país e de seus habitantes. É ele que evocam como o guardião do tesouro, sendo esse nada menos do que a própria imagem do futuro grandioso o qual aguarda o Brasil. Castelo Branco então passar a ser essa figura. Apesar de uma presença tímida nos idos da campanha – apenas alguns minutos, no qual doou um pequeno chaveiro de ouro – sua figura, evocada é colocada em um panteão superior. Ao doar, passa a ser apenas um brasileiro desejoso do bem do Brasil. Aliado a esses simbolismos, a campanha buscou dar legitimidade ao novo governo.

Essa busca norteou os objetivos da campanha, com um simbolismo de certa forma mais importante do que os bilhões de cruzeiros arrecadados em todo o território nacional. Foi a partir dela que se quis dar um apoio especial ao marechal Castelo Branco. Pautada no discurso de que o povo desejou a ação dos militares, e que, devido a isso, as doações seriam um voto ao novo governante, onde os cofres representariam as urnas.

O conceito de democracia evocado pelos militares difere daquele visto no regime democrático, mas, a sua máxima era presente no discurso: *o poder emana do povo*. Esse, por sua vez seria aquele que, desejoso de mudança, apoia o novo governo depositando seus recursos nos cofres da redenção. Esse apoio não se dá devido unicamente a uma propaganda que exalta o novo governo, mas vai além. Ao doar seu dinheiro, cheques ou objetos de ouro, acreditavam eles que essa seria a forma de ver o país livre da corrupção, da ganancia e dos governos anteriores. Há uma lógica racional que investe a opção dos doadores, que se viam como uma porta para um novo mundo e, conseqüentemente uma nova nação.

Por sua vez, a elite orgânica, na figura de Edmundo Monteiro seu principal mentor, o idealizador civil da campanha se articula para, nas páginas dos jornais, dar o apoio ao governo militar. A busca pela legitimidade pautou os discursos da campanha e, da mesma forma, a busca por uma hegemonia referente a classe dominante.

Tendo início em São Paulo no dia 13 de maio, a campanha logo se espalhou para todo o interior do estado paulista e do Brasil. Articulando-se com a memória de 1932, buscou ela uma afinidade simbólica com o passado. Tanto como o marco inicial, justamente no dia da libertação dos escravos e culminando então com 9 de julho – comemorado o início da “Rev. de 32” - marca assim um ciclo de *liberdade*. A libertação dos escravos em 1888 e a luta constitucionalista meio século depois se fundem no simbólico. São dois momentos onde a liberdade é evocada, sendo esse conceito algo chave nas duas ocasiões.

Da mesma forma em 1964, logo após o golpe, a liberdade é novamente enaltecida. Já não são mais os *políticos demagógicos e corruptos* que lá estão, mas justamente o oposto. Alguém que possui afinidades com o povo, e da mesma forma, apenas busca melhorias para o país. E não foi por outros motivos que a campanha se intitulou “Ouro para o bem do Brasil”. Era esse o passaporte para o país retomar sua caminhada interrompida rumo ao futuro certo e grandioso.

O sonho de um *milénarismo* brasileiro, ou seja, um período de paz e prosperidade, na década de sessenta começa a se transformar em dúvida. Logo após o término da campanha a questão referente ao destino dos recursos arrecadados – um valor considerável – começa a ser posta em xeque. De uma dúvida passará então à acusações formais aos envolvidos na arrecadação e resguardo dos bens doados.

Desejando ficar na história, quando os patriotas deram seu valor para salvar o país, a campanha acaba ficando na memória como uma grande armação, onde toda uma população foi enganada. A medida em que a ditadura vai perdendo sua legitimidade a campanha é evocada, agora como um simbolismo do fracasso e da mentira que foi o governo militar. A memória da campanha sobreviveu de uma forma que seus organizadores não previram. Como afirmou Iris Resende, ex-Prefeito de Goiânia, no ano de 1981, ao lembrar a campanha: *Doaram suas joias, seus objetos por acreditarem num país que, 17 anos depois, está mais individado(sic) ainda, importando até cebola*²³¹.

Por ser esse um dos primeiros trabalhos que abordam a temática da campanha me sinto feliz por trazer esse assunto à discussão historiográfica. A temática do golpe e o governo militar é um assunto que voltou a ser um ponto chave em discussões recentes, devido ao cinquentenário do golpe e a uma certa polarização política que tomou o país.

²³¹ **Jornal do Brasil**: 14/09/1981, p. 2.

Espero que esse meu trabalho possa ser útil a comunidade acadêmica e civil, e que o mesmo possa suscitar novos questionamentos e perguntas sobre 1964 e os anos posteriores. Por mais que tenha tentado abarcar uma imensa gama de exemplos de como a campanha serviu para dar legitimidade ao novo governo ainda há muitas perguntas que a envolve. A própria participação dos civis na conjuntura pós golpe e principalmente sobre a visão das pessoas humildes no que concerne o governo Castelo Branco. Por mais que tenha trazido certos elementos que possam ajudar nessas questões, sei que ainda é apenas um engatinhar. A campanha, junto com todo o seu simbolismo e seus mistérios convidam a novas pesquisas mais profundas e detalhadas.

LISTA DE FONTES

Diário da Noite: de 1943 até 1964.

Jornal do Brasil: de 1964 até 1981.

Jornal do Commercio/PR: 1964 até 1995.

Jornal do Comercio/AM: 1964

Diário de Noticias/PR: 1964 até 1992.

Diário de Noticias/RS: 1964.

O Fluminense: 1981.

Correio da Manhã: 1964.

Jornal Ronda: 1964.

Mensageiro Artex: 1964.

BIBLIOGRAFIA

- ARENDDT, Hannah. **Crises da República**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BARROS, José D.'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Editora Vozes Limitada, 2012.
- BOBBIO, Norberto. Política. **BOBBIO, N. et alii. Dicionário de política. Brasília, Editora da UnB**, 1986.
- BORGES, Julio de Azambuja. **O perigo vermelho nas páginas de Zero Hora: anticomunismo e a construção da legitimidade da ditadura civil-militar (1964-1968)**. In: IX Encontro Estadual de História ANPUH – RS.
- BURKE, Peter. **A escola dos ANNALES (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, c1997.
- CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- CODATO, Adriano Nervo; OLIVEIRA, Marcus Roberto de. **A marcha, o terço e o livro: catolicismo conservador e ação política na conjuntura do golpe de 1964**. Rev. Bras. Hist. vol.24 no.47 São Paulo, 2004.
- CORDEIRO, Janaina Martins. **Direitas em movimento: a campanha da mulher pela democracia e a ditadura no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2009. 202 p.
- DEMIER, Felipe Abranches. **O longo bonapartismo brasileiro (1930-1964): autonomização relativa do Estado, populismo, historiografia e movimento operário**. Tese (doutorado) em História. Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em História, 2012
- DOWNS, Anthony. *Uma teoria econômica da democracia*. São Paulo: Edusp
- DREIFUSS, Rene Armand. **1964: a conquista do estado: ação política, poder e golpe de classe**. 4. ed. Petropolis: Vozes, 1986. 814p.
- FABIANO, Guido. **O ouvinte**. 2016. 218 p.
- FEREJOHN, John; PASQUINO, Pasquale. **A TEORIA DA ESCOLHA RACIONAL NA CIÊNCIA POLÍTICA: Conceitos de racionalidade em teoria política**. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, v. 16, n. 45.

FERREIRA, Jorge. O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964. In: _____; DELGADO, Lucilia A. N. (orgs.). **O Brasil republicano (v. 3)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

FIORIN, José Luiz. **O regime de 1964: Discurso e ideologia**. São Paulo: Atual, 1988. 158 p.

GOULART, Jefferson O. Crônica de uma centralização anunciada: concentração de poder e dinâmica federativa sob a ditadura. In. NAPOLITANO, C.J; LUVIZOTTO, C.K.; LOSNAK, C.J.; GOULART, J.O.; (Org.) **O Golpe de 1964 e a Ditadura Militar em Perspectiva**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

HOEVELLER, Rejane Carolina. **René Dreifuss e o golpe de 1964: sobre teorias e “conspiracionismos”**. Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e práticas científicas.

KONRAD, Diorge Alceno; LAMEIRA, Rafael Fantinel. **Campanha da Legalidade, luta de classes e Golpe de Estado no Rio Grande do Sul (1961-1964)**. Anos 90, v. 18, n. 33, 2011.

MIGUEL, Luis Felipe **Meios de comunicação de massa e política no Brasil Diálogos Latinoamericanos**, núm. 3, 2001, pp. 43-70.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “perigo vermelho”: O anticomunismo no Brasil (1917-1964)**, São Paulo, Perspectiva/FAPESP, 2002.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá; REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; (org.). **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

PERAZZO, Priscila Ferreira; LEMOS, Vilma. **“LEGIONÁRIOS DA DEMOCRACIA” A Construção Retórica do Governo Militar Brasileiro recém-implantado em 1964**. Comunicação & Inovação, v. 4, n. 8, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de um método: as estratégias do fazer história. In: **História e História cultural**. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2008.

REZENDE, Maria José de. **Ditadura Militar No Brasil (1964-1984)–Repressão e Pretensão de Legitimidade**. Londrina: Eduel, 2001

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Castelo a Tancredo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

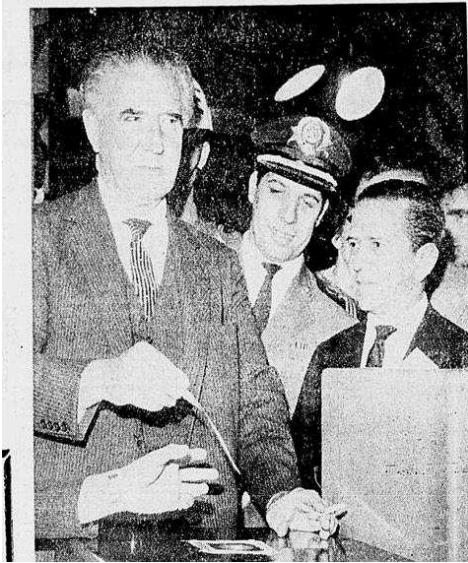
SODRE, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: GRAAL, 1977. 583 p.

ANEXOS

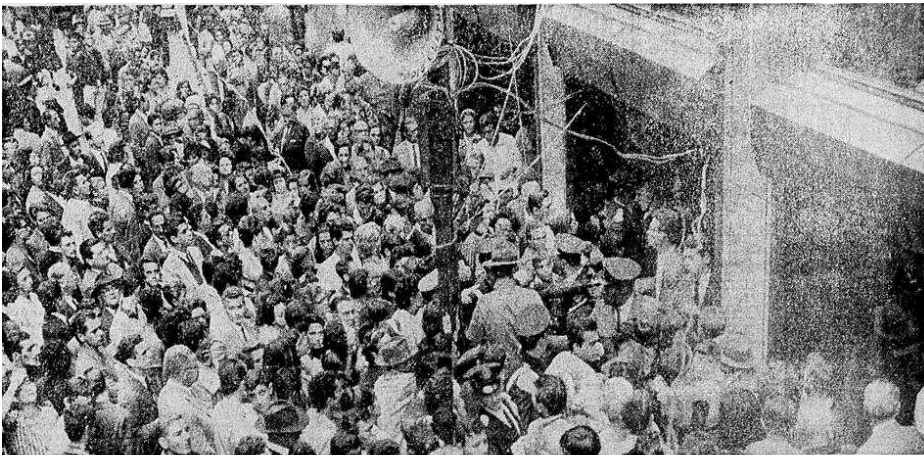


Cartão entregue na cidade de Blumenau a todos que contribuíram com a campanha no município catarinense. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. Fundo: Memória da cidade. Grupo: Coleção de Dossiê – 14 – Militar/Segurança. Subgrupo: 14.2 – Guerras/Revoluções.

Adhemar deu salário



Momento em que o Governador de São Paulo, Adhemar de Barros doa seu salário de 400 mil Cruzeiros à campanha. In. Diário da Noite: 16/05/1964. p. 1.



TUDO É AMOR AO BRASIL — Já era madrugada alta, quando a equipe de redatores, repórteres e fotógrafos do DIÁRIO DA NOITE concluía os trabalhos desta edição e, lá fora, em toda a parte fronteiriça ao prédio das "Diárias Associadas" enorme mole humana aguardava, paciente mente, o momento de traduzir, em ouro, todo o amor que devota à Patria comum. Amor imenso ao Brasil. E, so brevedade, atendimento imediato e patriótico à convocação para a cruzada de redenção nacional. Já os ponteiros da balança acusavam mais de 120 quilos do precioso metal, que irá revigorar o lastro do Tesouro Nacional, criando a tão desejada condição de revalorização do cruzeiro que a orgia inflacionária combalou.

Pessoas aguardam para doar na capital paulista. In. Diário da Noite: 15/05/1964. p.1.

A DEMOCRACIA PRECISA DE VOCÊ! DÊ OURO PARA O BEM DO BRASIL

OU UMA GÔTA DE SUOR, PELA PÁTRIA



TROQUE SUA ALIANÇA OU PEÇAS DE OURO — OU OFEREÇA UM DIA OU HORAS DE TRABALHO — PELA ALIANÇA OU ANEL-SÍMBOLO E TORNE-SE UM

“LEGIONÁRIO DA DEMOCRACIA”

ALERTA PATRIOTA!

VOCÊ NÃO PODE FICAR INDIFERENTE!

Contribuindo com ouro, dia ou horas de trabalho para o lastro do Tesouro Nacional, você ajudará a consolidar a democracia e possibilitará ao Governo criar melhores condições de vida para todos os Brasileiros, combatendo a inflação que empobrece a todos nós.

A sobrevivência da democracia depende da sua vigilância! De OURO PARA O BEM DO BRASIL ou UMA GÔTA DE SUOR PELA PÁTRIA e V. estará ajudando a preservar a democracia e ajudando a criar um regime de paz e tranquilidade!

SO OS COFRES INSTALADOS NOS “DIÁRIOS E EMISSORAS ASSOCIADOS” RECEBEM “OURO PARA O BEM DO BRASIL” e “UMA GÔTA DE SUOR PELA PÁTRIA”!

No saguão dos “DIÁRIOS E EMISSORAS ASSOCIADOS” estão instalados cofres para receber ouro ou sua contribuição em dinheiro, correspondente a um dia ou horas de trabalho! O recebimento, guarda e transporte dos valores é realizado exclusivamente pelas autoridades constituídas.

IMPORTANTE! NA CAPITAL — em nenhum outro lugar V. deve entregar sua aliança, peças de ouro ou dia de trabalho — apenas nos cofres instalados no saguão dos “DIÁRIOS E EMISSORAS ASSOCIADOS” que estão sob guarda de força armada, dia e noite.

NO INTERIOR — aguarde a orientação dos clubes Lions e Rotary, que estão autorizados a iniciar a Campanha, dentro dos dispositivos de segurança já divulgados neste jornal em comunicação oficial da “Comissão Executiva da Campanha Ouro para o bem do Brasil”.

**UMA CONTRIBUIÇÃO DOS
DIÁRIOS E EMISSORAS ASSOCIADOS**
com a colaboração das mulheres de São Paulo

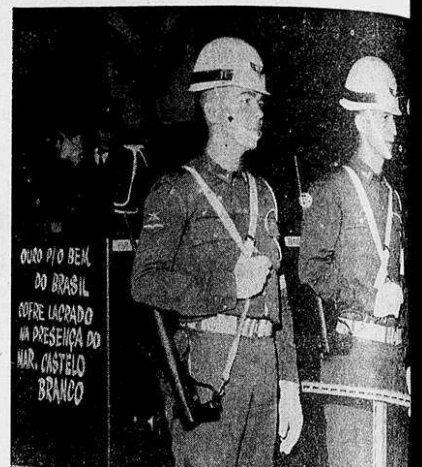
UMA ALIANÇA A TODOS OS “LEGIONÁRIOS DA DEMOCRACIA”

Ao entregar sua aliança, peça de ouro ou contribuição em horas de trabalho, V. recebe uma aliança ou anel-símbolo — que será o símbolo do seu patriotismo e de sua intransigente defesa dos ideais democráticos!

Doação de Castelo sob vibração popular



O presidente Castelo Branco, disse que havia vindo à São Paulo na qualidade de simples cidadão brasileiro, identificando-se naquele momento com o povo, que nele tanto crê e confia. O povo compreende o seu presidente e o aclama durante todo o percurso da rua Sete de Abril, até o saguão dos Associados, onde o presidente depositou nos cofres um chaveiro que ganhou de sua esposa como presente no 40.º aniversário de seu casamento.



Momento da chegada do presidente Castelo Branco na sede dos Diários Associados, em São Paulo, onde faria sua doação de um chaveiro de ouro. In. Diário da Noite: 27/05/1964. p. 8.

O OURO E O REI

Desde tempos imemoriais, cabia aos reis a guarda do ouro. A lenda e a história se reproduzem. A foto mostra o Rei da Estrada - o caminhão Scania-Vabis - transportando para Santos o ouro arrecadado na campanha "Ouro para o Bem do Brasil".



Sempre presente, o Rei da Estrada - o caminhão Scania-Vabis. Ai, numa missão diferente: transportar algo que não se avalia apenas em toneladas. A esperança de um povo em dias melhores. O esforço, o labor de brasileiros, e de amigos do Brasil. Grata missão, a que o Rei da Estrada desempenhou, e da qual muito nos orgulhamos.



SCANIA-VABIS DO BRASIL S.A.

—Veículos e Motores—

Propaganda da Scania-Vabis do Brasil S.A sobre sua participação na logística de entrega dos donativos ao porto de Santos após a campanha em São Paulo. In. Diário da Noite: 11/08/1964. p. 20.

Um povo que confia, merece viver sob o regime democrático. E o sucesso das campanhas "Ouro para o bem do Brasil" e "Uma gota de suor pela Pátria" foi a prova mais eloqüente e definitiva da grande vocação democrática do povo brasileiro. Os homens que conduzem os destinos da Nação tiveram uma sólida demonstração de que contam com o decidido apoio e a inabalável confiança de todos os brasileiros.

PATRIOTA: JAMAIS SERÁ ESQUECIDA A NOBREZA DO SEU GESTO!

A posteridade lembrará com orgulho esta geração. Ela nada poupou para que a Pátria continuasse. Este exemplo dignificante ficará na história como prova do valor de nossa brava gente. No encerramento desta histórica Campanha, os "Diários e Emissoras Associados" agradecem publicamente a todos aqueles — pessoas ou entidades — que atenderam ao seu apelo cívico e cerraram fileiras contribuindo para aumentar o lastro do Tesouro Nacional!

OBRIGADO POVO DE OURO

Obrigado aos milhares de patriotas da Legião Democrática!
Obrigado às Forças Armadas, cujo prestígio e autoridade asseguraram o êxito da Campanha!
Obrigado às diversas Empresas Comerciais e Industriais que prestaram contribuição inestimável!
Obrigado às mulheres de São Paulo!

RESULTADO FINAL

Desde o dia 13 de maio, quando foi iniciada a Campanha, até o dia 9 de julho, data do seu encerramento, foram arrecadados no Estado de São Paulo, em ouro e dinheiro, respectivamente:

OURO

1.200 quilos

DINHEIRO

Cr\$

2.652.204.620,00

CERCA DE **2 MILHÕES** DE ANÉIS SÍMBOLO FORAM ENTREGUES AO POVO

**USE COM ORGULHO SEU ANEL SÍMBOLO
— SÍMBOLO DE SUA INTRANSIGENTE DEFESA DA DEMOCRACIA!**



Início da campanha em Recife. Nos dizeres lemos: “Durante todo dia de ontem até a madrugada de hoje, pedreiros, carpinteiros e pintores trabalharam intensamente no prédio da antiga farmácia “Simões Barbosa”, sede da campanha “De Ouro para o bem do Brasil”. Três cofres para a guarda dos donativos já foram instalados. Hoje, à tarde, esses serviços de adaptação estarão concluídos, de modo que à noite tudo esteja preparado para a solenidade inaugural. Na fotografia, tirada na sede da campanha, um operário aparece pintando a legenda do movimento sobre as armas da República. In. Diário de Pernambuco: 01/07/1964. p. 1.

